RAFAELA LIMBERGER (ORG.)

"A VIDA DA ESCOLA SÃO OS ALUNOS"

HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DA ESCOLA ESTADUAL MARIANTE - RS

REALIZAÇÃO
MUNICÍPIO DE SANTA CRUZ DO SUL
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA
pimenta cultural
Realizado com recursos do FUNCULTURA – SECULT

RAFAELA LIMBERGER (ORG.)

"A VIDA DA ESCOLA SÃO OS ALUNOS"

HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DA ESCOLA ESTADUAL MARIANTE - RS

REALIZAÇÃO
MUNICÍPIO DE SANTA CRUZ DO SUL
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA
pimenta cultural
2025
São Paulo
Realizado com recursos do FUNCULTURA – SECULT

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

V648

"A vida da escola são os alunos": histórias e memórias da Escola Estadual Mariante - RS / Organização Rafaela Limberger. – São Paulo: Pimenta Cultural, 2025.

Livro em PDF

ISBN 978-85-7221-424-7
DOI 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-424-7

1. História. 2. Memória. 3. História Oral. 4. Enchente Rio Grande do Sul. 5. Escola Estadual de Ensino Médio Mariante – RS. I. Limberger, Rafaela (Org.). II. Título.

CDD 370.1522918165

Índice para catálogo sistemático:
I. Educação - Memória
II. Rio Grande do Sul (Estado)
Simone Sales • Bibliotecária • CRB: ES-000814/O

Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2025 os autores e as autoras.

Copyright da edição © 2025 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons:
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - (CC BY-NC-ND 4.0).
Os termos desta licença estão disponíveis em:
<https://creativecommons.org/licenses/>.
Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural.
O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

Direção editorial	Patricia Bieging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patricia Bieging
Gerente editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Assistente editorial	Júlia Marra Torres
Estagiária editorial	Ana Flávia Pivisan Kobata
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Naiara Von Groll
Editoração eletrônica	Andressa Karina Voltolini
Estagiária em editoração	Stela Tiemi Hashimoto Kanada
Imagens da capa	Giusepe Fontanari Leite
Tipografias	Acumin, Belarius Poster, DK Bocadillo Regular, JMH Typewriter
Revisão	Gabriela Schwengber Felipe Augusto Kopp
Organizadora	Rafaela Limberger

PIMENTA CULTURAL
São Paulo • SP
+55 (11) 96766 2200
livro@pimentacultural.com
www.pimentacultural.com

2025

CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO

Doutores e Doutoras

Adilson Cristiano Habowski
Universidade La Salle, Brasil

Adriana Flávia Neu
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Adriana Regina Vettorazzi Schmitt
Instituto Federal de Santa Catarina, Brasil

Aguimario Pimentel Silva
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Alaim Passos Bispo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Alaim Souza Neto
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Knoll
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Regina Müller Germani
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Aline Corso
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Aline Wendpap Nunes de Siqueira
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Ana Rosangela Colares Lavand
Universidade Estadual do Norte do Paraná, Brasil

André Gobbo
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

André Tanus Cesário de Souza
Faculdade Anhanguera, Brasil

Andressa Antunes
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Andressa Wiebusch
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Andreza Regina Lopes da Silva
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Angela Maria Farah
Universidade de São Paulo, Brasil

Anísio Batista Pereira
Universidade do Estado do Amapá, Brasil

Antonio Edson Alves da Silva
Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Antonio Henrique Coutelo de Moraes
Universidade Federal de Rondonópolis, Brasil

Arthur Vianna Ferreira
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Ary Albuquerque Cavalcanti Junior
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Asterlindo Bandeira de Oliveira Júnior
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Bárbara Amaral da Silva
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Bernadétte Beber
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Bruno Rafael Silva Nogueira Barbosa
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Caio Cesar Portella Santos
Instituto Municipal de Ensino Superior de São Manuel, Brasil

Carla Wanessa do Amaral Caffagni
Universidade de São Paulo, Brasil

Carlos Adriano Martins
Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil

Carlos Jordan Lapa Alves
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Caroline Chioquetta Lorenset
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Cassia Cordeiro Furtado
Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Cássio Michel dos Santos Camargo
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Cecilia Machado Henriques
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Christiano Martino Otero Avila
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Cláudia Samuel Kessler
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Cristiana Barcelos da Silva
Universidade do Estado de Minas Gerais, Brasil

Cristiane Silva Fontes
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Daniela Susana Segre Guertzenstein
Universidade de São Paulo, Brasil

Daniele Cristine Rodrigues
Universidade de São Paulo, Brasil

Dayse Centurion da Silva
Universidade Anhanguera, Brasil

Dayse Sampaio Lopes Borges
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Deilson do Carmo Trindade
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, Brasil

Diego Pizarro
Instituto Federal de Brasília, Brasil

Dorama de Miranda Carvalho
Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil

Edilson de Araújo dos Santos
Universidade de São Paulo, Brasil

Edson da Silva
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Brasil

Elena Maria Mallmann
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Eleonora das Neves Simões
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Eliane Silva Souza
Universidade do Estado da Bahia, Brasil

Elvira Rodrigues de Santana
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Estevão Schultz Campos
Centro Universitário Adventista de São Paulo, Brasil

Éverly Pegoraro
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Fábio Santos de Andrade
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Fabrícia Lopes Pinheiro
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Fauston Negreiros
Universidade de Brasília, Brasil

Felipe Henrique Monteiro Oliveira
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Fernando Vieira da Cruz
Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Flávia Fernanda Santos Silva
Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Gabriela Moysés Pereira
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Gabriella Eldereti Machado
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Germano Ehlert Pollnow
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Geuciane Felipe Guerim Fernandes
Universidade Federal do Pará, Brasil

Geymeesson Brito da Silva
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Giovanna Ofretorio de Oliveira Martin Franchi
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Handherson Leyltton Costa Damasceno
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Hebert Elias Lobo Sosa
Universidad de Los Andes, Venezuela

Helciclever Barros da Silva Sales
Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, Brasil

Helena Azevedo Paulo de Almeida
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Hendy Barbosa Santos
Faculdade de Artes do Paraná, Brasil

Humberto Costa
Universidade Federal do Paraná, Brasil

Igor Alexandre Barcelos Graciano Borges
Universidade de Brasília, Brasil

Inara Antunes Vieira Willerding
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Jaziel Vasconcelos Dorneles
Universidade de Coimbra, Portugal

Jean Carlos Gonçalves
Universidade Federal do Paraná, Brasil

Joao Adalberto Campato Junior
Universidade Brasil, Brasil

Jocimara Rodrigues de Sousa
Universidade de São Paulo, Brasil

Joelson Alves Onofre
Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil

Jónata Ferreira de Moura
Universidade São Francisco, Brasil

Jonathan Machado Domingues
Universidade Federal de São Paulo, Brasil

Jorge Eschriqui Vieira Pinto
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Jorge Luís de Oliveira Pinto Filho
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Juliana de Oliveira Vicentini
Universidade de São Paulo, Brasil

Juliano Milton Kruger
Instituto Federal do Amazonas, Brasil

Julianno Pizzano Ayoub
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Julierme Sebastião Morais Souza
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Junior César Ferreira de Castro
Universidade de Brasília, Brasil

Katia Bruginski Mulik
Universidade de São Paulo, Brasil

Laionel Vieira da Silva
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Lauro Sérgio Machado Pereira
Instituto Federal do Norte de Minas Gerais, Brasil

Leonardo Freire Marino
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Leonardo Pinheiro Mozdzenski
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Letícia Cristina Alcântara Rodrigues
Faculdade de Artes do Paraná, Brasil

Lucila Romano Tragtenberg
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Lucimara Rett
Universidade Metodista de São Paulo, Brasil

Luiz Eduardo Neves dos Santos
Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Maikel Pons Giralt
Universidade de Santa Cruz do Sul, Brasil

Manoel Augusto Polastreli Barbosa
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Marcelo Nicomedes dos Reis Silva Filho
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Márcia Alves da Silva
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Marcio Bernardino Sirino
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Marcos Pereira dos Santos
Universidad Internacional Iberoamericana del Mexico, México

Marcos Uzel Pereira da Silva
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Marcus Fernando da Silva Praxedes
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Brasil

Maria Aparecida da Silva Santandel
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Maria Cristina Giorgi
Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Brasil

Maria Edith Maroca de Avelar
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Marina Bezerra da Silva
Instituto Federal do Piauí, Brasil

Marines Rute de Oliveira
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Mauricio José de Souza Neto
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Mauricio José de Souza Neto
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele Marcelo Silva Bortolai
Universidade de São Paulo, Brasil

Mônica Tavares Orsini
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Nara Oliveira Salles
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Neide Araujo Castilho Teno
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Brasil

Neli Maria Mengalli
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Patricia Bieging
Universidade de São Paulo, Brasil

Patricia Flavia Mota
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Patrícia Helena dos Santos Carneiro
Universidade Federal de Rondônia, Brasil

Rainei Rodrigues Jadejiski
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Raul Inácio Busarello
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Raymundo Carlos Machado Ferreira Filho
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Ricardo Luiz de Bittencourt
Universidade do Extremo Sul Catarinense, Brasil

Roberta Rodrigues Ponciano
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Robson Teles Gomes
Universidade Católica de Pernambuco, Brasil

Rodiney Marcelo Braga dos Santos
Universidade Federal de Roraima, Brasil

Rodrigo Amancio de Assis
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Rodrigo Sarruge Molina
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Rogério Rauber
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Rosane de Fatima Antunes Obregon
Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Samuel André Pompeo
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Sebastião Silva Soares
Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Silmar José Spinardi Franchi
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Simone Alves de Carvalho
Universidade de São Paulo, Brasil

Simoni Urnau Bonfiglio
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Stela Maris Vaucher Farias
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Tadeu João Ribeiro Baptista
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Taíza da Silva Gama
Universidade de São Paulo, Brasil

Tania Micheline Miorando
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tarcísio Vanzin
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Tascieli Feltrin
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tatiana da Costa Jansen
Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, Brasil

Tayson Ribeiro Teles
Universidade Federal do Acre, Brasil

Thiago Barbosa Soares
Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Thiago Camargo Iwamoto
Universidade Estadual de Goiás, Brasil

Thiago Medeiros Barros
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Tiago Mendes de Oliveira
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Vanessa de Sales Marruche
Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Vanessa Elisabete Raue Rodrigues
Universidade Estadual do Centro Oeste, Brasil

Vania Ribas Ulbricht
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Vinicius da Silva Freitas
Centro Universitário Vale do Cricaré, Brasil

Wellington Furtado Ramos
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Wellton da Silva de Fatima
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Wenis Vargas de Carvalho
Universidade Federal da Grande Dourados, Brasil

Yan Masetto Nicolai
Universidade Federal de São Carlos, Brasil

PARECERISTAS E REVISORES(AS) POR PARES

Avaliadores e avaliadoras Ad-Hoc

Alcidinei Dias Alves
Logos University International, Estados Unidos

Alessandra Figueiró Thornton
Universidade Luterana do Brasil, Brasil

Alexandre João Appio
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Artur Pires de Camargos Júnior
Universidade do Vale do Sapucaí, Brasil

Bianka de Abreu Severo
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Carlos Eduardo B. Alves
Universidade Federal do Agreste de Pernambuco, Brasil

Carlos Eduardo Damian Leite
Universidade de São Paulo, Brasil

Catarina Prestes de Carvalho
Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, Brasil

Davi Fernandes Costa
Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, Brasil

Denilson Marques dos Santos
Universidade do Estado do Pará, Brasil

Domingos Aparecido dos Reis
Must University, Estados Unidos

Edson Vieira da Silva de Camargos
Logos University International, Estados Unidos

Edwins de Moura Ramires
Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, Brasil

Elisiene Borges Leal
Universidade Federal do Piauí, Brasil

Elizabete de Paula Pacheco
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Elton Simomukay
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Francisco Geová Goveia Silva Júnior
Universidade Potiguar, Brasil

Indiamaris Pereira
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Jacqueline de Castro Rimá
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Jonas Lacchini
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Brasil

Lucimar Romeu Fernandes
Instituto Politécnico de Bragança, Brasil

Marcos de Souza Machado
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele de Oliveira Sampaio
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Nívea Consuêlo Carvalho dos Santos
Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, Brasil

Pedro Augusto Paula do Carmo
Universidade Paulista, Brasil

Rayner do Nascimento Souza
Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, Brasil

Samara Castro da Silva
Universidade de Caxias do Sul, Brasil

Sidney Pereira Da Silva
Stockholm University, Suécia

Suélen Rodrigues de Freitas Costa
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Thais Karina Souza do Nascimento
Instituto de Ciências das Artes, Brasil

Viviane Gil da Silva Oliveira
Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Walmir Fernandes Pereira
Miami University of Science and Technology, Estados Unidos

Weyber Rodrigues de Souza
Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil

William Roslindo Paranhos
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Parecer e revisão por pares

Os textos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação do Conselho Editorial da Pimenta Cultural, bem como revisados por pares, sendo indicados para a publicação.

SUMÁRIO

Luciane Sgarbi Grazziotin
Prefácio
Foi a última vez que vi a escola **12**

Alexandre Ferraz da Conceição
Apresentação **17**

CAPÍTULO **1**
Maria Luiza Adoryan Machado
O que as águas não levaram:
Memórias escolares entre o luto, a travessia
e a reinvenção do cotidiano **21**

CAPÍTULO **2**
Gabriele Milena Junges
Larisa da Veiga Vieira Bandeira
Luciane Bresciani Lopes
Sinara:
A guardiã das boas lutas **43**

CAPÍTULO **3**
Kauã Lucas Drunn
Gabriela Schwengber
Marcos Hinterholz
"A escola é a vida...":
Histórias e memórias da Escola Mariante
através das décadas **58**

CAPÍTULO **4**

Fabiano Júnior Reckziegel da Conceição
Tainá Martins de Barros
Letícia da Silva

"Dentro da cabecinha de cada um deles, essa história não vai morrer":
Memórias sensíveis de Lairton **71**

CAPÍTULO **5**

Thauan de Paula Fonseca
Camila da Rosa
Carlos Gilberto Pereira Dias

A escola ainda existe:
Vínculos e memórias **85**

CAPÍTULO **6**

Carine Menna Barreto
Rafaela Limberger

A força e a coragem das mulheres na enchente:
Vidas que se entrelaçam para contar a história da escola Mariante **96**

CAPÍTULO **7**

Luana Eduarda Schmitt da Silva
Lucas Costa Grimaldi
Ricardo Figueiró Cruz

A memória é o que fica?
Arquitetura escolar em memórias da comunidade da Escola Mariante – RS **109**

CAPÍTULO **8**

Igor Ivan Pacheco de Araújo
Eduardo Cristiano Hass da Silva
Marisa Fernanda da Silva Bueno

Entre as águas, resistência:
Memórias da professora e diretora Naira **125**

CAPÍTULO **9**

Eduardo Brandão da Rosa
Rosane Sasset
Escolas Mariante e Adelina:
Somos todos um **143**

CAPÍTULO **10**

Helen da Silva Silveira
O rio de Taquaras:
Um breve histórico da Vila Mariante
e da cidade de Venâncio Aires – RS **158**

Betina Hillesheim
Posfácio
Registros para lembrar: A Escola Estadual Mariante **173**

Sobre as autoras e os autores **176**

Índice remissivo **180**

PREFÁCIO
FOI A ÚLTIMA VEZ QUE VI A ESCOLA

Luciane Sgarbi Grazziotin[2]

Vi se afogar o brilho de uma mulher
Que eu vi chorar nos braços de alguém qualquer
Eu vi lavar as mãos sem nem se sujar
Eu vi secando o chão após tempestar

(Lagum, 2025)[3]

Essa epígrafe, assim como o título deste texto, *Foi a última vez que vi a escola*, retiradas, respectivamente, de um excerto de uma música do grupo Lagum e de uma narrativa de memória produzida para esta obra evocam imagens de tristeza, como é de se esperar de um evento que causa perdas materiais e pessoais.

A falta, a ausência, a impossibilidade do retorno de alguém ou de alguma coisa só são minimizadas pela memória e pela ação de memoriar. O ato de memoriar — verbo transitivo que significa registrar em memória, consignar, escrever memórias, fazer relato ou narração acerca de — está aqui presentificado nesta obra, organizada por Rafaela Limberger, em que cada entrevistado evoca lembranças de uma escola, de uma comunidade, de um espaço carregado de significados. É por meio das memórias desencadeadas no processo de fala e escuta que temos a possibilidade do reencontro com o que

2 Professora e pesquisadora na graduação e no Programa de Pós-Graduação em Educação da Escola de Humanidades da Universidade do Vale do Rio dos Sinos/UNISINOS. Líder do Grupo de pesquisa EBRAMIC — Educação no Brasil: memória, instituições e cultura escolar (CNPq).

3 LAGUM. A última nuvem do céu. *In*: LAGUM. **As cores, as curvas e as dores do mundo**. Vitória, ES: Ilha Records, 2025. 3m21s. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=GtEtZhPcOFc&list=RDGtEtZhPcOFc&start_radio=1. Acesso em: 13 jun. 2025.

foi "*afogado*" pelas águas, "*imagens*" trazidas por cada um daqueles que estão aqui, nestas páginas, a recordar.

A importância destes registros, para além do ato de recordar, está no artefato livro, organizado como forma de retorno à comunidade, como uma maneira de devolver a esse lugar recordações das pessoas da comunidade de Vila Mariante, de modo geral, e, de maneira particular, da Escola Estadual de Ensino Médio Mariante.

Na apresentação dos objetivos, a organizadora do livro afirma que a intenção foi "*Contar a história da Escola, de forma simples e bonita, uma vez que todos os registros de sua existência foram perdidos nas águas, restando apenas as memórias da comunidade escolar*".

Na leitura dos capítulos, percebem-se, em cada narrativa, aspectos distintos, pluralidade de "*recuerdos*" que torna a obra tão importante, e é com o argumento da escolha temática, da execução coletiva, da amplitude no alcance, dos afetos escolhidos e da abrangência do que está escrito que cabe articular esta apresentação com uma vertente da história, que inicia no Brasil em 2011, chamada História Pública, porque a escola é pública e as narrativas aqui presentes vieram, por meio da História Oral, de um público e retornam, por meio de uma publicação, a um espaço público. Nesse sentido, o debate em torno da História Pública pode construir "[...] um senso do público a respeito de seus próprios passados [de como ele] pode ser consumido ativamente e debatido criticamente" (Liddington, 2011, p. 45)[4].

Segundo Liddington (2011), a História Pública tem um espectro relativamente amplo e pode abranger diferentes formas da História chamada "popular" — seja ela História Oral, história dos povos ou estudos do patrimônio. Desse modo, os estudos de História Pública estão ligados a como adquirimos nosso senso de passado

4 LIDDINGTON, Jill. O que é História Pública. *In*: ALMEIDA, Juniele Rabelo; ROVAI, Marta Gouveia. **Introdução à História Pública**. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

por meio da memória, da paisagem, do arquivo, da arqueologia, do patrimônio cultural e, por consequência, da forma como esses passados são apresentados publicamente. O livro, organizado por Rafaela Limberger, congrega memórias de paisagem, de patrimônio material, de arquitetura, de arquivos e de tantos outros aspectos que são nuances da cultura material e que fazem parte da experiência humana de escolarização e de pertencimento.

Sempre que lemos sobre esse campo chamado História Pública, os historiadores se referem ao patrimônio cultural de forma ampla. No entanto, importa aqui que façamos um recorte, circunscrevendo essa ideia de patrimônio cultural ao patrimônio histórico educacional, ao legado de uma escola e sua relação com uma comunidade. Como afirma Meneses (2018, p. 69)[5], "todo o patrimônio é uma forma de história pública. É história porque registra o tempo da construção memorialística geradora do sentido patrimonial, e é pública porque assume os discursos da coisa que é de todos".

Se assumimos a universalidade da escola, no sentido de que seja pública, gratuita e obrigatória para todos, podemos assumir que importa a todos conhecer seu passado. Todos podem ter acesso, por meio de diferentes artefatos, de fragmentos perenizados em instituições que os conservam e de lampejos de lembranças que se perenizam nas páginas de um livro.

Amplio aqui a discussão que trago na apresentação desta obra, salientando que, não só as instituições de educação formal, como escolas, no caso a Escola Mariante, mas também as chamadas instituições que abrigam patrimônios "difíceis" — como orfanatos, patronatos, hospitais de internação compulsória — precisam ter preservados os traços de escolarização e de educação. As memórias, em certa medida eternizadas neste livro, presentificam elementos

5 MENESES, José Newton Coelho. *In*: ALMEIDA, Juniele Rabelo; MENESES, Sônia. **História Pública em Debate**: patrimônio, educação e mediações do passado. São Paulo: Letra e Voz, 2018.

da escolarização que foram e devem continuar sendo estudados em âmbito acadêmico, ao mesmo tempo em que, no viés da História Pública, podem ser "democratizados", tornando-se objeto de "desfrute prazeroso".

Pensar a produção da obra aqui apresentada — composta por dez capítulos, organizados por meio de entrevistas com membros da comunidade —, na sua relação com a História Pública e com a História do patrimônio educacional, "deixa de ser um exercício [...] erudito, passando a objetivar a construção de produtos para serem lidos, fruídos, interpretados por uma gama maior de consumidores" (Meneses, 2018, p. 70).

Este "produto", um livro, que tem em suas páginas as memórias de uma escola, de uma comunidade, sobre um evento, a enchente de 2024, alia-se à História da Educação. É a maneira encontrada de publicizar essa história na forma de pesquisa, com a utilização de ferramentas acadêmicas, mas, sobretudo, como forma de acolhida a essa comunidade, para que seja possível o acesso a um espaço em que foi produzido um coletivo de memórias sobre a Escola Mariante.

Importa registrar que, neste livro, as maneiras de lembrar, e a dimensão do acesso às memórias de cada um, carregam o *status* de apropriação, de fruição. Deixemos que os sentidos e as sensibilidades sejam despertados pelo processo de olhar, tocar e, por que não, "*escutar*" o produto da representação historiográfica.

Registrar e socializar as memórias, elaborar, com elas, esta obra e, para isso, trazer os alunos da comunidade para dentro dela, como protagonistas de seu conteúdo, convidar colegas, amigos e pessoas pertencentes à comunidade para partilhar, juntos, de uma discussão, conseguir verba, por meio de um edital, para custear a publicação, assinala um querer bem à comunidade, à escola, no lugar assumido como pesquisadora comprometida.

Em cada relato sobre as perdas de uma comunidade pela enchente, no desaparecimento de uma escola carregada pelas águas, os leitores encontrarão, nas páginas que seguem, enfoques sensíveis sobre uma mesma temática.

Porto Alegre, inverno de 2025.

APRESENTAÇÃO

Alexandre Ferraz da Conceição[1]

Fazer a apresentação deste livro foi um convite que aceitei de imediato. Como pesquisador e, antes disso, como amigo e parceiro acadêmico da idealizadora desta obra, vi nas intenções e na concretude deste trabalho a composição de um artefato de salvaguarda não apenas da memória, mas também de afetos. Posso dizer que a mim esta leitura afetou de forma muito expressiva. Acredito que a tessitura da obra tenha sido inteiramente feita desta forma: no afeto e pelo afeto. Afeto que os autores têm pelo lugar que buscaram materializar por meio da produção e escrita de memórias, bem como do afeto de uma professora por seus jovens alunos, impactados pelas cheias de maio de 2024.

A última referência trazida acima, de uma sensibilidade muito bonita, denota a capacidade de reconhecer, no caos, a possibilidade de ressignificar uma situação aparentemente sem perspectivas. Foi, assim, o germe deste livro. A professora Rafaela Limberger ministrava disciplinas das trilhas do Ensino Médio na Escola Estadual de Ensino Médio Mariante, distrito de Venâncio Aires, e acompanhou as chuvas incessantes de maio de 2024 e a consequente subida do nível do rio Taquari, que passava do lado da escola. Os anúncios diziam que aquela poderia ser uma enchente histórica, que colocaria em risco a escola, a comunidade e a vida daqueles que ali residiam.

Antes fosse um alarme falso, mas infelizmente a inundação chegou. Com a força das cheias, viu-se o arrastar do mobiliário pelas águas, a deterioração das paredes e estruturas físicas do prédio,

1 Professor, licenciado em Ciências Biológicas e Pedagogia. Mestre e doutorando em Educação pela UNISINOS.

a destruição de documentos de toda a ordem e o súbito desaparecimento de uma instituição escolar. A impossibilidade de permanência na escola fez com que a Secretaria Estadual de Educação (Seduc–RS) providenciasse, como medida, a transferência dos estudantes da Escola Mariante para o educandário Adelina Konzen, pertencente a uma localidade perto de Mariante. Os professores que lecionavam na escola afetada drasticamente pela enchente também tiveram que ser realocados.

Uma parte dos alunos e alunas da antiga Escola Mariante, apesar da distância do novo educandário, deram continuidade aos seus estudos na receptiva Escola Adelina. Talvez estes adolescentes recém-chegados neste novo espaço não esperassem reencontrar aquela professora que tiveram, conhecida por não esmorecer mesmo com o trajeto de praticamente duas horas para a realização do seu fazer pedagógico. A solicitação feita pela professora Rafaela junto à 6ª Coordenadoria Regional de Educação (6ª CRE) para que prosseguisse como docente dos alunos da Escola Mariante, agora na Escola Adelina, justificava-se no afeto da docente com as e os estudantes e também pelo fato de que a presença dela poderia ser uma real extensão da escola que estes adolescentes tiveram por longos anos.

Obtendo êxito na solicitação, a professora Rafaela pôde reencontrar suas alunas e alunos. Creio que nada seja por acaso e, ao referir isso, entendo que a chegada da docente para a nova instituição tenha ocorrido com propósitos muito evidentes. Os bons reencontros nos dizem muito e este não foi diferente. Entendendo o processo doloroso que consistiu a súbita mudança de escola e a certa perda de identidade discente, a professora Rafaela percebeu que a história da Escola Mariante não poderia ser levada pelas águas turvas de uma enchente severa. Foi aí que ela fez um convite especial aos seus alunos e alunas: a produção de um livro de memórias sobre a escola que proporcionou a eles trajetórias tanto individuais quanto coletivas.

É importante ressaltar que a intenção da professora, que é acadêmica do curso de Doutorado em Educação, permitiu a aproximação de segmentos que, por vezes, não dialogam: a universidade e a escola. A proposta da docente incluiu o ensino da metodologia de História Oral, utilizada pela professora em suas pesquisas. Os estudantes de Ensino Médio não só conheceram, mas puderam aplicar o método que consiste em mobilizar a memória na perspectiva historiográfica.

Dito isso, a organização deste livro de memórias contou com as instruções metodológicas ministradas pela professora Rafaela durante os períodos das disciplinas no decorrer do 2º semestre de 2024. Ao reconhecerem o método, os 7 alunos e alunas da 3ª série do Ensino Médio elegeram o campo empírico e deram início às entrevistas que foram realizadas todas dentro do ambiente escolar. Contando com a narrativa de professores e membros da direção da Escola Mariante, mãe de alunos e da diretora da Escola Adelina, os as e os estudantes puderam tecer uma rede de histórias repletas de emoção acerca de um lugar comum a todos eles. Enquanto um grupo de estudantes dedicava-se às entrevistas, outro se voltava às suas transcrições.

A convite da professora Rafaela, amigos e parceiros acadêmicos formaram uma co-autoria com os estudantes na escrita dos 10 capítulos desta obra. Os convidados escolhidos ao sensibilizarem-se com as intenções do trabalho puderam conhecer lindas e emocionantes histórias da comunidade escolar de Mariante, além de reconhecer a aplicação de uma metodologia de trabalho acadêmico, usual em seus trabalhos, sendo utilizada em um trabalho escolar com tamanho aprofundamento e qualidade. O referido livro foi contemplado com uma verba pública do município de Santa Cruz do Sul — RS para a sua realização, o edital nº011/SECULT/2024 — Produção Artística e Cultural. Além disso, conta com a arte sensível e bonita da capa, realizada pelo artista local Pepe Fontanari, que, com seu traço cuidadoso e detalhado, retrata o companheirismo e a força dos sete

estudantes, que também são autores desta obra e os personagens centrais do afeto da professora. Eles são a força motriz deste projeto.

É impossível não declarar meu orgulho pela estimada professora Rafaela Limberger, minha amiga e parceira de caminhada acadêmica, por permitir que, por intermédio da memória, uma instituição escolar, bem como toda sua significação, não se perdesse frente aos danos causados por uma intempérie severa. Nesta obra, leitor, leitora, será possível um reencontro com o passado e o encantar-se com um lugar que abrigou vidas e histórias, agora, salvaguardadas neste livro que intitulei como um artefato de afetos. Tive a honra e a satisfação de apresentar, nestas breves linhas, a leitura que me emocionou grandemente. Com você, tenho certeza que não será diferente.

1

Maria Luiza Adoryan Machado

O QUE AS ÁGUAS NÃO LEVARAM:
MEMÓRIAS ESCOLARES ENTRE O LUTO, A TRAVESSIA E A REINVENÇÃO DO COTIDIANO

Entrevista concedida pelas(os) discentes Eduardo Brandão da Rosa, Fabiano Júnior Reckziegel da Conceição, Gabriele Milena Junges, Igor Ivan Pacheco de Araújo, Kauã Lucas Drunn, Luana Eduarda Schmitt da Silva e Thauan de Paula Fonseca

*Palavras de abertura: Este livro nasceu da escuta sensível de uma comunidade inteira: a Escola Mariante — feita de estudantes, professoras, equipe escolar, famílias, vizinhos e tantos outros afetos que resistem juntos. Uma comunidade viva, que constrói e é construída no cotidiano compartilhado. Este capítulo, em especial, foi tecido a partir das entrevistas com as/os estudantes, que narraram com coragem e generosidade o impacto da perda de sua escola. Suas falas não falam só de si: nelas ecoam também as vozes de quem cuidou, ensinou, acolheu e caminhou ao lado. Essas narrativas só puderam existir porque foram escutadas com presença e delicadeza pela professora Rafaela — que, além de organizadora desta obra, é nossa informante especial. Ela sustentou o fio das memórias com

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-424-7.1

afeto e ética, como quem acende pequenas lanternas pelo caminho, nas palavras de Paulo Freire. Foi nesse espírito de partilha e compromisso que este capítulo foi sonhado — e realizado.

"Dá vontade de chorar, tamo quase chorando aqui"
(Fabiano e Thauan)

ESTE TEXTO É RIZOMA

Como certas raízes — de bambu, de gengibre —, este texto não cresce em linha reta. Ele não tem começo, meio e fim definidos. Se espalha, dobra, atravessa. Pode ser lido por qualquer ponto e, ainda assim, fazer sentido.

Imagem 1 - Rizomas

Fonte: Antoni Shkraba Studio, disponível em: https://www.pexels.com/pt-br/foto/maos-solo-terra-folhas-verdes-7342664/, 2021.

A ideia de rizoma vem dos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari, e nos inspira a pensar em conexões livres, não lineares, como raízes subterrâneas ou afetos que se encontram sem aviso. Este capítulo é assim: um entrelaçamento de vozes, uma travessia coletiva feita de memórias, saudades, esperanças.

Somos muitos nestas linhas. Estudantes, professoras, vizinhos, famílias, moradores, pesquisadoras — e até quem nunca pisou na Escola Mariante, mas se reconhece em sua história. Porque falar de escola, de perda e de recomeço é falar de coisas que tocam qualquer tempo e lugar.

Nosso objetivo é este: eternizar narrativas sobre uma existência que vale, que pulsa, que se transforma. Uma memória que não é estática, mas viva. Um texto que não é discurso, mas escuta. Aqui, falamos de adaptação, de luto e de ressignificação. Não falamos sozinhos. Esta escrita é roda — múltiplas vozes num mesmo gesto de cuidado.

UM CHÃO QUE ERA CASA

"A minha casa, ela foi, quebrou, não deu pra voltar"
(Thauan)

Este capítulo convida você a criar, conosco, um lugar simbólico de abrigo. Um gramado imaginado, um espaço seguro onde possamos sentar, lembrar, falar e escutar. Um círculo onde cada palavra dita é semente, e cada silêncio, também germina. Na Psicologia, esse recurso de imaginar um refúgio interno é chamado de visualização de local seguro — uma forma de cuidar das emoções, respirar fundo e acessar lembranças sem se ferir de novo.

Imagem 2 - Gramado

Fonte: Jonathan Petersson, disponível em: https://www.pexels.com/pt-br/foto/campo-de-grama-marrom-e-verde-durante-o-por-do-sol-1237119/, 2018.

Esse gramado pode ser real ou imaginário. Pode ter existido na escola ou viver só na memória de quem lê. Pode ser habitado em grupo ou em solitude — e tudo bem. Há dias em que precisamos de roda; outros, de silêncio. E assim seguimos, entre a presença dos outros e a companhia de nós mesmos.

Solitude e solidão não são iguais. A solidão pesa, dói, esvazia. A solitude é escolha: estar consigo mesmo com acolhimento e curiosidade. Como ensinou Donald Winnicott, saber estar só é também um sinal de saúde emocional. Escutar-se, cuidar-se, respeitar os próprios limites — tudo isso também se aprende.

A escola, para muitos, é essa segunda casa. É o chão simbólico onde crescemos, aprendemos, choramos, sorrimos. Para o educador Dermeval Saviani, a escola é um território de formação integral

— um espaço que molda profundamente quem somos. Quando ela se torna lugar de afeto, respeito e segurança, temos uma conquista coletiva preciosa: um espaço de convivência que permanece guardado na memória como abrigo.

E foi ali, neste mesmo espírito, que nasceram as rodas de escuta que você encontrará ao longo destas páginas. Um círculo vivo de vozes da comunidade da Escola Mariante. Histórias ditas com coragem pelos estudantes — e acolhidas com cuidado pela professora Rafaela.

Antes de seguir, compartilho algo que também me atravessou. Escrever este texto foi, para mim, uma travessia de escuta, memória e cuidado. Acho que nunca vou esquecer a sensação daquele soco invisível na boca do estômago. Não vinha de perto. Não era físico. Era som. Era voz. Áudios no WhatsApp da minha melhor amiga — companheira de estrada, irmã de afeto, professora de uma escola agora submersa. Ela falava com pressa, com urgência abafada, e me pedia orientação: como cuidar dos seus estudantes? Como ajudar quem perdeu tudo — mochilas, cadernos, risos, certezas... alguns, a própria casa.

Ali, numa manhã qualquer, éramos duas mulheres — uma professora e uma psicóloga — pedindo socorro a uma força que não sabíamos nomear. Pedíamos com a alma, por eles: jovens sem teto e sem chão, com o corpo resgatado, mas o ânimo soterrado. Haviam perdido mais do que bens: haviam perdido as palavras, os marcos, os mapas internos.

E eu, do outro lado do continente, a mais de sete mil quilômetros de distância, mantive a compostura. Fiz o que me cabia fazer como profissional de saúde mental. Fui firme, fui presente. Mas por dentro, o emocional também gritava. Porque o que estava acontecendo no Rio Grande do Sul, entre abril e maio de 2024, não era só

uma enchente. Era uma ferida aberta, coletiva, viva. Um acontecimento tão profundo que desorganiza o tempo, confunde o corpo e exige da alma uma coragem sem nome.

O LUTO COMO TRAVESSIA

"Mudou tudo [...]. Todo o roteiro de vida"
(Fabiano)

"Vontade de ter a Escola Mariante de novo"
(Thauan)

Quando a água chega, ela leva o que toca — mas também o que não se vê. Rotinas, planos, lembranças. A sensação de estar em casa. O luto não é só tristeza: é silêncio, raiva, confusão. É tentar entender o que se perdeu e como seguir a partir daí. "*A gente achou que ia dar para fazer a formatura lá*", disse Luana, dando voz ao sentimento de quem viu o futuro desmoronar.

Mas a água, além de arrastar, também segue. Abre caminhos na terra, ainda que nem sempre visíveis. Como já dizia Heráclito, "não se pode pisar duas vezes no mesmo rio" — porque tudo muda, até nós. Talvez a beleza — e o desafio — esteja em aceitar esse fluxo: reconstruir margens, redirecionar caminhos, reencontrar abrigo em novos territórios. O luto é processo. Como disse Freud, não se trata de esquecer, mas de reorganizar a vida sem aquilo que se foi. A filósofa Judith Butler lembra que o luto não é apenas individual: é também coletivo. Quando uma escola desaparece, junto se vai um espaço de cuidado, identidade, segurança.

"*Fiquei mais frio... as pessoas mudaram*", disse Fabiano. E esse "frio" é o corpo tentando se proteger. A mente em estado de alerta.

A Psicologia explica que, após traumas, emoções como tristeza, confusão, insônia e ansiedade são esperadas. E tudo isso é só o corpo buscando sobreviver. Lidar com isso começa pelo reconhecimento: sentir, falar, ser escutado. Nomear a dor é o primeiro passo para curá-la. E curar-se exige companhia. O trauma se espalha por dentro e ao redor — nas relações, nos espaços, na comunidade. Por isso, o cuidado precisa ser compartilhado. Escutar também é reconstruir.

A travessia é lenta. Às vezes se avança, às vezes se volta. E tudo bem. Resiliência se constrói nos encontros. Como lembra Samah Jabr, cuidar do trauma é tarefa coletiva. Quando todos acolhem, novas raízes se formam. Perder a Escola Mariante não foi só perder um prédio. Foi perder um território emocional, um chão simbólico. Uma ruptura. Mas mesmo nesse vazio, algo novo pode surgir: um recomeço em outro lugar, outro formato, com a mesma vontade de aprender, conviver e pertencer. Porque a escola também vive nos vínculos que permanecem.

Pequenos gestos ajudam no caminho: respirar, escrever, conversar, caminhar. Regular as emoções é dar espaço para sentir — sem ser engolido. É cuidar de si com gentileza. Em uma roda, na nova escola, a professora Rafaela perguntou: "*Gostariam de voltar?*". Todos disseram sim. Igor, com tristeza serena, completou: "*Agora não dá mais tempo*". A escola era vida, era história. E, mesmo sem prédio, permanece. Como disse Brené Brown, dar palavras ao que se sente é o início da cura. Falar cura. Lembrar juntos, cura.

Narrar em comunidade fortalece. É assim que o luto vira travessia: quando a dor encontra sentido. Quando o que parecia perdido ganha novo lugar para existir. Quando cada silêncio escutado, cada memória acolhida, nos reconstrói. Seguimos juntos: cuidando, recriando, resistindo. E mesmo que as águas levem quase tudo, ainda resta a voz, a escuta e a memória para nos manter de pé.

ATRAVESSAR O NOVO, COM OS PÉS AINDA NO ANTIGO

"Até os olhares eram diferentes"
(Fabiano)

"É que a gente veio de outra escola"
(Luana)

Na escola nova, eles chegaram tímidos, silenciosos, carregando dentro deles uma bagagem invisível, mas pesada. "*Não é vergonha, é timidez*", confidenciou Gabriele, trazendo à tona um sentimento que muitos compartilhavam, mas poucos tinham coragem de expressar. Não era só timidez; era a sensação incômoda de não pertencer, de estar deslocado em um território desconhecido. Luana complementou com voz baixa: "*Dá muita vergonha*". Essa vergonha não vinha deles próprios, mas da sensação que vinha dos olhares, dos gestos, dos silêncios. O corpo sente antes mesmo da mente compreender. Eles eram, naquele momento, estrangeiros no território do outro.

O novo nem sempre é acolhedor. Às vezes, ele é como um espelho distorcido que não nos reconhece, que não reflete aquilo que somos, que dificulta nossa própria percepção sobre nós mesmos. O filósofo e sociólogo francês Pierre Bourdieu chama isso de "violência simbólica": quando somos colocados em um lugar em que não nos reconhecemos, somos forçados a assimilar visões negativas sobre nossa própria identidade, nosso passado e nossa história. Isso gera uma crise profunda de identidade e pertencimento, especialmente dolorosa quando acontece em um espaço que deveria nos acolher, como a escola.

E, no entanto, apesar da resistência emocional, eles seguiram. Com esforço imenso, silenciosamente corajosos. Thauan afirmou, em tom decidido: "*Porque a escola acabou e tem que deixar*

registrado alguma coisa". E nessa frase está todo um universo de força interior, uma luta constante para não desistir, para não aceitar ser definido por circunstâncias impostas. Uma luta para preservar aquilo que restou de sua identidade, para recriar um sentido de pertencimento em um território que ainda não sentiam como seu.

Essa travessia foi difícil. Mais do que uma simples mudança física, foi uma ruptura existencial profunda. "*Nos separamos dos amigos, as pessoas mudaram*", relatou Fabiano, com a voz carregada de uma nostalgia doída. A ruptura de rotina é mais do que uma simples alteração cotidiana: é uma ruptura emocional, uma desterritorialização profunda. A rotina, afinal, não é só o que fazemos todos os dias; é um território afetivo que nos dá segurança emocional, referência e identidade.

Luana, de forma certeira, tocou em outra ferida: "*A gente não pode opinar tanto, que a gente é minoria também. E veio de lá de outra escola*". Aqui fica claro como essa sensação de exclusão e isolamento se manifesta concretamente nas estruturas cotidianas. Não é só uma sensação subjetiva; é uma realidade objetiva, visível e palpável, de ser tratado de forma diferente, como se fosse de fato uma minoria que precisa justificar sua presença. A psiquiatra Samah Jabr nos lembra novamente que essas experiências cotidianas de exclusão e isolamento intensificam o sofrimento emocional coletivo e precisam ser reconhecidas e cuidadas, pois ferem profundamente a autoestima e a saúde mental.

Sueli Carneiro, filósofa brasileira e pensadora fundamental para refletir sobre inclusão e acolhimento, ensina-nos que o pertencimento não é algo dado, mas construído ativamente através de relações de acolhimento, respeito e reconhecimento mútuo. Segundo ela, não basta estar presente em um novo espaço; é preciso sentir-se verdadeiramente aceito e reconhecido nesse espaço para construir uma nova relação de pertencimento e segurança emocional.

Mesmo sem encontrar esse acolhimento de imediato, esses estudantes resistiram. Com passos pequenos, mas firmes. Com movimentos sutis, mas constantes. Cada dia que voltavam à nova escola, ainda que silenciosos e desconfortáveis, era um gesto de resistência e força interior. Cada momento em que se permitiam ser vistos e ouvidos ali era um ato profundo de coragem.

Essa travessia complexa e dolorosa também nos lembra das palavras de Paulo Freire: "A travessia não é linear, mas profundamente pedagógica". Aprendemos muito mais na travessia do que nos momentos estáveis; são nesses momentos difíceis, onde somos forçados a caminhar com um pé ainda no passado e outro no futuro desconhecido, que compreendemos quem realmente somos e quem queremos nos tornar.

A escola nova talvez nunca se torne exatamente como a Mariante. Mas isso não impede que esses jovens encontrem novas formas de habitar esse espaço, novas maneiras de pertencer, novas rotas de afetos e vínculos. E é nesse processo difícil, mas necessário, que eles descobrem o potencial imenso que carregam dentro de si: o poder de recriar e transformar territórios afetivos, mesmo quando tudo ao redor parece estranho e desafiador.

E é exatamente assim que a travessia acontece: com o corpo dividido entre o antigo e o novo, com a memória ancorada no que se foi, mas com os olhos voltados para o futuro que ainda pode ser construído. Com coragem silenciosa, com força diária, e com o reconhecimento de que essa caminhada nunca é feita sozinha. O pertencimento, no fim das contas, será construído na medida em que forem encontrando e cultivando vínculos, e principalmente, no reencontro consigo mesmos e com as forças que nem sequer sabiam que possuíam.

MEMÓRIA E RESSIGNIFICAÇÃO:
O ECO DO QUE NÃO SE PERDEU

"Físico não tem mais nada?"
(Profe Rafa)

"Não"
(Alunos)

O que sobra quando tudo desaparece diante dos nossos olhos? O que fica depois que a água leva embora o que podia ser tocado, guardado, exibido como prova concreta do que fomos um dia? Sobra a memória — esse espaço invisível, resistente e persistente. Ela é casa, como diria o filósofo francês Gaston Bachelard, um abrigo emocional e afetivo que se mantém firme mesmo quando paredes e tetos não existem mais. E é exatamente nesses momentos críticos, quando o mundo material se desfaz, que entendemos o valor profundo das histórias que guardamos dentro de nós.

Walter Benjamin dizia que contar histórias é uma forma de salvar pedaços do mundo. Quando Thauan afirma que o que restou foram apenas as lembranças — da escola, da banda, dos colegas — ele está, sem saber, fazendo exatamente isso: resgatando um fragmento precioso da vida cotidiana, um instante de afeto que sobrevive ao tempo e à lama. Mesmo diante da perda, a lembrança resiste, insiste, permanece. Benjamin nos ensina que narrar é um gesto de resistência: contra o apagamento, contra o esquecimento, contra o vazio que tenta ocupar o lugar do que foi vivido. Contar histórias é não deixar que a vida desapareça completamente — é fazer com que ela siga existindo, ainda que só dentro de nós.

A lembrança, portanto, é o que não se perdeu. Ela é teimosa, persistente, corajosa. Ela nos lembra que a vida pode continuar mesmo depois do fim, porque o que fica são justamente as histórias

que contamos uns aos outros, são os laços invisíveis que se fortalecem com cada palavra lembrada, cada experiência recontada, cada dor compartilhada.

Nesse contexto, surge o gesto de criar este livro. "*Eles vão ver o livro e vão ver a nossa história*", afirma Fabiano, com uma força singela e profunda. Thauan, Luana e Gabriela complementam com firmeza: "*Porque a escola acabou e tem que deixar registrado alguma coisa* [...] *pra ela sempre ser lembrada* [...]*, não será esquecida*". Aqui, o livro transcende o papel impresso. Ele se torna um movimento vivo, uma declaração coletiva, um manifesto de existência. É a comunidade de Mariante dizendo: existimos. Fomos escola. Somos história.

O livro é, então, uma prática concreta de ressignificação — conceito que a Psicologia compreende como um processo através do qual atribuímos novos sentidos a experiências dolorosas, transformando-as em algo capaz de gerar crescimento e aprendizado. A ressignificação não nega o passado doloroso, mas acolhe-o e transforma-o em algo significativo e construtivo, que permite novas formas de existir.

Durante uma das rodas de conversa, a professora Rafaela perguntou com sensibilidade e firmeza: "*O que vocês acham que simboliza isso? Vocês sempre me disseram que estavam acostumados com enchentes, certo?*". "*Sim*", respondeu Fabiano, como quem já previa o caminho da pergunta. A profe continuou, com escuta ativa: "*Mas o que significa agora, essa enchente que destruiu a escola? O que significa não ter mais a Escola Mariante?*". Fabiano respondeu com a franqueza de quem sente antes de compreender: "*Antes o cara era acostumado... agora o cara tem trauma. Começa a chover e o cara já fica meio assim... Já antes, chovia e o cara ficava de boa, né? Agora é outro sentimento*". É nesse "ficar meio assim" que mora o corpo em alerta, o medo que não avisa, a memória que se antecipa à nova dor. A água, que antes era parte do cenário, agora é ameaça, cicatriz viva. A professora seguiu, abrindo o espaço: "*E o que significa*

pra vocês não ter mais a escola Mariante lá? O que é isso? O que vocês sentem?". Kauã, sem rodeios, disse apenas: "*Tristeza*". Gabriele assentiu. Kauã completou: "*Saudade*". Essas respostas breves, quase sussurradas, carregam o peso de quem perdeu algo que não se mede só em concreto. Perder a escola é perder um chão emocional. É perder um lugar de referência, uma rotina, um abrigo. E ainda assim, eles seguem — porque aceitar não é desistir. Aceitar é reconhecer o acontecimento, integrá-lo emocionalmente e encontrar, dentro do possível, uma forma de seguir adiante. É um processo árduo, mas profundamente libertador. Thauan, com uma ponta de saudade nos olhos, resumiu o sentimento coletivo: "*A gente achava que ia voltar. Mas não voltamos*". E nessa frase curta, cabe um mundo de ausência. O luto também é isso: feito de expectativas frustradas, de futuros que nunca se concretizaram, de voltas que ficaram só na imaginação.

É aí que entra a ideia de Carol Gilligan, psicóloga e filósofa feminista norte-americana, conhecida por seu trabalho sobre moralidade e desenvolvimento humano, especialmente a partir de uma perspectiva do cuidado. Para ela, cuidar é um ato ético fundamental, que sustenta vínculos, protege identidades e fortalece comunidades. Este livro, portanto, é um cuidado com o que foi vivido, com o que foi perdido e com o que ainda pulsa dentro de cada um desses jovens. É um cuidado ativo, comprometido com a vida, com o futuro e com a memória coletiva.

Ao produzir este livro, a comunidade de Mariante faz mais do que simplesmente preservar uma história. Ela se torna agente de seu próprio processo de cura emocional e coletiva. Porque ressignificar também é uma forma poderosa de resistência. Resistir ao esquecimento, à perda, à dor que poderia paralisar. É insistir em ser lembrado, em ser visto, em ser reconhecido como parte de algo maior que nós mesmos.

E é assim que o invisível, aquilo que nenhuma enchente pode levar embora, ganha corpo, voz e força. A memória permanece,

teimosa e viva, sustentando o chão emocional sobre o qual esses jovens e toda a comunidade seguem caminhando. Aquilo que não pode mais ser tocado fisicamente permanece pulsando na lembrança, nas palavras compartilhadas, nas histórias que continuam sendo contadas, lidas e ouvidas.

A lama pode ter levado paredes, móveis e fotografias. Mas aquilo que realmente importa — os vínculos, o cuidado mútuo, a história viva que se tece em cada encontro e cada palavra —, isso ela não foi capaz de levar. É assim que a memória, unida ao poder transformador da ressignificação, torna-se uma forma de resistência, de travessia emocional e de reconstrução coletiva. É assim que a Escola Mariante permanece viva, forte e presente, mesmo que apenas no território fértil da memória compartilhada.

CONCLUSÃO RIZOMÁTICA

Voltamos ao círculo. Ao gramado. Aos olhos que se encontram em silêncio, em escuta, em pertencimento. Estamos aqui — talvez ainda feridos, talvez ainda sem todas as respostas —, mas mais fortes. Mais vivos. Mais juntos.

Sabemos, de tantas vozes que nos acompanham, que somos feitos de vínculos. E talvez por isso doa tanto quando esses vínculos são rompidos. Sabemos também que o amor — aquele amor que cuida, que reconhece a dor e não a silencia — pode ser um bálsamo. Que resistir, por vezes, é também cuidar. Que cuidar é gesto cotidiano, feito de presença, de escuta, de mãos que não se soltam.

Aprendemos, no chão das comunidades, que aprender mesmo é um gesto compartilhado. Que ninguém se educa sozinho. Que quando nos damos as mãos — em sala de aula, em roda, em

palavras trocadas — somos capazes de transformar até as dores mais profundas em sementes de recomeço.

Este texto é rizoma. Não termina. Não começa. Ele se entrelaça como as raízes das árvores que nos cercam neste gramado simbólico. Pode ser lido ao contrário. Pode ser relido infinitamente. Pode ser reescrito a cada nova lembrança que ressurge. Ele é travessia — não mapa. Ele é memória viva — não relato morto. Ele é chão molhado que, mesmo depois da enchente, ainda brota flor.

E mesmo que a água tenha levado quase tudo — livros, paredes, fotos, armários, placas com nomes, tijolos com histórias —, o que as águas não levaram está aqui está em você. Está em cada frase dita, em cada nome lembrado, em cada silêncio que agora é palavra. Está nos gestos simples de quem insistiu em voltar. De quem insistiu em lembrar. De quem insistiu em dizer: ainda somos escola. Ainda somos comunidade.

Seguimos. Em roda. Com afeto. Com escola. Com memória. Com vínculos que não desmancham na correnteza. E este não é um fim. Porque o fim não nos serve. Este é só um contorno. Uma dobra. Uma pausa entre um capítulo e outro. Porque há outras mãos que também escrevem. Há outras vozes que também se aproximam.

O círculo segue aberto. O gramado continua fértil. As sementes já estão lançadas. Quem vier depois — que se sente com a gente. Que olhe nos olhos. Que continue o texto.

Porque ainda há muito o que dizer.

Porque a Escola Mariante — ainda vive.

Ao chegar ao final deste capítulo, quando seus olhos pousarem na imagem da árvore com as raízes submersas, lembre-se: somos como ela.

Imagem 3 - Rizomas de manguezal

Fonte: escolaeducacao.com.br/tipos-de-caule, 2020.

Mesmo quando o mundo ao redor muda, mesmo quando as águas cobrem o chão onde estávamos plantados, nossas raízes continuam lá. Entrelaçadas, vivas, persistentes. Conectadas à terra e ao afeto. Resistindo sob a superfície. Segurando o tempo. Guardando a história.

E, falando em raízes, há uma que merece destaque especial: a merenda. Muitas vezes invisível nas narrativas escolares, ela ocupava, para Fabiano, um lugar central. Ele fazia questão de lembrar, com brilho nos olhos e firmeza na voz, que aquele era um dos melhores momentos do dia. E não era apenas pela comida — era pelo reencontro com os colegas no refeitório, pelo cheiro bom que escapava da cozinha, pela pausa que fazia o tempo desacelerar, pelo cuidado silencioso de quem preparava cada prato.

Para muitas crianças e adolescentes, a merenda representa muito mais do que uma refeição. Ela é segurança, é rotina, é um direito básico que chega com sabor e dignidade. É um afeto servido em porções quentes. E Fabiano sabia disso — e fazia questão de que a gente soubesse também. Ao lembrar da escola, ele lembrava da merenda com alegria. E ao lembrar da merenda, ele voltava à escola com o pensamento e com o coração. Porque a memória também tem gosto, tem cheiro, tem temperatura. E é nesses pequenos grandes detalhes que uma escola se faz casa.

Agora, antes de nos despedirmos deste círculo — não para fechá-lo, mas para deixá-lo em repouso —, preciso contar algo que só soube depois, e que talvez você também ache bonito, ou pelo menos curioso. As linhas que você acabou de ler foram escritas por alguém que escutou, com atenção e afeto, as histórias da Escola Mariante, contadas com imensa ternura e saudade pela professora Rafaela. O que ela não havia me dito, naquele momento, é que as entrevistas com os alunos que deram origem a este capítulo foram feitas sentados em roda, na nova escola, depois da tragédia. Sim, um círculo. Oito, ali reunidos, contando o que sentiam, o que lembravam, o que restava. Durante semanas, repetiram esse ritual: falar e escutar, com delicadeza e coragem.

E foi só depois que percebi a coincidência cheia de sentido. Sem saber de nada disso, ao iniciar este texto, imaginei um círculo ao ar livre — um gramado, algumas árvores, aromas agradáveis, um sol morno — como metáfora de um lugar seguro. Só mais tarde descobri que Rafaela, com sua sensibilidade de educadora, havia feito o mesmo, de forma espontânea e intuitiva. Ela criou um espaço de fala e acolhimento. E eu, escrevendo de longe, desenhei o mesmo formato com palavras. Sem combinar, combinamos. Sem saber, nos alinhamos. Esse gesto de criar um espaço simbólico de segurança é, na Psicologia, conhecido como visualização de local seguro — um recurso terapêutico que ajuda a regular emoções,

acessar memórias com mais calma e oferecer ao corpo e à mente um abrigo interno em tempos difíceis.

Talvez não tenha sido por acaso. Talvez haja algo de intuição coletiva, de conexão invisível entre nossas melhores intenções. Paralelas, mas profundamente entrelaçadas. Porque quando o cuidado é sincero, quando o amor por uma comunidade atravessa fronteiras, cidades e águas, ele se manifesta mesmo sem combinar.

E que esse círculo — vivido por eles, imaginado por nós — permaneça em cada um que passou por esta leitura. Um espaço mental seguro, bonito, acolhedor. Um lugar para pensar, respirar, sentir. Um refúgio interno para onde se pode voltar sempre que o mundo pesar ou a memória chamar. Seguimos assim: como rizomas. Conectadas pelo subsolo da sensibilidade e da esperança.

AGRADECIMENTOS

Esta escrita só foi possível porque, antes de tudo, houve confiança. A confiança da comunidade da Escola Mariante, que mesmo em meio ao cansaço e à dor, ofereceu escuta, palavra e memória. Obrigada por tanto. Por resistirem. Por seguirem. Por ensinarem, com o corpo e com a alma, que a resiliência é feita de afeto, de vínculos e de persistência cotidiana. Vocês são exemplo vivo de superação e força coletiva. Um capítulo não basta para dizer o quanto essa travessia é grande.

Aqui também compartilho três imagens muito especiais. Duas revelam os protagonistas desta história: estudantes e sua professora, lado a lado nos últimos meses de uma jornada marcada por presença, afeto e fortalecimento mútuo.

Imagem 4 e 5 — Professora Rafaela e discentes Thauan, Fabiano, Luana, Kauã, Gabriele, Igor e Eduardo

Fonte: Arquivo pessoal de Rafaela Limberger.

A terceira é o registro de uma coluna publicada em jornal local, onde a memória de Mariante encontra eco e alcance, atravessando os limites da escola e chegando ao mundo. Que essas imagens inspirem o futuro, que o futuro inspire coragem. E que a vontade de viver siga sendo o que mais une e move essa juventude.

Imagem 6 — Coluna *A escola não está mais lá*

de junho de 2024

ARTIGOS

A escola não está mais lá

Desde o dia 30 de maio de 2024 as coisas estão diferentes no Rio Grande do Sul.

Sou professora estadual em uma escola em Mariante, distrito de Venâncio Aires.

A escola ficava próxima ao rio Taquari e hoje ela não está mais lá.

Em minha pesquisa de doutorado eu analiso a memória como documento. Nessa esteira, a memória é constituída de lembranças e esquecimentos de um sujeito ou de um grupo. Além disso, existem artefatos de memória e igualmente os lugares de memória.

Sendo assim, nossas escolas são um lugar de memória. Mas o que fazer quando a escola não está mais lá?

A escola é um espaço físico atravessado de muitas memórias... os livros, as salas de aula, as próprias classes com rabiscos e eventuais arranhões, a merenda escolar, a quadra de esportes, os funcionários, os professores. São uma infinidade de elementos que compõem essa instituição que conhecemos como escola.

Possivelmente todos nós lembramos da nossa escola, dos nossos colegas, professores e professoras queridos e queridas, e até mesmo aqueles professores nem tão legais assim.

Mas o que fazer quando a escola não está mais lá?

Uma escola, não é apenas um espaço físico de aprendizagem, uma vez que existe toda uma comunidade que faz parte daquele espaço, assim como um grupo de colegas, de professoras e professores que vão diariamente, de segunda a sexta-feira.

Uma escola é um vínculo.

Nos turbulentos dias de maio, eu conversava com uma aluna. Ela me dizia preocupada "Queria nossa escola de novo!". Então eu disse a ela o que aprendemos em nossas licenciaturas: a escola sem alunos é apenas um prédio vazio. Nós somos a escola.

O que carinhosamente quero dizer é que o que torna um lugar de memória somos nós! "Só porque temos a capacidade de lembrar é que somos o que somos", sendo que, quem transforma um prédio em uma escola somos nós professores e professoras, funcionários e funcionárias, as refeições lá feitas, as trocas, os livros, os alunos e as alunas, a comunidade. Nós somos a escola!

A escritora Bell Hooks diz que "traçamos nossa vida por meio de tudo quelembramos, do momento mais mundano ao mais majestoso". Infelizmente a escola não está mais lá, mas as memórias existirão enquanto houver quem as carregue consigo!

Portanto, é tempo de preservar nossas memórias, mas acima de tudo cuidá-las e acolhê-las. Ou seja, é preciso olhar para os sujeitos que as guardam!

Esse texto é uma homenagem a todos e todas os alunos e alunas da Escola Estadual Mariante e aos meus colegas de trabalho e à equipe diretiva.

RAFAELA LIMBERGER

Professora Estadual e doutoranda em Educação pela Unisinos

Fonte: Arquivo pessoal de Rafaela Limberger.

Deixo aqui um agradecimento especial à educadora que conduziu esse processo com tanto compromisso — minha amiga íntima, companheira de jornada e farol nestas águas turvas. Foi o feminismo, o antirracismo, o movimento estudantil e Santa Cruz do Sul, com a UNISC, que nos colocou lado a lado. E desde então, nem a distância nos separou. Ao contrário: nos fortaleceu. Seguimos juntas, brotando sementes em muitos lugares, apoiando-nos na sororidade e abrindo caminhos possíveis para nós e para tantas outras.

Rafaela transmite a força, o trabalho árduo, a persistência e a visão transformadora que muitos de nós desejamos, nos inspiramos e buscamos ter — nem todos conseguem. Como nos lembra a educadora e socióloga Maria da Glória Gohn: "a educação popular se

configura como uma proposta de transformação social que articula saberes e práticas, tendo como base a práxis e as lutas por direitos". Rafaela faz isso, todos os dias — e nos ensina, com sua prática, que a transformação começa nos vínculos mais reais e comprometidos.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012. (Obras escolhidas, v. 1).

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BROWN, Brené. **A coragem de ser imperfeito**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

BUTLER, Judith. **Vida precária**: os poderes do luto e da violência. Tradução de Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Autêntica, 2019.

CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. Organização de Flávia Rios e Márcia Lima. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. v. 1. São Paulo: Editora 34, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 62. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia (1917). *In*: FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GILLIGAN, Carol. **Uma voz diferente**: a teoria do desenvolvimento moral feminino. Tradução de Andréa Stahel Morgan. São Paulo: HarperCollins Brasil, 2022.

GOHN, Maria da Glória. Educação popular na América Latina no novo milênio: impactos do novo paradigma. **ETD – Educação Temática Digital, Campinas**, v. 4, n. 1, p. 53–77, dez. 2002.

JABR, Samah. **Sumud**: tempos de genocídio. Tradução de Rodrigo de Lélis e Thiago Lemos Silva. São Paulo: n-1 edições, 2022.

ROSA, Eduardo Brandão da; CONCEIÇÃO, Fabiano Júnior Reckziegel da; JUNGES, Gabriele Milena; ARAÚJO, Igor Ivan Pacheco de; DRUNN, Kauã Lucas; SILVA, Luana Eduarda Schmitt da; FONSECA, Thauan de Paula. Entrevista concedida à Rafaela Limberger. Escola Estadual de Ensino Médio Adelina Konzen, Venâncio Aires – RS, 24 set. 2024.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**: teorias da educação, curvatura da vara, do mito da neutralidade. 40. ed. Campinas: Autores Associados, 2020.

WINNICOTT, Donald W. **O ambiente e os processos de maturação**: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artmed, 1983.

2

Gabriele Milena Junges
Larisa da Veiga Vieira Bandeira
Luciano Bresciani Lopes

SINARA:
A GUARDIÃ DAS BOAS LUTAS

Entrevista concedida pela professora Sinara Cezar Maria

Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la.
Em cofre não se guarda coisa alguma.
Em cofre perde-se a coisa à vista.
Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado.
Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer vigília por ela, isto é, velar por ela, isto é, estar acordado por ela, isto é, estar por ela ou ser por ela.

(Antônio Cícero, 2025)

No dia da entrevista com a professora Sinara Cezar Maria, as alunas Luana e Gabriele estavam acompanhadas da professora Rafaela, a "profe" Rafa. Era uma manhã fria e silenciosa, com as cores cinza e marrom, como as manhãs têm sido em Mariante depois de

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-424-7.2

maio de 2024. Mas o riso e os cochichos de Luana e Gabriele traziam um sopro de esperança — a juventude e a infância são os modos humanos de acreditar que o mundo continuará existindo.

As meninas estavam ansiosas, seria a primeira entrevista de um projeto ousado, corajoso e afetivo que foi pensado junto com a profe Rafa, e que agora, definitivamente, iniciava. Rafaela ia um pouco atrás delas no corredor da escola, sentia no peito um turbilhão de coragem e medo, responsabilidade, gratidão e obrigação, eram tantos os sentimentos que era impossível aplacar a pressão que sentia na boca do estômago. Mas não haveria nada que impedisse o que estava para acontecer, porque a primeira entrevistada seria a Sinara.

Sinara é uma professora, mas é também guardiã da história da Escola Mariante. E mesmo que a água e a lama tenham levado parte da história da escola, naquela manhã ela estava ali, forte, firme, atenta e cuidadosa, pontual, aguardando as suas entrevistadoras. Ela, que havia envelopado, plastificado, protegido e guardado com carinho muitos registros nos armários devastados pelas águas que invadiram a escola. Ela sabia da importância histórica de cada um dos papéis da secretaria. A água levou tudo, mas nas caixas de preciosidades de seu cérebro, nas linhas expressivas de seu rosto e de suas digitais, a memória de Sinara está intacta e mais forte, de tantas braçadas que foram necessárias para a história não ser levada junto com a água. A história da escola faz parte da corrente sanguínea de Sinara. Está em seu sorriso largo, nos aros de seus óculos, no bordado de sua blusa de lã.

A cidade na qual Sinara nasceu tem nome de constelação: Cruzeiro do Sul, município localizado a cerca de 28 km de Mariante, onde sua estrela brilhou. Na beira do Rio Taquari e de sua correnteza. Em Mariante, reuniu-se com outras estrelas, com as quais manteve por muito tempo a escola funcionando. E como as estrelas que fazem parte de uma constelação, ligadas por linhas imaginárias que representam figuras nas noites escuras, Sinara e um corpo docente e ativo,

junto com a comunidade de aprendizagem que haviam estabelecido em Mariante, organizavam o "céu" da escola e davam-lhe significado ao longo das últimas décadas.

Antes de Mariante, trabalhou no interior de Lajeado por 5 anos, e mais 5 anos em Porto Alegre. Formada em Estudos Sociais, Sinara sempre foi professora. Mariante era o distrito que seu marido havia nascido, e para onde ele retornou para trabalhar. Sinara e a terra vermelha de Mariante, cortada pelo Rio Taquari, se encontram definitivamente em 1990. Uma jovem casada, apaixonada, professora, com um filho de 1 ano, assim Mariante conheceu Sinara. E hoje é ela quem começa a contar a história de mais de 3 décadas de dedicação e cuidado. Na época em que chegou em Mariante, a escola se chamava Escola Estadual Coronel Brito, anos depois passou a se chamar Escola Mariante. Chegou como professora, mas em 2004 iniciou como vice-diretora, função que manteve até o fechamento da escola, sem nunca abrir mão da sala de aula, de ter turmas e alunos. Nunca abriu mão de além da gestão participar da escola em seu cerne, perto das crianças e dos jovens pelas quais a escola existe. Ela conta que a escola sempre esteve localizada no mesmo local:

> [...] *Era esse prédio, o mesmo prédio, muito bem conservado, muito bonito, um pátio bem conservado, com gramado com tudo... E ela na época funcionava até a quarta série, era uma escola de primeiro grau incompleto, na época. Então eu vim, na época, trabalhar como alfabetizadora, eu trabalhei muitos anos como alfabetizadora. Na escola, eu trabalhei... acho que uns dez anos com alfabetização assim... Então a minha vida profissional, depois das primeiras andanças ali, se desenvolveu praticamente na Escola Mariante* (Sinara Cezar Maria, entrevista, 2024).

Por fazer parte, há tanto tempo, da história da escola e do distrito, Sinara sabia que a água do Rio Taquari é veloz, e que tinha essa sina de elevar-se quando chovia demais. Já havia subido tantas vezes antes. Mas desde 2020 seu olhar observador percebia que algo estava mudando, as margens ao longo do rio estavam com menos

vegetação, a terra na beira estava mais desgastada e isso ajudava a água a subir mais rápido. Antes disso, a água

> *nunca tinha entrado! Então lá a gente nem se preocupava em levantar nada, guardar nada... Porque nunca tinha água. Porque ali, sempre se dizia, era um dos lugares mais altos de Mariante! Então para nós era bem tranquilo das enchentes em relação à escola. Nas vezes que entrou, era só onde tinha essa classe praticamente, na parte dos alunos e a outra parte, não. Depois, agora então, foi esse horror que aconteceu...* (Sinara Cezar Maria, entrevista, 2024).

Enquanto falava, era possível perceber em seus olhos uma força, uma resistência, forjada nos anos em que travou muitas lutas pela escola. Sinara e sua constelação de parceiras/colegas, junto com a comunidade, lutaram para que a escola fosse uma referência para os jovens e crianças de Mariante e arredores. A tristeza que a enchente trouxe para todos que ali viviam não arrastou a força dos olhos da professora, nem a capacidade de falar sobre a história mais antiga do distrito, sobre a história que se misturava com a sua vida, até que ela não conseguisse mais discernir a professora, a mãe e a esposa da vida que vibrava na escola.

A vida de luta pela escola é contada na descrição da organização docente e comunitária, e da falta de estrutura, que marcou muitos períodos de sua existência. Sinara conta sobre o desejo de ampliação das séries, da necessidade de mais funcionários para qualificar a escola e da luta para atingir esses objetivos.

> *Logo que eu cheguei na escola, foi uma época de muito movimento, havia a ex-diretora que nós tínhamos, a Dona Lucia, na época ela assumiu e começou um movimento muito grande pra se colocar lá o Ensino Fundamental completo, que nós tínhamos na vila, mas ele era pago. Ali, onde nós chamamos de Ginásio, funcionava uma escola cenecista, que era particular, ela era paga. Então muita gente não podia, terminava a quarta série e ficava em casa ou, se conseguisse ir para Venâncio, outro lugar onde a escola*

> *não fosse paga, iria; se não, ficava em casa sem estudos. Aí começou uma grande luta, isso foi em 92, se conseguiu implantar, então, o Ensino Fundamental completo até a oitava série. Aquilo, para nós, foi uma grande vitória! Então a escola já se encheu de alunos! Nós tínhamos turmas que funcionavam naquelas salas grandes ali, onde vocês tinham aulas no segundo ano, ano passado* [2023]*, ali onde a gente tinha ultimamente colocado a biblioteca... Ali tinham turmas de cinquenta a cinquenta e poucos alunos! Os professores ficavam enlouquecidos!* [riso] *Porque não tinham professores ainda o suficiente. Então tinha gente dando aula de tudo que é matéria, porque a gente não tinha ainda um quadro completo* (Sinara Cezar Maria, entrevista, 2024).

Até a chegada de mais professores, o desejo de que os alunos pudessem continuar seus estudos mobilizou os docentes que atuavam em turmas muito cheias. Cheias de vontade de ensinar, cheias de vontade de aprender, cheias de potência de vida. Não sabemos se a Sinara, no momento em que conta a história, em que a dor está tão próxima e recente, se dá conta de como a sua vida é também a vida da escola. Do quanto sua vida docente, antes de chegar em Mariante, vivida e movimentada em diferentes instituições do Estado do Rio Grande do Sul, e em diferentes realidades urbanas, havia contribuído também para uma movimentação na escola. Refletindo também sua inquietação e a sua prática engajada, uma autora que se chama bell hooks (assim mesmo, escrito em letra minúscula) se refere à criação de uma comunidade de aprendizagem, que está sempre mudando, é dinâmica e fluída. O poder transformador de uma pedagogia engajada que faz da sala de aula e da escola um espaço de aprendizagem e reconhece que o tempo de um aluno aprender não se resume ao tempo em sala de aula. Sinara fazia parte e era a guardiã dessa comunidade escolar, sua presença produzia efeitos na escola e nos alunos.

A luta não podia parar. Sinara contou que, naquela época, não havia uma escola pública na vila para o Ensino Médio. A escola da rede cenecista encerrou as atividades, foi quando perceberam que era o momento de reivindicar a implementação do Ensino Médio.

> [...] *a luta foi muito grande porque não era tão simples implantar o Ensino Médio. O que tinha que fazer para realizar esse sonho, para vencer esta luta? Tinha que fazer pesquisa: de onde viriam esses alunos? Na época, aqui na Estância* [outro distrito de Venâncio Aires] *não tinha Ensino Médio, só tinha até o oitavo também. Então os alunos daqui foram para lá. Nós chegamos a ter 600 alunos na nossa escola — manhã, tarde e noite, que funcionava. E aí a gente começou a usar o outro prédio, que está lá interditado e hoje abandonado. Porque nós não tínhamos mais espaço, daí lá embaixo ficou até o oitavo ano e lá no prédio de cima ficava o Ensino Médio, que funcionava manhã e noite, a princípio. Essa foi uma grande, uma das maiores conquistas que a escola teve, foi em 1997, a implantação do Ensino Médio* (Sinara Cezar Maria, entrevista, 2024).

Sinara parou um instante para beber um chá quente que estava na térmica em cima do banco no pátio, onde acontecia a entrevista, segurou a xícara entre as mãos para aquecer, sentia os pés frios em contato com a terra, que parecia, agora, úmida e gelada. Ela sabia que, à medida em que avançava na história da escola, se aproximava também do seu desfecho. Era preciso pegar um fôlego, aquecer a garganta e o coração, para reviver mais uma vez o mês de maio de 2024. Não queria avançar rapidamente, pois sabia que chegaria novamente em um terreno enlameado e coberto de entulhos do que havia restado. Ela retoma à época de início das atividades do Ensino Médio na escola e a relação com as cidades vizinhas.

> *Nessa época, não havia muitas escolas de Ensino Médio... tinha o Cônego em Venâncio. Aqui não tinha. Nós pegávamos alunos do outro lado do rio, de Bom Retiro. Alunos de Cruzeiro do Sul, desciam de ônibus naquela época, e vinham pra nossa escola de manhã... Alunos lá de General Câmara também, do interior de General Câmara, o município era muito grande, então ficava mais perto para eles virem para cá, no Mariante, do que ir para General Câmara. Chegamos a ter duas turmas de cada série do Ensino Médio, dois terceiros anos, dois segundos, dois primeiro.*

> *Sabe? Além do turno da noite que ficavam para os da vila, os que moravam perto, eram os que estudavam de noite* (Sinara Cezar Maria, entrevista, 2024).

"*Muita luta*"... "*luta bem grande*". São expressões marcantes da narrativa de Sinara, que conta sobre o movimento de uma comunidade que se fortaleceu na parceria com os outros municípios. A partir do diálogo com as localidades parceiras, se fizeram as declarações que atestavam a necessidade de uma população, o direito à educação. A luta marca a trajetória da Escola Mariante na vida dos moradores do município e da região. A ampliação, quando alcançada, foi comemorada.

> *No dia que veio a notícia de que seria implantado, meu Deus! A gente fez uma carreata na vila! Pegamos os ônibus escolares que tinha na época já, botamos faixas na frente e saímos pelas ruas da vila festejando, porque foi uma grande conquista. Isso veio trazer uma melhora na escolaridade das pessoas da vila, com certeza* (Sinara Cezar Maria, entrevista, 2024).

Sinara não consegue disfarçar na voz a alegria e o orgulho de ter participado na linha de frente dessa luta, luta que garantia para os jovens das duas margens do Rio Taquari o acesso e a permanência no Ensino Médio, colocando na vida deles outras possibilidades. Ela era uma professora e uma guardiã dos desejos pedagógicos, cívicos e humanos do território, sabia que, com a força da comunidade, conseguiria prover de sonhos e perspectivas algumas gerações de jovens. Em seu corpo, Sinara catalisava a diversidade e as adversidades, estava inteira em seu propósito pedagógico, morou todo o tempo perto da escola, dos alunos, conhecia suas histórias, suas famílias, de onde vinham. Era professora, vice-diretora e mãe da escola. Sabia que cada luta travada pela escola seria uma luta para melhorar a vida dos seus filhos, dos seus vizinhos, de sua comunidade, e também das comunidades vizinhas. E, com certeza, trata-se de uma alegria e orgulho justificados, pois, a

conquista da Escola Mariante, no ano de 1997 foi realmente incrível. Os dados sobre a Educação Básica comprovam o quanto o pequeno número de escolas de Ensino Médio era impeditivo para o acesso de grande parte da população jovem na década de 1990. Segundo os números disponíveis no site do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, no ano de 1997, no Brasil todo, o Ensino Fundamental tinha 34.229.388 alunos matriculados, distribuídos em 196.479 escolas. Enquanto isso, o Ensino Médio tinha apenas 6.405.057 alunos matriculados, distribuídos em 16.633 escolas.

A professora Rafa perguntou até que ano funcionou o prédio da segunda escola. "*Esse que está interditado lá? Aquele alto? Ali funcionou até a interdição em 2022, essas aqui tiveram aula lá, sim* [se referindo à Luana e Gabriele, que faziam a entrevista]*! Funcionou até 2022 ali!*".

Luana e Gabriele concordaram rindo e lembrando da correria dos professores.

> *Era aquela função! Tinha que organizar alguém para ficar com aqueles alunos lá embaixo, esperando os professores chegarem... Era uma logística bem trabalhosa! A gente tinha toda uma função... Porque era longinho um prédio do outro, se tu vai pensar, né? Mas durante 26 anos funcionou assim. Nós tínhamos os ginásios de esporte do lado, que eles usavam para Educação Física. Tudo isso* (Sinara Cezar Maria, entrevista, 2024).

Rafaela, que ouvindo cada palavra de Sinara agora entendia a importância vital do projeto para aquela comunidade, perguntou: *o ensino noturno terminou quando?*

> *Em 2007, se eu não me engano... Foi! Foi a última turma, que eu ainda era a paraninfa e coordenadora deles. Nós fizemos excursão e tudo, eu me lembro! Eu tinha de noite... Se eu não me engano, uns 6 ou 7 alunos só! Estava assim,*

> *sabe? Escasseando os alunos. Claro que eles* [6ª CRE/ governo do estado] *não iam deixar funcionando com tão pouca gente. Tinha o terceiro da manhã e o terceiro da noite, a gente se juntou para fazer toda aquela programação de terceiro ano e formatura e tudo... Então acho que foi 2007 que encerrou de noite, daí passou a ser só diurno* (Sinara Cezar Maria, entrevista, 2024).

Quando estamos de frente com as pessoas que viveram a enchente de forma tão intensa como as pessoas de Mariante, como a Sinara que perdeu a sua casa, a sua escola, e a sua comunidade, entendemos que não temos palavras para traduzir a perda e o luto do outro. Que, enquanto professoras, podemos no máximo ouvir, escutar, escrever, registrar, imprimir o que cada uma dessas pessoas tem para contar, para dizer, para chorar. Para que essas palavras não sejam esquecidas pelas outras pessoas, pelo poder público e por elas mesmas. As palavras reafirmam a vida e as possibilidades, as tantas lutas que foram travadas até aqui para garantir os direitos à educação da comunidade de Mariante, e o quanto de luta será ainda mais necessária para reaver estes mesmos direitos e tantos outros que foram embora com a água.

"É bem difícil isso... Difícil falar sobre isso, não consigo [chorando]", diz Sinara. Nesse momento, a professora Rafaela lembra a entrevistada de que, se ela não consegue, não tem problema. Pela primeira vez Sinara chora, deixa as lágrimas molharem a gola do casaco, o dorso das mãos. Todas baixam os olhos, também querem chorar, mas aquele momento era da Sinara. Da Sinara, guardiã.

> É muito difícil, eu ainda não consigo, não consigo escrever... Eu penso todos os dias que eu queria escrever alguma coisa, mostrar assim, sabe? Mas eu ainda não consigo. Isso é muito dolorido... Por toda a relação que eu tenho com a comunidade, com a escola, que eu sempre tive... São 40 anos da minha vida praticamente ali. Não nasci ali, mas é como se eu tivesse nascido... (Sinara Cezar Maria, entrevista, 2024).

Sinara conta sobre a relação da escola com a comunidade na narrativa sobre a relação com os alunos, que frequentavam a escola desde muito pequenos e das crianças que viu na barriga das mães. Essas vivências na e com a comunidade faziam emergir a dor da perda e a luta pela manutenção da história. Uma luta que estava envolvida pelo sentimento de coragem para enfrentar os destroços deixados pela enxurrada, na busca por restos de história, que passava a ocupar o cotidiano dela.

> [...] *eu tenho que criar coragem para ir para lá passar um dia, porque a gente tem que ver o que sobrou de coisas, o que dá pra aproveitar ainda. Agora a gente está buscando coisas lá ainda, agora com o pessoal da PEVA, que está nos ajudando, limpando. Eu disse que então eu vou ter que ter bastante coragem para entrar lá e ver muitas coisas que eu sempre guardei, por exemplo, o primeiro livro de matrícula da escola, de 1939. Eu guardava essa parte de documentação, eu sempre fazia essa parte, fazia anos que sempre eu que cuidava. Um dia eu disse pra Lúcia: 'eu vou comprar plástico grosso e vou enrolar todos esses documentos, esses livros mais antigos. E vou deixar tudo bem enroladinho, para não se deteriorar tanto, porque vai ficando muito velho.' Imagina, desde 1939, né? Nós tínhamos lá o primeiro livro, que tinha a minha sogra, por exemplo, que estudou nessas primeiras turmas, sabe? Está lá o nome dela e o nome de muitas outras pessoas da minha família, da família do Roni, que a gente sabe quem foi, que já faleceram... Então é uma história muito grande que a gente tem. É uma ligação muito grande com a escola que a gente tem, com a comunidade, então isso é muito dolorido. Eu vejo as pessoas se movimentando lá na comunidade, gritando pela escola. Mas parece que estamos de braço cruzado... Lá naquele lugar, a gente sabe que não é mais possível, lá não tem como, é perigoso, não tem como estar lá com estudantes, com crianças, mas a gente não gostaria que a nossa escola morresse. Dói muito pensar nisso. Uma história assim, que a gente viveu, sabe? Tantos momentos lá dentro, as nossas festas, nossa banda, a alegria da nossa banda passando em Venâncio, as pessoas esperando...*

> *As meninas também viveram isso um pouco* [se referindo às duas alunas]. *As pessoas esperando a passagem da Banda Mariante, era a atração dos desfiles das cidades* [risos]. *A gente tem orgulho dessas coisas, a gente tem lembranças lindas sobre isso, então é bem difícil a gente falar sobre isso* (Sinara Cezar Maria, entrevista, 2024).

A memória exige um esforço dobrado quando as lembranças felizes estão atravessadas pela dor e pela perda, e por saber que agora, para ser mantida, não terá mais o suporte dos registros materiais que foram perdidos. É necessário contar, repetir, garantir que ela seja muitas vezes contada novamente. Sim, Sinara, entendemos como deve ser muito difícil falar sobre algo que foi construído, sonhado, batalhado, experimentado por uma comunidade, e que depois foi arrastado pela água.

E a água não tinha culpa, a água era só a água, mas a água também não tem dó, e por onde passou e não houvesse vegetação para segurar a sua força, arrastou tudo que tinha pela frente. A importância vital da fala da Sinara estava na possibilidade de manter de pé uma história de boas e alegres lutas de uma comunidade, que agora estava afundada em sua dor e em sua falta de perspectivas, sua falta de sonhos e de apoio.

Rafaela entende que o esforço de Sinara precisa ser encerrado, assim ela pergunta se a entrevistada gostaria de falar mais alguma coisa que julga importante relacionado à vivência na e com a Escola Mariante. Sinara, ali na frente da jovem professora e (talvez) da última geração de alunos da escola, era uma professora, uma mulher, uma esposa, uma moradora, uma mãe de Mariante.

> *Meus filhos estudaram lá, sempre estudaram, até o Ensino Médio. Eu acho importante a gente reviver essa história e não deixar morrer, porque fez parte da história da vila. É uma localidade que foi o berço da colonização de Venâncio Aires, por lá chegaram os primeiros colonizadores. Então a história da escola se confunde com toda a história da*

> *vila, porque ela sempre trouxe vida, ela foi o que girou... Fez a vida acontecer, praticamente, da comunidade, a escola. Tudo girava em torno da escola. As pessoas hoje dizem assim: 'a escola não estando funcionando, parece que a vila está morta'. Na época da pandemia, a gente sentia as pessoas, que reclamavam de tudo fechado, aí eles diziam: 'Bah! os alunos não estando por aí, a escola não funcionando, parece que a vila está morta'. E realmente, se sente isso. A história da Escola Mariante se confunde com a da vila.* [...] *Eu tenho uma vida lá dentro* [aponta para a escola]*, eu tenho amor por aquilo... Pra mim é muito dolorido tudo isso. Como professora de crianças pequenas, eu trabalhei quase a minha vida toda com isso... E eu sempre trabalhava a história da comunidade. Eu trabalhava com a segunda série e isso fazia parte do conteúdo.* [...] *Fiz muuuitos trabalhos de feiras de ciências, sempre procurava essa parte de resgatar a história* (Sinara Cezar Maria, entrevista, 2024).

Esse trabalho de registro da história e salvaguarda da memória da escola e a relação dela com a comunidade inspiram o título de guardiã dedicado à Sinara, que, em sua narrativa, contou sobre a saída dos alunos em visita à comunidade, a partir de um projeto elaborada por ela, para coletar fotos dos moradores mais antigos.

> *E eu consegui relíquias na época. E eu fiz xerox, guardei. E eu perdi tudo isso. Eu tinha guardado fotos da nossa escola quando era um casebrezinho no fundo do terreno, de madeira, com aqueles banheirinhos, com as patentes* [risos]*. Sabe? Lá no fundo... Depois, foi construído um outro prédio de madeira maior, mais bonito, com mais espaço. Foram 3 fases* [da estrutura da escola]*... No finalzinho dos anos 60 é que foi construído esse prédio em alvenaria que nós temos lá hoje. Eu tinha fotos dessas fases todas, sabe? Das crianças trabalhando em horta na escola... De várias coisas bem, bem históricas mesmo. A gente tinha álbuns lá na escola, com essas fotos. A Lúcia que sempre cuidava muito disso, ela fazia álbuns com as fotos e de tudo que era publicado no jornal sobre a escola... Isso tudo se foi... Isso tudo se foi... Essas lembranças, essas fontes que a gente tinha* (Sinara Cezar Maria, entrevista, 2024).

A professora Rafaela finaliza a entrevista reafirmando o desejo e o esforço de registro da história e busca por fotos e objetos da comunidade escolar.

******

Quando recebemos o convite da Rafaela ficamos encantadas com o cuidado, com a atenção, o carinho, e com a ética amorosa com que o material foi produzido. Fazer parte disso seria como produzir um presente coletivo, com as vozes de pessoas que viveram, da forma mais agressiva e aterradora, o mês de maio de 2024 no Rio Grande do Sul. Até começar a escrita do texto, Mariante era tudo que a mídia contava: atingida, destruída, arrasada. Em maio, junho e julho, com mais intensidade; e a partir daí, com menor frequência, a mídia dizia que Mariante havia se tornado uma vila fantasma.

Mas, na medida em que o material enviado pela Rafaela foi esmiuçado, as pessoas, as histórias, as lembranças, as vidas, em um esforço arqueológico da professora e de seus alunos, começaram a ser recuperadas. Vozes que não eram escutadas, corpos que estavam invisíveis, prédios que estavam submersos começaram a aparecer. E estas pessoas não querem ser ou se manter para sempre atingidas, destruídas, arrasadas.

Pessoas querem viver, querem ser felizes e terem seus direitos respeitados. Elas querem ser lembradas pelas tantas coisas boas que já viveram e fizeram, pelas conquistas, pelas alegrias, pela potência de suas vidas. Querem ser lembradas pelo que criaram, pela comunidade que partilhavam. Se forem lembradas por serem as habitantes remanescentes de uma "vila fantasma", serão mais facilmente esquecidas por aqueles que precisam se preocupar com o abandono da região depois de maio, com a falta de infraestrutura e de respostas.

Rafaela e os sete alunos fizeram um trabalho de vital importância afetiva, histórica e política para esse lugar. Nós, convidadas a esmiuçar esse material delicado e cheio de vidas, que agora estavam

fragilizadas e vulneráveis, apenas fizemos um texto em torno das palavras da professora Sinara.

As palavras da Sinara são importantes, são necessárias, elas salvam, recuperam, registram um tanto de Mariante. Coube a nós escrever em torno de suas palavras, para compartilhar um pouco do afeto e da importância que Sinara conferia a cada uma.

Para nós foi uma experiência incrível produzir um texto a partir da oralidade, da memória. Foi como participar de uma roda de escuta com duas alunas, uma jovem professora engajada, e uma professora experiente, guardiã e engajada. Lembrando o que Ron Scapp, um amigo de bell hooks, disse em 2019:

> professores engajados sabem que as pessoas tendem a aprender até nas piores circunstâncias. As pessoas tendem a aprender, mas nós queremos mais que o simples aprendizado. É como dizer que, até nas piores circunstâncias, as pessoas sobrevivem, aqui não estamos interessados na simples sobrevivência (Scapp, 2019, p. 17).

Sinara, Rafaela, Luana e Gabriele, e tantas outras pessoas dali não querem somente a simples sobrevivência de Mariante: querem a vida nas ruas da vila, nos festejos da comunidade, querem os direitos básicos assegurados, querem a escola funcionando, não querem ser deslocadas para outros distritos e cidades, querem viver de maneira possível e segura em Mariante.

Enquanto Sinara conta a história da escola, Luana e Gabriele aprendem as lições mais fortes e necessárias da professora, aprendem que não devemos desistir ou temer as boas lutas, que os sonhos de uma comunidade podem se alcançados, aprendem que elas também têm uma força própria das mulheres de Mariante. Aprendem que as piores circunstâncias podem ser evitadas, lembram que o Rio Taquari pode subir novamente, e que por isso não podem ficar invisíveis para o poder público. As meninas aprendem rápido, mas aprendem melhor juntas, ouvindo a voz da professora Sinara. Agora

elas, e nós também, sabemos que, quando as pessoas na rua gritam pela escola, é porque a escola foi a experiência mais radical e amorosa da comunidade de Mariante.

A escola voltar a funcionar é atestar que essas histórias e essas vidas não foram esquecidas. Trazemos mais uma vez as palavras de Sinara, que também nos traz as pistas de como continuar: "*a luta foi muito grande porque não era tão simples... O que tinha que fazer para realizar esse sonho, para vencer esta luta? Tinha que fazer pesquisa... Foi uma luta bem grande... Todo mundo se envolveu muito*".

REFERÊNCIAS

CÍCERO, Antônio. *In*: **Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2025. Disponível em: http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoas/5468-antonio-cicero. Acesso em: 18 mai. 2025. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

MARIA, Sinara Cezar. Entrevista concedida à Rafaela Limberger. Escola Estadual de Ensino Médio Adelina Konzen, Venâncio Aires – RS, 2024.

SCAPP, Ron. A construção de uma comunidade pedagógica: um diálogo. *In*: hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

3

Kauã Lucas Drunn
Gabriela Schwengber
Marcos Hinterholz

"A ESCOLA É A VIDA...": HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DA ESCOLA MARIANTE ATRAVÉS DAS DÉCADAS

Entrevista concedida pelo professor Roni Silva Maria

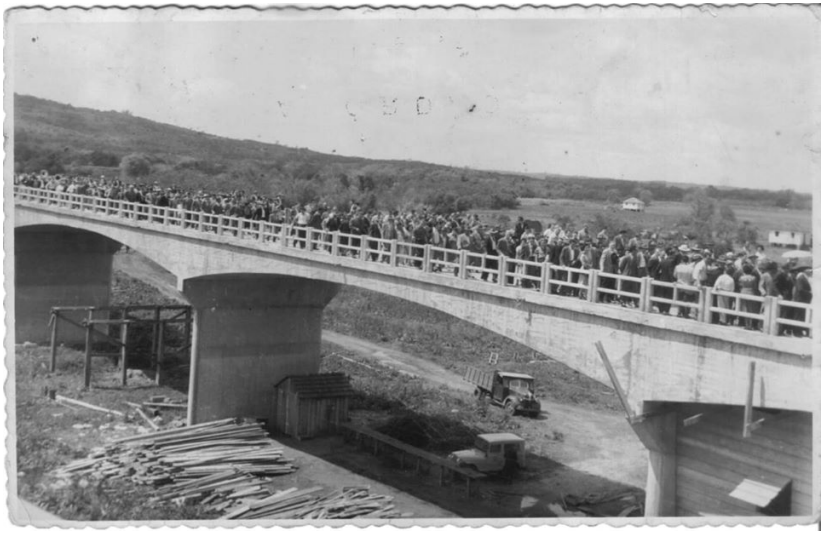
Uma escola é feita de vigas, ferros, tijolos, argamassas, tintas e mobílias, mas também de palavras, sentimentos, memórias... Ou seja, construída a partir da relação entre tantas pessoas. "*A escola é vida*", disse-nos o professor Roni ao recordar a Escola Estadual de Ensino Médio Mariante, um espaço que tem o mesmo nome e se mistura à história da Vila Mariante, onde ele nasceu em 1959 e na qual se criou.

Por meio das memórias do professor Roni, nos transportamos para a Vila Mariante dos anos de sua infância e adolescência, lá pelos idos de 1960 e 1970. Uma vila que parecia muito mais uma cidade, de tão movimentada! Pelas ruas, a brincadeira das crianças, fascinadas com o movimento dos caminhões que faziam fila para

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-424-7.3

entrar no Mariante, "*era contar caminhões estacionados da ponte até o centro da vila*", relatou Roni.

Imagem 1 — Inauguração da ponte do Rio Taquari em 1958



Fonte: Folha do Mate, 2024.

Era o tempo em que lá estavam instaladas grandes distribuidoras de petróleo, como Shell, Atlantique e Ipiranga. Havia ainda o porto a partir do qual eram exportados cereais. O Rio Taquari e o Porto de Mariante são centrais para entendermos toda essa movimentação de mercadorias, mas também de pessoas. Também é importante lembrar que era por Mariante que se dava, nas décadas de 1930 e 1940, a viagem de passageiros entre Venâncio Aires e Porto Alegre, por meio de barcos a vapor. Complementavam aquela paisagem cheia de vida muitos restaurantes, quatro hotéis, uma rodoviária bastante movimentada e a Escola Mariante, cujas origens remontam a 1939, quando se chamava Escola Coronel Brito. Ao longo de mais de 85 anos de história, muitas gerações estudaram na escola e guardam memórias do tempo em que lá estiveram, da formação que receberam e dos vínculos de afeto lá construídos.

Assim como as recordações do professor Roni, há muitos outros depoimentos que dão conta do orgulho que a comunidade sempre sentiu pela escola, pelo seu bom nível de ensino (que a fazia estar entre as 100 melhores do estado), pela banda marcial e pelos desfiles cívicos realizados anualmente. Esses desfiles, organizados pela Escola Mariante, mobilizavam toda a comunidade, e deles participavam outras escolas da região, entidades, clubes, piquetes e cavalarianos. A banda da escola era tão conhecida que era convidada a se apresentar em municípios vizinhos, como Mato Leitão, Passo do Sobrado e Fazenda Vilanova.

Em 1996, a escola registrou um significativo incremento na quantidade de alunos, com a implementação do Ensino Médio, tornando-se uma escola polo, pois passou a receber alunos de toda a região. Com esse incremento na quantidade de estudantes, a escola passou a ocupar também o prédio da antiga Escola Cenecista Luiz Vasques da Cunha.

Imagem 2 — Prédio da Escola Cenecista Luiz Vasques da Cunha, construído na década de 1950

Fonte: Folha do Mate, 2024

Pode-se dizer que a escola era um palco onde a vida em comunidade acontecia. Na memória do professor Roni, surgem as imagens das sociedades e seus clubes de bolão, os bailes, os CTGs, a Festa de Navegantes... A vida de Mariante, a vida da escola e de tantas pessoas, como do seu Roni, se misturam, complementam e nutrem umas às outras. Ao escutarmos o professor, podemos perceber que sua relação com Mariante vem de muito tempo, afinal, toda sua família era da região: "*meus avós, meus antepassados... São da região de Mariante*". Sua mãe foi aluna de uma das primeiras turmas da escola e, posteriormente, trabalhou ali como professora até os fins da década de 90. Sua esposa, a Sinara, já somava cerca de 34 anos como docente quando a Escola Mariante foi tomada pelas águas. E foi a mesma instituição que forneceu a educação básica para seus dois filhos. É um exemplo de como as trajetórias de vidas pessoais foram se entrelaçando com a história da escola.

Roni, ao ser perguntado sobre qual escola estudou, responde com entusiasmo: "*na Mariante! Na época era* [chamada de] *Coronel Brito, depois passou para Mariante*". E ainda lembra da estrutura da escola há 60 anos, que "*Era um prédio de madeira! Pequeno. Me lembro direitinho das salas: tinha o corredor, fazia tipo um 'U' e aí, antes de começar a aula, nós tínhamos que entrar em fila e cantar o hino, rezar, iiiih... Eram umas encrencas!*", contou rindo. Mesmo agora, já um senhor, ainda lembra com carinho da escola, das salas e momentos de interação, "*aah, o recreio era muito bom! A gente jogava bola, tinha uns campinhos no lado, gramado...* [...] *Era bem divertido!*". Relatos como esse reforçam como a escola, além de nos fornecer as lentes para a compreensão do mundo (com estudos teóricos e práticos), também é um local de sociabilidade e afeto, que deixa boas memórias — afinal, como já escreveu Lya Luft, "a infância é o chão sobre o qual caminharemos o resto dos nossos dias" (2003, p. 26).

Imagem 3 — Desfile da antiga Escola Coronel Brito em setembro de 1973

Fonte: Mônica Guimarães Pereira, 2025.

Ao refletir sobre quais outros aspectos lembrava do período escolar, ele diz:

> *Estou me perguntando se me lembro da época da escola, eu me lembro... O recreio das nossas brincadeiras lá, nossas bagunças. Eu me lembro do nome das minhas professoras todas que eu tive! Eu fiz o prézinho com a professora Clélia Jipe, depois o primeiro ano com a professora Ritinha, segundo ano com a professora Neuza Braga, terceiro ano com a professora Nercelina* [...] *O quarto ano de novo com a professora Neuza* [...]. *E depois fui pro Castelinho, aí estudava no Castelinho de manhã e de tarde ajudava meu pai, meu pai tinha o bar da rodoviária* (Roni Silva Maria, entrevista, 2024).

Aqui é importante comentar alguns aspectos sobre a memória, como os estudos de Michel Pollack (1992) apontaram. O primeiro deles é que a memória é seletiva, afinal, é humanamente impossível retermos e lembrarmos de todas as informações e vivências.

Ela também é construída numa articulação entre momento presente e passado: o presente, que nesse caso foi o momento da entrevista, pois, ao ser questionado sobre assuntos específicos, procurava lembrar de situações e expressá-las de forma compreensível; já o passado é referente às experiências vividas e que ficaram registradas de alguma forma. Todo esse processo mental que ocorre ao expressarmos nossas memórias são vivenciados, na grande maioria das vezes, de forma inconsciente.

O professor Roni, com seu jeito calmo e voz mansa, contou mais sobre seus dias enquanto estudante:

> *Na realidade, eu tenho uma ligação muito forte com a escola, mas eu estudei 4 anos só na Escola Mariante. Eu sou da época do primário, hoje tem do primeiro ao nono ano, na época a gente fazia 5 anos de primário e 4 de ginásio. Para ir do primário ao ginásio, era um exame de admissão no quinto ou sexto ano, era quase um vestibular. E eu, modéstia à parte, sempre fui um guri muito inteligente! E quando eu estava no quarto ano, na época a lei permitia, tinha uma brecha na lei, tu* [podia] *pular do quarto e não fazer o quinto, pular do quarto ano e, fazendo o exame de admissão, tu ia pro primeiro do ginásio, né? Só que tu tinha que ter uma base de quinto ano e a minha mãe era professora de quinto ano em outra escola. Aí, o que que eu fiz? Eu, em 2, 3 meses, fiz esse quinto ano com ela, inclusive, meu certificado de primário não é da Escola Mariante, é da escola que a minha mãe dava aula. Aí eu fiz o exame do quarto ano no Mariante, o exame do quinto ano na escola que a mãe trabalhava, que era ali na Picada Mariante, e fiz o exame de admissão no Castelinho em Lajeado — tinha se transformado em estadual... O Castelinho* [...] *era uma escola dos irmãos Maristas São José, daí o estado comprou em 69 e foi o primeiro ano de funcionamento. Eu fui estudar lá em 69, sou dessa primeira turma no estado* (Roni Silva Maria, entrevista, 2024).

Neste trecho, podemos notar as mudanças educacionais ao longo do tempo, como a organização das séries da Educação

Básica e o caso do exame de admissão para o ginásio, hoje extinto, assim como o legado que a mãe deixou para Roni, o de ser educador. A ligação profissional do professor Roni com a escola teve início quando ele começou a dar aulas como substituto, por cerca de três meses. Nesse período, ele se dividia entre as obrigações na empresa multinacional que trabalhava e alguns poucos períodos na Escola Mariante. Foi em 2007 que o setor em que trabalhava fechou e ele foi demitido. Com mais de 50 anos de idade e faltando pouco tempo para aposentadoria, Roni comenta da dificuldade em arrumar outro emprego nessas condições, e que foram aquelas 4 horas/aula que o salvaram.

Desta forma, tornou-se professor em tempo integral: passou a trabalhar três turnos, somando 60 horas em escolas em Taquari — realidade vivenciada por muitos na área da educação, que nos demanda tanto formação e dedicação quanto amor. Depois de alguns anos, entre ajustes de horários, trabalhando em mais de uma escola, conseguiu realocar suas agora 40 horas de trabalho de forma exclusiva para Mariante. Nesses 14 anos dedicados à instituição, além de lecionar, participou do Conselho de Pais e Mestres (CPM), colaborou na organização de festividades, desfiles e outros eventos voltados para a integração da escola com a comunidade. Não à toa, foi o professor Roni que deu o título do presente texto, ao falar que "*A escola é a vida...*", ressaltando a importância de um esquema "*interligado* [...], *tipo uma corrente: escola, comunidade, a nossa comunidade católica*". Afinal, juntos criaram e ainda movimentam sociabilidades, afetos, e mostram os talentos e capacidades do povo de Mariante para além da sua localização geográfica.

Ao longo da conversa com o senhor Roni, podemos perceber a profundidade do laço com Mariante. Mesmo saindo da localidade na adolescência para continuar seus estudos em Lajeado e, posteriormente, morando no Rio de Janeiro e Porto Alegre, ele afirma: "*Eu nunca abandonei o Mariante, eu sempre vinha todo fim*

de semana quando eu estava em Lajeado [...]. *Só que depois de Lajeado eu fui para um lugar mais longe, aí já era mais difícil de vir do que Lajeado* [risos]. *Eu fui morar pro Rio de Janeiro*". Mesmo residindo durante 8 anos em outro estado, não perdeu contato com suas raízes, organizava-se financeiramente e vinha a cada dois meses visitar a todos, afinal "*não podia ficar muito longe, não é?*". Ao voltar para o Rio Grande do Sul, morou com sua esposa Sinara em Porto Alegre e pensavam em voltar para Lajeado. Foi a oportunidade de emprego que surgiu em Mariante que decretou o seu retorno para a localidade, naquele momento com mais um integrante na família: seu primeiro filho.

Infelizmente, como sabemos, o mesmo Rio Taquari, que proporcionou essa rica história à Mariante, numa enchente histórica em 2024, levou muito dessa história consigo. Entre os esforços de reconstrução das vidas e dos bens materiais perdidos, está a busca por não deixar que se percam as memórias dos tempos lá vividos. Assim como as lembranças do professor Roni, há muitas outras narrativas desse passado que precisam ser escutadas e compartilhadas. Pensar criticamente a educação requer voltar-se para o pretérito, buscar por esse outro, agitar e fazer falar aquilo que não é e nem pode mais ser, mas já foi e segue produzindo representações, sentidos e ações no presente.

Como dito, é necessário zelarmos por esse passado educacional, que é uma patrimônio coletivo, que nos enriquece e não pertence somente à Mariante, ao município de Venâncio Aires ou ao estado do Rio Grande do Sul — ele é de toda a sociedade. Nesse sentido, é importante destacar que, no processo de escrita deste texto, entramos em contato com a Secretaria de Educação do Estado para perguntar a respeito da documentação oficial da Escola Mariante sob sua responsabilidade. Nos foi informado que os registros foram perdidos nas enchentes. Desse modo, restam alguns poucos documentos da instituição que a diretora Naira levou para casa no dia da enchente. Logo, reforçamos a relevância de relatos como o do

professor Roni e das demais pessoas, reunidos neste livro, para preservar a história e memória da Escola Mariante, que impactou tantas trajetórias e gerações.

Após as inundações, o governo do estado do Rio Grande do Sul tomou a decisão arbitrária de encerrar as atividades da escola, sem consultar previamente a comunidade escolar e sem fornecer maiores explicações, comunicando à equipe da escola apenas cerca de 6 meses após o ocorrido, conforme o professor Roni nos relatou:

> *As autoridades tinham que ter um olhar mais... Como que eu posso dizer? Um olhar maior.* [...] *Podia ter um olhar melhor...* ***Ter conversado com a comunidade, conversado com os professores! Nós fomos ter um encontro com nosso coordenador,*** **[...]** ***ele veio conversar conosco, professores, agora! Seis, sete meses depois da enchente!*** *Ele veio, ele conversava com a direção, a direção nos repassava, mas é aquilo, né? Como é o funcionamento de uma escola? A escola é tipo uma empresa, tem lá em cima o diretor, o chefão, depois tem os gerentes tudo, e o que acontece quando dá um problema desses? O gerente, o diretor, vem e reúne os funcionários dele, e explica: 'está acontecendo isso e isso'. Nós nunca tivemos explicação do nosso coordenador!* ***Ele chegou aqui 6 meses depois para dizer: 'olha, a escola de vocês está fechada'*** (Roni Silva Maria, entrevista, 2024, grifo nosso).

É dessa forma que anos de história — da instituição e de todas as pessoas que tinham algum laço com ela — foram tratados. No período em que essa entrevista foi gravada, Roni ia com frequência para o local: "*Não tem uma semana que eu não vá em Mariante, e cada vez que eu vou lá eu venho mais derrubado. É complicado. A escola está só os escombros lá*", mostrando como esses espaços nos são importantes e é doloroso passar por uma experiência assim. Apesar disso, no professor Roni havia a certeza de que ainda há "*um lugar pra recomeçar*" — que fosse em algum local diferente, mas que ainda existisse a Escola Mariante, pois era "*o nome Escola Mariante, a tradição*". Afinal, como abordamos ao longo deste texto, a escola é

referência para aqueles da localidade, para aqueles que já estudaram na instituição e que, agora, tinham seus filhos matriculados nela. Com o fechamento da escola decretado, os alunos foram recebidos na Escola Adelina e, apesar da boa recepção e todos os esforços em bem recebê-los, o referencial das e dos alunos não se transformou de forma repentina. Assim, Roni percebe que os estudantes, ao conversar sobre "*a minha escola*", é em referência à Mariante, e sempre que precisam de algo "*eles vem na gente, a gente é o apoio deles*". Com o tempo e toda dedicação que envolve o ensino-aprendizagem, se construirão outras relações com os novos docentes e colegas, sem esquecer da história vivida e construída desde Mariante.

Uma colega de ofício de Roni, a Maria Lucia de Campos[1] — que se mudou para a região em 1977 e foi diretora da Escola Mariante por 20 anos —, em entrevista ao jornal *Folha do Mate*, pontuou a mesma questão: "A escola sempre foi um ponto central e acredito que poderia se discutir com a comunidade qual o melhor destino para ele [o prédio]" (Campos, 2024). A professora também sugeriu ações de preservação dos prédios da escola, do cais do porto e dos casarões antigos enquanto patrimônios históricos: "restaurar o que ficou ou, até mesmo, ser tombado como patrimônio histórico do município. Acredito que sempre há esperança de um novo recomeço, principalmente no lugar que é o berço de Venâncio Aires" (Maria Lucia de Campos, *Folha do Mate*, 2024). Percebe-se, através de seus relatos, a importância da participação da comunidade em tais decisões. E, para Maria Lucia, uma alternativa seria criar memoriais nos prédios que contam parte da história da região para serem visitados — principalmente ao longo do verão, com a maior procura de locais para banho. Uma iniciativa assim poderia contribuir no processo de ressignificação dos espaços atingidos pela enchente e em questões emocionais relacionadas.

1 Para a produção deste livro, entrou-se em contato com a professora Maria Lucia para gravar uma entrevista, mas não foi possível. Desta forma, utilizamos a entrevista concedida ao jornal devido a sua relevância para a história da instituição.

Devemos considerar que, para além da escola, casas e outros espaços da comunidade também foram afetados. O próprio professor Roni teve sua residência atingida pelas águas, que "*foi danificada, arrancou paredes... A garagem caiu, minhas árvores de frutas, a cerca...*". Apesar do laudo da prefeitura indicar "habitável com consertos", ele se questionava sobre continuar ou não no local. Comenta sobre preocupações que surgem nos nossos corações frente a situações como essa, de estar com uma certa idade para ficar correndo da enchente ou ficar preocupando com a família, mas confessa: "*Tenho muita saudade, tenho muita vontade de... Jesus! Cada vez que eu vou lá, dá uma saudade! Mas o Mariante hoje está praticamente uma cidade fantasma. Dá uma tristeza entrar lá. Ali na frente da minha casa, ali a água varreu tudo!*".

Este livro vem ao encontro destas ideias: não deixar Mariante no esquecimento, lembrar dos afetos, conquistas e cotidiano escolar. Ao ser questionado sobre o que pensa do livro em produção, o professor Roni responde:

> *Ah, isso é excelente! Pelo menos nós vamos preservar a história... É um memorial, é uma memória que vai ficar pra gente, né? E pros nossos netos, que podiam estar estudando lá, os filhos deles. Isso eles vão saber que existiu, ali estudou o vô, a vó, o pai, a mãe, o tio, meu amigo... estudaram ali e se formaram* (Roni Silva Maria, entrevista, 2024).

Aqui percebemos a tristeza, não apenas pelo o que a escola significou e foi para a vida de Roni e sua família, mas também pela destruição de um futuro, uma continuidade desse laço: da escola não estar ali para seus netos e próximas gerações. Afinal, como o professor defende com muito orgulho, "*a escola tem tradição, saíram de lá grandes. É uma escola pública. A gente tem defeitos, mas nós somos uma equipe unida. A gente procurou sempre o melhor da escola. E nós formamos grandes profissionais!*".

As seguintes palavras do professor Roni sintetizam o nosso propósito na construção deste livro, pois irá contribuir para:

> *Manter essa memória, porque tudo o que a gente tinha, fotos e coisas, isso foi tudo embora! Documentos... Qual é a referência que a gente tem da Escola Mariante hoje? A nossa cabeça. A nossa cabeça vai envelhecendo. E as dos guris que estudaram lá, e das meninas, também vai acontecer isso e a memória vai se apagar! Pelo menos vai ter esse livro para alguém, velhinho, dizer 'estudei na Escola Mariante', vai lá e mostra o livro* (Roni Silva Maria, entrevista, 2024).

Que esta obra seja um conforto e um espaço de memória para todas as pessoas que se sensibilizam, que fizeram e fazem parte da história da Vila e da Escola Mariante. Esperamos ter contribuído no contar dessas memórias, pois, de nossa parte, foi um privilégio conhecer mais suas histórias, assim como a trajetória do professor Roni. Levaremos conosco e não deixaremos que caia no esquecimento as bonanças, os afetos e a insensibilidade do poder público.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Maria Lucia de. Entrevista. *In*: PEREIRA, Leonardo. Escola Mariante: A instituição que dava vida à comunidade. **Folha do Mate**, 14 dez. 2024. Disponível em: https://folhadomate.com/noticias/escola-mariante-a-instituicao-que-dava-vida-para-a-comunidade/. Acesso em: 20 jan. 2025.

KIST, Débora. As construções históricas que resistiram à enchente em Vila Mariante. **Folha do Mate**, 25 mai. 2024. Disponível em: https://folhadomate.com/noticias/historia/as-construcoes-historicas-que-resistiram-a-enchente-em-vila-mariante/. Acesso em: 30 mai. 2025.

LUFT, Lya. **Perdas e ganhos**. 15. ed. Editora Record: Rio de Janeiro, 2003.

MARIA, Roni Silva. Entrevista concedida à Rafaela Limberger. Escola Estadual de Ensino Médio Adelina Konzen, Venâncio Aires – RS, 2024.

PEREIRA, Leonardo. Por decisão do governo do estado, Escola Mariante encerar atividades no fim desse ano. **Folha do Mate**, 03 dez. 2024. Disponível em: https://folhadomate.com/noticias/por-decisao-do-governo-do-estado-escola-mariante-encerrara-as-atividades-no-fim-deste-ano/. Acesso em: 20 jan. 2025.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

4

Fabiano Júnior Reckziegel da Conceição
Tainá Martins de Barros
Letícia da Silva

"DENTRO DA CABECINHA DE CADA UM DELES, ESSA HISTÓRIA NÃO VAI MORRER": MEMÓRIAS SENSÍVEIS DE LAIRTON

Entrevista concedida pelo secretário escolar José Lairton Saldanha

CAMINHOS INICIAIS

Contribuir para este lindo projeto está intrinsecamente conectado à razão que nos move, enquanto pesquisadoras, de estudar, registrar, escrever e reconstruir histórias e memórias da educação no Brasil. Acreditamos que a escola, enquanto *locus* vivo, assim como a educação, fazem parte da experiência constitutiva do que somos, pensamos e agimos, como sujeitos de uma cultura historicamente produzida.

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-424-74

O contato com o documento oral do secretário Lairton Saldanha é um exemplo comovente dessa experiência. Além deste vestígio, também mobilizamos as fotografias que ele nos disponibilizou. Para assumir essa tarefa cara e tão importante, salientamos que este estudo está ancorado na História da Educação. De acordo com Nóvoa (2014), a História da Educação se constitui a partir de um deslocamento rigoroso de ferramentas teóricas e metodológicas pela perspectiva histórica, junto a uma análise particularmente cuidadosa da realidade pedagógica e educativa.

Enquanto campo de investigação dentro da área da Educação, os estudos que fazem parte de sua esfera nos auxiliam a (re)pensar e a perceber a relevância da cultura, da memória e da história nos processos educativos. Além disso, nos oportuniza "situarmos a nossa própria existência na narrativa histórica e de compreendermos que a mudança se faz sempre a partir de pessoas e de lugares concretos" (Nóvoa, 2014, p. 11). Portanto, Lairton, enquanto sujeito que viveu grande parte da trajetória da Escola Mariante, também nos apresenta pontos de extrema importância para se estudar os movimentos de permanência, ruptura e transformação ao longo da história.

O projeto deste livro tem o objetivo de perpetuar a Escola Mariante para além do tempo e de sua materialidade, uma vez que ela encerrou suas atividades em razão das consequências da enchente do rio Taquari em maio de 2024 que castigou a região, oriunda da catástrofe climática que assola o país. A enchente destruiu a escola e parte da Vila Mariante, no interior de Venâncio Aires/RS.

Sabemos que um lugar é vivo e possui história a partir dos indícios, das marcas, dos resíduos e dos resquícios que perpetuam sua memória. Portanto, na memória de Lairton. De acordo com Paul Ricouer (2007, p. 71), "lembrar-se é não somente acolher, receber uma imagem do passado, como também buscá-la, 'fazer' alguma coisa" com ela. A memória, um exercício realizado no presente, é sempre ativo e cheio de sensibilidade. A Escola Estadual de Ensino Médio

(EEEM) Mariante, criada em 1939, marcou a trajetória de inúmeras famílias, estudantes e profissionais que fizeram parte de sua comunidade. Mais do que a dor da tragédia e a triste notícia do encerramento de suas atividades, preservar, celebrar e compartilhar sua história é manter vivo o legado de um capítulo singular do nosso tempo.

Com base em Ecléia Bosi (1987) e Alessandro Portelli (2016), enfatizamos que para a entrevista foi utilizado a metodologia de História Oral, que lida com depoimentos pessoais, como testemunhos e memórias orais, para registrar os rastros de experiências vividas, tornando possível conhecer acontecimentos na nossa história a partir da perspectiva dos sujeitos que a vivenciaram.

NARRAR PARA NÃO ESQUECER

Despertar as lembranças dessa comunidade em particular teve como ponto de partida as memórias de Lairton. Em 1978, José Lairton — hoje com 52 anos — dava seus primeiros passos na vida escolar na escola da então Vila Mariante. Com apenas seis anos, o filho de um marinheiro e de uma dona de casa começava a formar suas primeiras lembranças do lugar que se tornaria sua segunda casa.

Natural de Bom Retiro/RS, mas criado em Mariante/RS, estudou desde a pré-escola na instituição, nutrindo grandes relações com o lugar, seus colegas e professores. Muitos anos depois, retornou para trabalhar lá, como concursado do estado, em 1993. De acordo com suas memórias, passou em primeiro lugar em um cargo administrativo para instituições escolares:

> *Eu tive a oportunidade de escolher a Escola Mariante, lógico né, eu já morava em Mariante, minha família era de Mariante, e ter a oportunidade de trabalhar na escola que eu estudei... não pensei duas vezes em voltar* (José Lairton Saldanha, entrevista, 2024).

Depois de dois anos nessa função, houve uma adequação de cargo para vaga de secretário. Ali, passou a se sentir parte da equipe pedagógica de fato. Sua rotina de trabalho consistia em estar na secretaria de segunda à sexta, no horário das 8h00 às 12h00 e das 13h00 às 17h00. Durante esse período, Lairton relata:

> *Eu fazia toda aquela parte da secretaria e atendimento do alunado.* [...] *Com o tempo, eu passei a ajudar a Lúcia* [diretora] *nessa parte toda da prestação de contas. Mas eu fazia com ela toda parte administrativa do funcionamento da escola* [...] (José Lairton Saldanha, entrevista, 2024).

Parte interessante de sua narrativa é de que desde sua infância na escola, a estrutura seguia igual:

> *Quando eu comecei na pré-escola, era nesse mesmo prédio que agora foi interditado pela parte elétrica, só não tinha duas salas de aula que agora, há anos atrás, foram construídas para funcionar o prézinho. Mas era a mesma escola, claro, não com tantos alunos, era só de pré a quarta série* [...]. *Da quinta série até o terceiro ano do Ensino Médio a gente estudava no antigo ginásio cenecista. Mas o prédio e a estrutura é mesma* (José Lairton Saldanha, entrevista, 2024).

Porém, as similaridades, hoje, são poucas com o passado. Mesmo uma estrutura firme e concreta pode sofrer as intempéries do tempo, das calamidades que também fazem parte dos movimentos da história. Nossa história. Mas é para além das paredes e do concreto que reside o verdadeiro legado — são as pessoas, com sua presença viva, que eternizam os encontros e fazem brotar afetos que as lembranças não apagam. Ao longo da sua vida trabalhando na escola, Lairton conta:

> *Alunos que entraram na época que eu trabalhava lá na pré-escola se formaram e hoje eu continuo trabalhando e* [vejo] *os filhos deles estudando, sabe? Junto comigo... Assim como teve os meus sobrinhos e afilhados, que foram muito bem acolhidos, como todos foram... Isso deixa a gente emocionado... Emocionado!* (José Lairton Saldanha, entrevista, 2024).

Entrelaçam-se tessituras que unem e dão forma à comunidade, onde familiares e rostos já conhecidos tecem, dia após dia, os fios de laços profundos, sustentando um sentimento de pertencimento que a escola, como um coração pulsante, fazia florescer. Lairton continua:

> [...] *ver alunos que passaram durante esse tempo que trabalhei ali e hoje trazem os filhos deles para estudar na escola que tu trabalha e chegarem ali e dizer pro filho: "ah, quando eu estudei aqui o Lairton me tratou com carinho, com o mesmo carinho e atenção que ele vai te tratar hoje!"* (José Lairton Saldanha, entrevista, 2024).

De forma sensível, destaca que "*tu cria dentro da escola uma segunda família, porque tu passa mais tempo dentro da escola do que na tua própria casa, às vezes. Então tu cria um vínculo muito grande* [...] *com os alunos da Escola Mariante"* (José Lairton Saldanha, entrevista, 2024). Portanto, uma escola é um espaço de convivência, de acolhimento — uma rede de apoio que transcende os muros da instituição e se insere na vida pessoal de cada um.

DEPOIS QUE A BANDA PASSOU

"A minha gente sofrida,
Despediu-se da dor,
Pra ver a banda passar
Cantando coisas de amor"

(Chico Buarque, 1966)

Ao revisitar suas memórias, sempre em fluxo, como uma melodia que nunca cessa, Lairton evoca um dos aspectos mais significativos de sua experiência escolar: a banda da escola. Originária da extinta Escola Cenecista, a banda era dirigida pelo

professor Eni, do curso de contabilidade. Quando essa instituição encerrou suas atividades, Eni transferiu-se para a escola de Mariante, levando consigo a banda, que, a partir daí, passou a se chamar "Banda Mariante". Quando o regente se aposentou, o cargo foi assumido por Lairton, e mesmo com o sentimento de insegurança, já que o mesmo assumiu a coordenação em meio a uma preparação de um desfile, ele não esconde o sentimento de orgulho e comemora:

> *Tivemos uma banda com 65 alunos. Nós tivemos de fazer 5 a 6 desfiles*, [em] *Venâncio, Mariante, Bom Retiro, Passo do Sobrado, Fazenda Vila Nova... A banda do Mariante era convidada para tocar fora, fazer apresentações... É um orgulho a parte da Escola Mariante* (José Lairton Saldanha, entrevista, 2024).

A banda representou um marco significativo na vida de Lairton. Mesmo diante do medo, ele a conduziu com grande destreza. Sem formação acadêmica em música, foi aos poucos que aprendeu a liderar a banda, superando desafios e se apropriando de novos conhecimentos. Durante a pandemia, a banda começou a dar sinais de que seu ciclo estava se encerrando. A impossibilidade de realizar ensaios presenciais, devido às restrições do distanciamento social, dificultou o encontro entre os alunos e o regente. Além disso, em uma escola que já enfrentava carências estruturais, o computador ainda era considerado um luxo, tornando o acesso a alternativas digitais ainda mais distante.

Em 2023, ocorreu a última apresentação da banda. Embora ninguém soubesse que seria uma despedida, Lairton teve a oportunidade de reunir antigos alunos e egressos, realizando um show inesquecível que marcou aquele momento de mudanças, de incertezas e inseguranças. Na canção intitulada "A banda", escrita e interpretada por Chico Buarque em 1966, ele cantou:

"Mas para meu desencanto
O que era doce acabou
Tudo tomou seu lugar
Depois que a banda passou".

Assim também foi em 2024, quando as enchentes, implacáveis, não destruíram apenas os instrumentos e as partituras, mas também tomaram a alegria que a banda havia cultivado ao longo dos anos. A água levou o material, afundando-o na lama. O que antes era doce, a música que unia alunos e egressos, agora se dissipou, e a dor, como um lamento, tomou o lugar da canção. Embora o cenário fosse de desespero, marcado pela tristeza e pelo caos, a história da escola e as memórias que ela gerou não se perdem tão facilmente.

Os objetos, é verdade, foram arrastados pelas águas, mas jamais serão apagados do coração de Lairton e de todos aqueles que viveram o espírito da banda. Ficam as lembranças entre os corredores, no pátio, nas salas, entre aqueles que estiveram lá. A história da escola continua viva, como uma melodia que, apesar das perdas, resiste no âmago da memória coletiva. Chico Buarque cantou:

"E cada qual no seu canto
Em cada canto uma dor".

Isso resume bem o fato de que a banda já não existe mais e que a música silenciou na Escola Mariante. Mesmo não regendo, nem cantando, Lairton continua contando coisas de amor, quando compartilha conosco esse pedaço de lembrança, esse retorno ao seu coração e ao coração da Vila Mariante.

Para refletir mais sobre isso, vamos olhar para os vestígios visuais que Lairton nos disponibilizou. Quando operamos uma fotografia como fonte histórica, de acordo com Ana Maria Mauad (1996), devemos atentar que ela é uma construção simbólica que

revela tanto quanto oculta. Interpretá-la é ler os signos do tempo impressos em imagens.

Ou seja, a fotografia carrega marcas do tempo em que foi produzida — desde os objetos retratados até os modos de vestir, os gestos, as tecnologias, os espaços, as vivências. E por isso, exige uma leitura crítica, contextualizada e sensível às camadas visíveis e invisíveis que ela carrega.

Imagem 1 — Estudantes em desfile com a faixa da Escola Mariante

Fonte: Arquivo pessoal de José Lairton Saldanha, 2024.

Nesta recordação, é possível perceber Lairton e alguns alunos da Escola Mariante desfilando com a banda. Passos afinados, performando uma história que segue no compasso da música e fazendo morada nas memórias. Observando, podemos intuir a presença de muitos moradores, pais, amigos e parentes que compõem a comunidade. A vida escolar ali, acontecendo.

Imagem 2 — Lairton e estudantes da banda reunidos

Fonte: Arquivo pessoal de José Lairton Saldanha, 2024.

Esta lembrança ressoa um trecho de suas memórias orais, ao salientar:

> *A banda, dentro da escola, era uma outra família,* [...] *quando chegava naquela época ali era uma união muito grande. Então isso eu vou levar para mim, como todo dia.* [...] *Eu olho para ali e eu tenho lembrança do que era a Escola Mariante* (José Lairton Saldanha, entrevista, 2024).

Na foto, observamos a segunda família de Lairton. Em tons de azul e notas de emoção: alunos da Escola Mariante ao seu lado, após uma apresentação. Abraços, sorrisos, instrumentos e brincadeiras — escola para além dos muros.

No entanto, existem registros que habitam um outro lugar da sensibilidade: rastros que, ao capturar momentos específicos,

também carregam ausências e silêncios que exigem uma análise crítica, mas também afetiva. A próxima fotografia transmite certas emoções para quem a observa, remetendo ao contexto da enchente de maio de 2024.

Imagem 3 — Parte da Escola Mariante após a enchente de maio de 2024

Fonte: Arquivo pessoal de Rafaela Limberger, 2024.

De acordo com Lairton,

> *a vida de uma escola são os alunos. Então tu olhar um prédio onde tu viu uma vida inteira, uma história inteira acontecer e hoje tu olhar para aquilo ali ser só parede em silêncio...* (José Lairton Saldanha, entrevista, 2024).

O que se destaca ao contar suas lembranças, para quem passou a maior parte da vida entre as paredes de uma escola, é o silêncio — muito mais que a destruição. As salas, o pátio e os

corredores não estão preenchidos por pessoas, mas por um silêncio profundo. Não que a destruição se dilua ou não tenha importância, longe disso. O desmantelamento da instituição impacta em todos nós, inclusive em Lairton. Mas há algo ali que parece deslocado, como se faltasse a alma da escola: o rumor das vozes, o pulsar da vida. Saber que o seu capítulo, enquanto território a ser habitado, vivido e explorado, acabou.

> *A parte física não existe mais, mas a história da Escola Mariante, pelo menos nesse período em que eu trabalhei e continuo trabalhando, dentro de mim e nas minhas lembranças, eu não vou deixar morrer. Porque é uma vida, é uma história que eu tenho dentro da escola* (José Lairton Saldanha, entrevista, 2024).

Com esse trecho da narrativa de Lairton, nota-se que as memórias não morrem, de fato. Mesmo quando os espaços físicos se perdem, elas persistem. Existem lembranças que não residem apenas na mente, mas se aninham no peito, pulsando no compasso da vida, entrelaçando-se com aquilo que somos, perpassam nosso corpo e nossas sensações mais profundas. E talvez esse seja o verdadeiro legado de Lairton na história: compartilhar, através de sua narrativa e de seu arquivo pessoal, o que perdura. Isso traz consigo um respiro de esperança, um afago suave na alma de quem experimentou de perto as enchentes, para quem faz parte da comunidade de Mariante, para quem fez parte da escola durante décadas... E para nós, aqui, que temos o privilégio de partilhar seus ecos.

Lairton, você foi verdadeiramente especial para os alunos da Escola Mariante. Nos seus intervalos, mesmo sabendo da importância do seu descanso, deixava de lado esse momento para ir jogar vôlei com eles, ensinando como sacar ou simplesmente acompanhando e incentivando as partidas. Isso é mais do que dedicação: é a construção de um vínculo sincero, uma prova de

como se importava com o bem-estar de cada um que estava ali. Um profissional responsável e trabalhador, mas também alguém que cultivou uma relação de afeto genuíno com todos ao seu redor. Sua presença é e foi um exemplo constante de como fazer a diferença na vida dos outros.

Agora, o que fica são as recordações, como água que segue seu curso, marcando os rochedos da vida de tudo o que tocou. É sempre importante, como um ato de resistência, lembrar da beleza onde existiu tanta dor. É preciso ser meio como Lairton e seus alunos: enfeitar a cidade com uma marcha alegre que se espalha na avenida, espalhando coisas de amor. Olhar com o coração, sempre.

Imagem 4 e 5 — Lairton e estudantes da banda em desfile

Fonte: Arquivo pessoal de José Lairton Saldanha, 2024.

REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 2 ed. São Paulo: T.A. Queiroz; Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

BUARQUE, Chico. **A banda**. Rio de Janeiro: RGE, 1966. LP.

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história — interfaces. **Revista Tempo**, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 2, 1996, p. 73-98.

NÓVOA, António. Por que a História da Educação? *In*: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara (Orgs.). **Histórias e memórias da educação no Brasil**, Vol. I — Séculos XVI–XVIII. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SALDANHA, José Lairton. Entrevista concedida à Rafaela Limberger. Escola Adelina, Venâncio Aires – RS, 2024.

5

Thauan de Paula Fonseca
Camila da Rosa
Carlos Gilberto Pereira Dias

A ESCOLA AINDA EXISTE:
VÍNCULOS E MEMÓRIAS

Entrevista concedida por Mônica Guimarães Pereira

Onde mora uma escola? Seria uma simples localização do Google Maps o suficiente para essa resposta? Em especial, se naquele local não há mais as sólidas paredes? A Escola Estadual de Ensino Médio Mariante já não está mais onde costumava estar, a escola mora agora na lembrança afetiva de todas as pessoas que passaram por ela. Construir uma narrativa coletiva que possa dar sentido àquilo que não existe mais fisicamente é ressignificar uma memória coletiva (Pollak, 1989; 1992). É um exercício de memória que devolve sentido ao vivido, que reconstrói com palavras o que foi perdido com a força das águas.

Entre o final de abril e início de maio de 2024, o Rio Grande do Sul vivenciou uma tragédia sem precedentes na história recente com a enchente que atingiu quase todos os municípios gaúchos. A tragédia começou com uma chuva persistente que foi ganhando

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-424-7.5

força nos dias seguintes e agravou-se nos vales dos rios Taquari, Caí, Pardo, Jacuí, Sinos, Gravataí, além do Guaíba, em Porto Alegre, e da Lagoa dos Patos, em Pelotas e Rio Grande. Para além das imensas perdas materiais, a enchente tirou a vida de 170 pessoas e expulsou de casa mais de 600 mil moradores.

No imaginário coletivo gaúcho, as marcas são indeléveis, afinal, todas as pessoas que vivem no Rio Grande do Sul sentiram direta ou indiretamente os efeitos catastróficos da enchente. É nesse panorama que acompanhamos tristemente o encerramento das atividades da Escola Mariante, situada na Vila Mariante, localizada no interior de Venâncio Aires, em decorrência dos estragos causados pela enchente.

Um ano depois da enchente, como forma de homenagem e resistência, professores e estudantes se reuniram para registrar memórias — depoimentos de ex-alunos, ex- professores, funcionários e moradores da comunidade que, em algum momento, fizeram parte da história da Escola Mariante. Em cada palavra registrada, há mais do que lembrança: há afeto, saudade, e o desejo profundo de manter viva a escola, mesmo quando seus muros já não estão mais de pé. Assim, pesquisadores(as) e voluntários(as) se dispuseram a recuperar parte da história desse espaço escolar tão simbólico para a comunidade de Vila Mariante. Sabemos que o desafio é enorme, pois a enchente destruiu o acervo físico que compunha a materialidade da memória da escola.

Ao nos referimos a "acervo físico", entendemos que ao longo do tempo guardamos involuntariamente objetos que produzimos no percurso de nossas vidas — fotografias, cartas, cadernos, jornais, revistas, etc. — e registramos quase acidentalmente esse "arquivo pessoal" que compõe não apenas uma memória individual, mas coletiva (familiar, comunitária, escolar). Quando recuperamos uma fotografia ou um recorte de jornal, nós sistematizamos uma memória e reconfiguramos o passado a partir do presente. Os documentos materializados de

qualquer espécie são riquíssimos, pois podemos acessá-los de diferentes ângulos e momentos históricos (Mauad, 2009).

No caso da Escola Mariante, isso não será mais possível, uma vez que a enchente destruiu esses registros. Soma-se a isso a histórica precarização da escola pública no país, especialmente no interior. Não há dúvida de que a tragédia de 2024 ampliou ainda mais as inúmeras dificuldades que a Educação Básica gaúcha enfrenta, um golpe para a comunidade escolar. Para as pequenas comunidades interioranas que ainda resistem ao abandono do campo e à diminuição da natalidade, a enchente causou uma destruição não apenas do espaço físico, mas da pertença a um território comunitário.

Diante desse vácuo, a metodologia da História Oral preenche uma lacuna fundamental. Afinal, a memória da Escola Mariante existe na lembrança afetiva de todas as pessoas que passaram pela escola em suas décadas de existência. As águas da enchente de 2024 apagaram o prédio, levaram os bancos do recreio, as paredes das salas, os livros das estantes. Mas não conseguiram — e talvez nunca conseguirão — arrancá-la daquilo que realmente a sustenta: a memória, o afeto e o pertencimento. E as lembranças...

> *Muitas lembranças! A lembrança onde tu senta na sala, onde tu sentava... A lembrança do professor explicando, em determinado momento, quando tu entra na sala, tu lembra de professores que te davam aula ali. Tu olha pro semblante de um aluno e te lembra de um colega, que é filho* [do colega]*... Então isso tudo traz recordações... Até mesmo livros antigos te trazem recordações, que foram livros que tu leu um dia. Antes da enchente, ao retirar algum livro ou ir na biblioteca, me lembrou muito dos muitos livros que passaram pela minha mão. Até mesmo as Barsas! E tem Barsas, claro que a enchente agora levou, né? Mas tinha Barsas que tem o marcado com o nosso lápis ainda, onde a gente escreveu, onde a gente marcou a pesquisa* (Mônica Guimarães Pereira, entrevista, 2024).

Para a professora Mônica Guimarães Pereira, 43 anos, "a Mariante", carinhosamente chamada, nunca foi apenas uma escola. Foi o chão onde pisou como estudante ainda menina, nas idas de kombi com os vizinhos do Travessão, no quadro verde de pedra, na letra desenhada a giz, nas provas sem consulta, nas leituras dos clássicos e nas tardes de banda e desfile cívico, marcas afetivas que estão na memória de uma Mônica criança/adolescente.

Imagem 1 — Mônica (sentada na última fileira, na segunda classe da direita para a esquerda) com colegas na escola Mariante

Fonte: Arquivo pessoal de Mônica Guimarães Pereira.

Foi também o lugar de reencontro, anos depois, quando retornou não como aluna, mas como professora — com os mesmos corredores, ainda alguns mesmos livros, rostos de professoras que tanto lhe marcaram e, também, espelhados nos filhos de seus antigos colegas que, então, passaram a ser seus alunos. Forma-se aí um elo da professora com um espaço, paredes, uma comunidade que se estende nas memórias de sua infância à vida adulta.

"*Eu lembro... era escrito no quadro verde, naquele quadro de pedra verde, a giz, que saía aquele pozinho né, aquilo marcava bastante* [risos]" (Mônica, entrevista, 2024).

"*Na minha sala do quinto ano, éramos 43 alunos*", ela segue contando. E o número, mais do que estatística, é memória viva de um tempo em que os corredores vibravam com passos e vozes, em que o giz riscando o quadro verde era o som da aprendizagem em movimento. As manhãs começavam cedo, antes das seis, e o retorno para casa só acontecia depois do meio-dia. A rotina era longa, mas ali se aprendia mais do que os conteúdos escolares. Aprendia-se a ser. E como se esquece disso?

A metodologia da História Oral consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram ou testemunharam acontecimentos nos quais estiveram inseridos. Assim, as entrevistas garantem a reconfiguração de uma memória coletiva de pessoas que não dispõem de registros escritos (Thompson, 1992; Alberti, 2011). Ela reconhece o valor da oralidade como fonte legítima de conhecimento e preserva aquilo que o tempo não apaga: as marcas deixadas pelas emoções, pelos gestos, pelos silêncios e pelas palavras que carregam história. No caso da Escola Mariante, ouvir aqueles que viveram seus dias — como alunos, professores ou membros da comunidade — tornou-se um gesto de reconstrução simbólica, um modo de manter vivo um lugar que, embora fisicamente destruído, segue sendo memória.

Maurice Halbwachs (*apud* Bosi, 2004) dizia que "se lembramos, é porque os outros, a situação presente, nos fazem lembrar". É quando somos provocados a reconstituir o espaço físico da Escola Mariante como um "lugar de memória" que nasceu a partir do momento que a memória corria o risco de ser apagada. Para reconstruirmos parte desse legado, recorremos aos relatos das pessoas que conviveram neste local, estabelecendo-se, assim, uma conexão com o passado recente da escola (Nora, 1993; Rousso,

1996), caso da professora Mônica e de todos os entrevistados que compõem esse livro.

Para Mônica, é uma vida inteira que se teceu entre os muros da escola. Lá, não se aprendia só Geografia ou Literatura, quando cita os autores lidos na biblioteca da escola ainda adolescente. Aprendia-se a esperar o ônibus juntos, a estudar no recreio, a unir forças para compreender o que sozinho era difícil. Ali se forjavam amizades, se descobriam talentos na banda da escola, se construía o sentimento de comunidade. A escola era chão e era laço.

Não por acaso, tendo a oportunidade de retornar como professora, Mônica não hesitou. Mesmo morando na cidade (área urbana), ela aceitou trabalhar na vila onde cresceu. "*Aceitei o convite pra trabalhar lá porque era a região onde cresci*", diz. Conhecia as famílias, os rostos que agora se repetiam nos filhos de antigos colegas. Entrar na sala de aula era, muitas vezes, revisitar o próprio passado, mas, também, era continuidade. A Escola Mariante era mais do que um emprego — lhe devolvia um pedaço de si mesma. A escola a acolhia, de novo, como quem diz: "bem-vinda de volta ao teu lugar".

Mônica teve sua vida atravessada pela Escola Mariante, como aluna de Ensino Fundamental e Médio, em turmas, como ela mesmo cita, com muitos estudantes, refletindo um outro contexto de núcleos familiares e povoamento de áreas rurais. E, anos depois, como professora, vivendo as mudanças do espaço, da quantidade de jovens matriculados e dos recreios com celular em mãos. De seu tempo como aluna na Mariante, lembra:

> *A união realmente, sabe? Nos eventos que saíam na escola, existia muita união de professores e alunos. E até porque a gente, alunos, ali na escola, a gente não tinha essa comunicação que existe hoje. Os alunos se comunicam, vocês quando vão pra casa, vocês se comunicam um com os outros... Nós não tínhamos isso, então o único momento*

que nós tínhamos era aquele ali pra viver de união uns com os outros... E brincávamos muito, adolescentes normais, como todos (Mônica Guimarães Pereira, entrevista, 2024).

Imagem 2 — Mônica (a terceira da direita para a esquerda) com colegas na Escola Mariante

Fonte: Arquivo pessoal de Mônica Guimarães Pereira.

Ironicamente, talvez, quando o espaço físico da escola que se faz na memória da professora Mônica foi destruído pela água, é que a união de uma comunidade se fez, novamente, em lembranças e ajuda mútua. Lamentam todos... lembram todos... os estudantes atuais, os que já passaram. A enchente de 2024 não poupou quase nada. As salas se dissolveram na lama, os livros e o prédio — aquele que abrigava tantas camadas de tempo — deixou de existir. O lugar que abrigava desde a infância até a vida adulta de Mônica deixou de existir em forma física. E, afinal, após uma enchente que devasta um lugar, onde mora a escola?

> *O que eu vou te dizer... É um sentimento, assim, triste. Eu* [me] *sinto triste porque parece que tu perde o concreto das tuas lembranças. Aquilo que tu tinha de concreto, que tu sabia que estava lá. Que tu passava lá na frente de onde tu trabalhava, tu vivia, aqui está uma parte da minha história. E hoje essa parte da minha história, ela não... Ela ficou nas lembranças, ela não está... O físico, o concreto. E isso leva a um sentimento, né? É um sentimento que hoje leva à saudade, de lembrar de um tempo em que tinha algo concreto ali* (Mônica Guimarães Pereira, entrevista, 2024).

Quando a enchente levou a estrutura física da Escola Mariante, Mônica sentiu como se parte de sua própria história tivesse sido desfeita. "É como perder o concreto das tuas lembranças", ela diz em sua entrevista. Talvez seja essa a frase mais marcante quando se lê a transcrição de sua fala aos estudantes. Talvez seja a frase que resume a tragédia enfrentada no estado. A perda do espaço físico não se resume à ausência de paredes e salas — trata-se da ausência de um lugar que abrigava afetos, que guardava marcas do tempo e das vidas que por ali passaram.

"*Antes da enchente, ao retirar algum livro ou ir na biblioteca, eu lembrava muito dos muitos livros que passaram pela minha mão. Até mesmo as Barsas!*". A enchente levou o prédio, os livros, as Barsas marcadas a lápis, os espaços onde tantas histórias haviam sido escritas. Mônica sentiu como se tivesse perdido o corpo de uma lembrança. O concreto da memória. A casa onde mora a história. Mas essa frase nos diz, também, que a perda do concreto, do espaço físico, não foi capaz de destruir aquilo que é fundamental para a perpetuação de qualquer história: a presença viva da escola na memória, de quem a habitou como estudante, como professor ou em seu papel dentro da comunidade. A Mariante vive, mesmo sem edifício, porque sua verdadeira estrutura é feita de pertencimento. A Mariante, inclusive, irá se concretizar de outras formas. Nesse livro, por exemplo.

Porque algo resistiu. Hoje, a escola é outra. Está abrigada em outro prédio, os estudantes foram realocados para a Escola Adelina Konzen, com novas rotinas, novos caminhos. A Escola Mariante teve seu encerramento oficializado em dezembro de 2024 pelo governo do estado. Mas o que faz uma escola? Onde ela mora? Apenas em suas paredes? Ou é o vínculo? É a identidade partilhada. É o pertencimento.

"*A escola é um vínculo de uma comunidade*", ela diz, com a firmeza de quem viveu isso por dentro. A escola forma um povo. Historicamente, as comunidades se formam no entorno de uma escola, de uma igreja. A comunidade de Vila Mariante viu seus símbolos destroçados. Como pertencer a algo que não existe mais de forma concreta? A força do tempo (clima) dará novos rumos para a comunidade local: casas que não existem mais, a agricultura que se extingue, vizinhos que deixaram de partilhar o chimarrão, os pequenos comércios. Mas a força do tempo (cronológico) também dará a continuidade para uma comunidade a partir da história e da memória. Cada aluno que passou pela Mariante leva consigo uma marca que permanece.

> *Ela existe! Ela está... Ela está, eu acho, nas lembranças de todos que passaram por ali. Lembrança na comunidade... Ela está viva na comunidade e está viva em cada pessoa que passou por ali e viveu com a escola a sua vida. Não tem como a gente apagar as coisas do nosso passado. Não tem como tu apagar a história. Tudo que hoje tu faz é lembrança futuramente, é a história da nossa vida* (Mônica Guimarães Pereira, entrevista, 2024).

A Escola Mariante vive — no corpo de quem a habitou, no afeto, no chão agora simbólico de uma história. De fato, Mônica tem razão ao dizer que não se apaga a história. A história da Escola Mariante está sendo narrada e escrita a partir desses resquícios entrecortados da memória de Mônica e de todas as pessoas que passaram por essa instituição escolar, símbolo vivo daquela

comunidade. As palavras dos narradores que se dispuseram a falar sobre suas experiências na escola reforçam a ideia de que "lugares de memória", como a Escola Mariante, permanecem vivos.

Onde mora a escola? A escola agora sem chão, sem paredes, sem salas de aula, sem livros e sem tudo aquilo que faz uma escola se reinventa, se concretiza na memória afetiva de quem por ela passou. A escola mora em quem lá aprendeu a ler pela primeira vez, em quem leu os clássicos da Literatura em suas bibliotecas, em quem brincou em seu pátio, sentou-se em suas classes, mora em quem fez amigos, mora em quem sorri quando lembra histórias da juventude que, um dia, em uma escola se passaram. A escola mora, agora, após a enchente, realocada pelas extensões da cidade de Venâncio Aires (ou até por outros municípios da região). Mora na professora Mônica, para quem a Mariante permanece: *"Ela está viva em cada pessoa que passou por ali e viveu com a escola a sua vida".* Talvez, agora, "a Mariante" está ainda maior. Onde está a escola? Onde está "a Mariante"? Por aí... na memória, na pertença, na vida de tanta gente.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Fontes orais: histórias dentro da História. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 155-202.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**. Lembranças de velhos. 11. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

MAUAD, Ana Maria. Entrevista. **Outros Tempos**, São Luís: UFMA, v. 6, n. 7, p. 241-242, 2009.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, PUC-SP, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

PEREIRA, Mônica Guimarães. Entrevista concedida à Rafaela Limberger. Escola Adelina, Venâncio Aires – RS, 2024.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *In*: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: CPDOC/FGV**,** v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. *In*: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de M. (Orgs.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996. p. 93-101.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: História Oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 14-44.

6

Carine Menna Barreto
Rafaela Limberger

A FORÇA E A CORAGEM DAS MULHERES NA ENCHENTE:

VIDAS QUE SE ENTRELAÇAM PARA CONTAR A HISTÓRIA DA ESCOLA MARIANTE

Entrevista concedida por Linara Machado da Silva Junges

[...] e o quanto mais se ama ensinar, mais comovente isso pode ser. A coragem de ensinar é a coragem de manter o coração aberto naqueles momentos em que se exige do coração aguentar mais do que ele é capaz, para que professores e estudantes e conteúdos possam ser tecidos dentro da trama da comunidade que o aprendizado e a vivência requerem (Palmer, 2012 apud hooks, 2021, p. 41).

[...] tudo o que somos é história e história se conta com palavras (Acioli, 2023, p. 111).

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-424-7.6

A coragem de ensinar se assemelha à coragem de manter o coração aberto das três mulheres envolvidas neste capítulo. Mulheres essas que, de formas diferentes, foram atravessadas pelas enchentes do Rio Grande do Sul e que, naqueles momentos, exigiram do coração aguentar mais do que ele era capaz. De um lado, duas autoras/pesquisadoras: Rafaela, uma professora que perdeu sua escola, e Carine, uma psicóloga que ficou 23 dias esperando a água baixar para limpar a lama e reorganizar a vida. Do outro, **a entrevistada**: Linara, uma mãe que viveu os dois, precisou deixar a casa, tirar a lama e que perdeu a escola que estudou e que estudavam seus três filhos. Suas vidas se entrelaçam a partir de um evento que deixará marcas nas três e que se unem, a partir da entrevista e desta escrita, para tentar dar lugar, por meio das palavras, ao que foi vivenciado. Mas como encontrar palavras quando estas foram levadas junto com o lodo da enchente?

O convite para escrever este texto chegou em novembro de 2024. Veio a partir de uma carta, escrita pela professora Rafaela, uma colega que se tornou uma grande amiga. Na carta, ela contava sobre o projeto e apresentava a Escola Mariante, a partir de seus olhos de encantamento por aquele espaço e pelas pessoas, a comunidade escolar que ela aprendeu a amar e a pertencer. Naquele momento eu ainda não havia retornado para casa, que passou 23 dias embaixo da água. Foi difícil pensar em escrever sobre a perda, ainda não tinha conseguido elaborar tudo o que acontecera naquele fatídico mês de maio, no qual a vida de muita gente foi levada junto das águas. Na verdade, ainda hoje acho que a elaboração não foi possível. Mas o projeto era incrível: pensar a escola como esse lugar de memória, para que Mariante e sua comunidade escolar não fossem esquecidas, porque a escola sucumbiu à enchente e não havia possibilidade de ser reconstruída — ao menos não fisicamente, uma vez que, de forma simbólica, Rafaela e todas as pessoas envolvidas no projeto colocavam-na de pé novamente, agora na forma de um livro, que vai expandir a existência da escola Mariante para além-fronteiras.

Rafaela é uma professora apaixonada pelo seu fazer. Como ela mesmo diz, gosta de *"estar onde a maioria não gostaria"*, importa-se de saber o nome de cada aluna e aluno, de *"olhar nos olhos, prestar atenção, acolher"*. Conta que se assustava com o tamanho do Rio Taquari, o que para seus alunos e suas alunas era "normal", algo que fazia parte do seu cotidiano. Segundo ela, avistava o rio da sala de aula e escutava as histórias de suas turmas contando sobre as enchentes, o que a amedrontava. Quando encarava o rio pelo caminho e o avistava das janelas, ela lembrava que não sabia nadar. Naquela sexta-feira de maio, dia em que tudo começou, ela estava na escola Mariante. O assombro se fez real quando a água atingiu a escola:

> *Lembro que era uma sexta-feira e todos levantavam os móveis para salvar o que podiam; depois, era só limpar. Fomos liberados porque os moradores, que conheciam o rio, avisaram que em poucas horas a água subiria em Mariante. Aquilo foi angustiante. Eu via, por vídeos, meus alunos sendo resgatados.* [...] *Meu coração se agoniava, mas me fiz forte para amparar aqueles alunos que mandavam mensagens ou para buscar informações sobre todos eles. Já sabíamos que a escola estava destruída* (Rafaela Limberger, entrevista, 2024).

Já a entrevistada Linara ficou em casa até o último momento e narra a angústia de ver a água subindo e sobre o resgate de lancha:

> *Nunca vai sair da nossa memória o que nós passamos, o que nós sofremos pra sair de lá. Porque nós ficamos lá, eu e meu marido, meu pai e minha mãe, e eles saíram antes, a Gabriele com os dois pequenos saíram e vieram pro meu sogro e nós ficamos lá. Mas eu disse: eu não fico mais, para sair de lancha de lá... É muito triste!*
>
> [Profe Rafa] *Ah, vocês ficaram pra tentar cuidar das coisas?*
>
> [Entrevistada] *É, para tentar cuidar, mas quando nós vimos que o troço ia ficar feio mesmo, meu irmão começou a ligar: "sai daí, pelo amor de Deus! Mana, sai daí! Sai daí, porque está vindo muita água", aí nós saímos* (Linara Machado da Silva Junges, entrevista, 2024).

Não existem palavras que possam dar conta daquilo que foi vivido, apenas o registro que os olhos e as fotografias conseguiram capturar. Nesse evento avassalador que assolou o RS, muitos lares, escolas e tantos outros espaços foram perdidos, destruídos. As águas foram penetrando as ruas, subindo cada vez mais velozes, invadindo casas e edifícios, evidenciando que não seria possível conter seu avanço. A água brotou do chão e atravessou as paredes. O horror se fez palpável, gelado e fétido. É difícil encontrar repertório imagético para uma experiência dessa dimensão. Não foram "apenas coisas" que as águas levaram. Nunca são. Foram perdidos livros, registros e objetos impregnados de história. Fotografias que capturaram momentos bonitos e importantes. Desenhos, escritos e lembranças da vida escolar. Memórias das gentes que nos compõem. Não é possível ir à uma loja e comprar isso, como muito bem assinala Julia Dantas (2024), em seu texto "A casa alagada".

Carine reside no município de São Leopoldo. Foi a primeira vez que viveu a experiência de perder tudo o que havia em uma casa e, junto com ela, registros físicos de sua história, anotações de uma tese em devir e o tempo de vida que dedicou para adquirir cada objeto que compunha aquele antigo lar, que a enchente levou junto com tudo. São 108 km que separam os municípios de São Leopoldo e a "vila" de Mariante, mas o encontro com as águas fez com que essas três mulheres se aproximassem, pela dor, pela perda, mas também pela coragem de enfrentar essa experiência desintegradora que foi a enchente de maio de 2024: Rafaela, cumprindo a promessa que fez de escrever um livro sobre a escola; Carine, que viveu a enchente e perdeu um lar; e Linara, que viveu uma dupla perda, pois, além da casa destruída, também perdeu a escola, que foi sua e agora era a de seus filhos. Porém, é com a sua entrevista que vai nos ajudar a encontrar palavras que possam manter viva a história da Escola Mariante.

"Encontrar palavras" talvez defina a entrevista que deu origem à essa escrita. Era a primeira vez que a professora e a entrevistada se encontravam. A entrevistada sorriu a primeira vez que viu

a professora. A aluna Gabriele estava junto, auxiliando a professora com as gravações, não havia muitos espaços onde fosse possível uma conversa reservada e tranquila para a entrevista. O local disponível naquele momento era o corredor da escola Adelina Konzen e, ocasionalmente, o andamento da entrevista era interrompido pela passagem de alguém. Por vezes, não era possível encontrar palavras para responder os questionamentos, não era necessário.

Linara é uma jovem mulher de 37 anos, casada e mãe de três filhos: um casal de gêmeos, Gabriel e Ana, e a filha mais velha, Gabriele, aluna que participa deste projeto. Engajada na vida escolar dos filhos, é participante do CPM da Escola da Mariante — quando questionada porque participa, simplesmente responde que é importante. A família mora em Linha Chafariz, localidade que fica a mais ou menos 5 km do distrito de Mariante. Atualmente, trabalham e residem numa fazenda na localidade. Não era a primeira vez que Linara vivenciara o horror das águas se aproximando. Contudo, como ela menciona em sua entrevista, nas experiências anteriores os efeitos das enchentes não tiveram a dimensão do que foi vivido em maio do ano passado: *"*[...] não dava essas enchentes grandes. Dava, mas não chegava dentro da casa da gente, que a gente perdia tudo, igual essa grande [de maio de 2024]*, em que a gente perdeu tudo. Perdemos tudo, tudo, tudo! As fotos, tudo, tudo dos 15 anos* [da filha]*, tudo... Foi tudo! Não sobrou nada. Nada, nada"*.

Ao andar pelos lugares ainda é possível encontrar os vestígios deixados pela enchente. Da Escola Mariante restam os escombros do que um dia foi um espaço cheio de vida. Se nem das casas foi possível limpar todas as marcas do que se viveu, o que a gente faz com os vestígios que nos ocupam por dentro? Os vestígios dessa tragédia vão muito além da linha barrenta nas paredes de prédios, muros e veículos deixados em regiões atingidas, uma vez que seguem vivos na memória das pessoas que foram atingidas. Ainda existe dor, o luto de uma vida que agora é outra ainda está sendo processado.

O autor Paul Ricoeur (2007, p. 57) escreve sobre a relação dos lugares com as lembranças evocadas pela memória: "Assim, as 'coisas' lembradas são intrinsecamente associadas a lugares". De modo que, neste capítulo, especificamente as coisas lembradas por Linara nos ajudam a contar uma história da Escola Mariante.

Linara também foi aluna na Escola Mariante. Referente a isso, descreveu que estudou no prédio do Ginásio: *"Foi no Ginásio que eu estudei. Foi a sora Sinara que dava aula, o sor Roni, a dona Lúcia... Tinha... Tinha mais o professor Sérgio, que era de matemática...* [pensando] *A sora Rosimeri, passando cola* [risos]". Em complemento, Linara expressa em suas palavras como era bom estudar na Escola Mariante:

> *Ai, era muito bom, era muito divertido! Os professores eram maravilhosos, meu Deus. Que tempo bem bom, muito bom!* [...] *Ah, o Lairton era do meu tempo! Funcionário! Ele também... Era muito bom para todos, professores, tudo! As merendeiras, tudo... Muito bom, tempo maravilhoso!* (Linara Machado da Silva Junges, entrevista, 2024).

Em suas breves palavras, Linara expressa o quanto gostava de frequentar a escola, lembra com carinho dos professores e do funcionário Lairton, e de que todos, desde funcionários, professores e merendeiras, todos eram muito bons uns com os outros. Igualmente com afeto, lembra da amiga que fez na escola: "[...] *até hoje eu tenho uma amiga de lá,* [uma amizade] *que foi feita lá, a Neuza*". Aqui destaca-se esse lugar da escola, lugar comum que todos e todas passamos por alguns anos da nossa vida, que por vezes nos traz laços de amizades que nos acompanham pela vida toda. Walter Kohan (2022, p. 518) escreve que "[...] a amizade é uma força comum, um encontro, uma cumplicidade que nos faz também sonhar que a história nunca está concluída [...]" e essa força que é produzida no espaço escolar é um fio condutor que liga também boas lembranças a esse espaço habitado.

Diante dos espaços arruinados, enlameados, perdidos, se coloca como necessidade "[...] reinventá-los, refundá-los, recompô-los não só materialmente, mas também imaginária e simbolicamente" (Petit, 2019, p. 35). E quais modos são possíveis? No dia que eu, Carine, pude entrar em casa pela primeira vez após a enchente, a coragem apareceu. Não foi a primeira a chegar ao apartamento completamente destruído e tomado pelo lodo — que exalava uma podridão tão grande quanto o horror da cena. Também não chegou por conta própria. Afinal de contas, até aquele dia, ela não sabia o caminho. A coragem foi levada até mim. Tímida, como se ainda não fosse o momento certo de dar as caras, eu a avistei. Vinha nos olhos, nos abraços demorados e nas palavras possíveis. No ombro que servia de abrigo às lágrimas e no cigarro partilhado até por quem não fumava. Vinha embrulhada em pacote, na forma de meias quentinhas para aquecer os pés. De salto alto, de casaco de pelinho ou de roupa de resgate, algumas das várias mulheres da minha vida chegaram carregando algo. Além de luvas, rodos e produtos de limpeza, todas traziam a mesma coisa em minha direção: a dita cuja da coragem. Penso que deve ser por cenas como essas que coragem é substantivo feminino.

No dia que eu, Profe Rafa, como carinhosamente sou chamada, voltei a ver meus alunos e alunas, era um momento no qual não tínhamos mais a Escola Mariante e eu precisava acolhê-los. Senti um medo absurdo passando por mim, em mim também estava doendo, eu precisava ser acolhida, eu igualmente estava me sentindo estranha em um lugar diferente (na nova escola). Porém, eles são jovens e eu a professora. Mas que aula você dá para um aluno que perdeu tudo? Qual é o conteúdo? Qual habilidade você vai trabalhar? Abracei eles, acolhi, tentamos em conjunto nos acolher. Não fingindo que nada aconteceu, mas respeitando o que aconteceu com a vida deles, com cuidado e carinho. Inspirada por bell hooks (2017), protegendo a alma deles.

Linara não narra quem a acolheu nesse momento inicial, aquele breve e, ao mesmo tempo, longo instante no qual a gente se choca com a expressão real da destruição. O primeiro momento, aquele do encontro com o que restou. Entretanto, Linara fala com carinho da escola e de como as amizades foram importantes e marcaram sua lembrança do vivido nesse espaço.

Quando evoca suas lembranças de estudante, Linara compartilha que frequentou apenas o prédio da escola que era chamado de Ginásio. Estudou até a 7ª série, por opção resolveu parar os estudos pois iria se casar — o que fez com 17 anos. Ao ser questionada de como era o prédio do Ginásio, ela recorda sempre muito animada de alguns detalhes:

> *Tinha biblioteca, tinha o refeitório — que era lá embaixo, na parte de baixo, e em cima das salas,* [tinha] *o banheiro. E a parte de baixo era o refeitório! E tinha banheiro embaixo. E o Ginásio pra jogar, né? Em que a gente fazia Educação Física* (Linara Machado da Silva Junges, entrevista, 2024).

Em complemento à lembrança da organização arquitetônica da escola no prédio Ginásio, Linara recorda da banda da escola, que, pela sua importância e significado, é mencionada por todos os entrevistados deste projeto: "*Tinha!* [empolgada] *Era maravilhoso! Deus o livre, era muito bom* [...] *Faz uma falta. Não participei. Eu só desfilava, nunca toquei na banda. Mas a banda era maravilhosa, uma pena ter terminado, era bem, bem importante pro colégio!*".

Ao evocar as lembranças da escola e refletir por ela e os filhos terem juntos, mesmo que em tempos separados, sido alunos da Escola Mariante, a entrevistada menciona que era "Muito bom! Meu Deus, muito bom. Excelente a gente saber que eles estão estudando na mesma escola que a gente". E então vem a pergunta: consegue me dizer por quê? "*Porque eu adorava lá* [risos], *meu Deus! Era minha família, era muito melhor, Deus o livre... Era tudo de bom*".

Linara descreve o quanto a escola era como uma família, e por essa questão sentia-se feliz de os filhos estudarem na mesma instituição. Aqui é importante entender o vínculo com a Escola Mariante e a comunidade. Ao ser questionada como estava a "Vila Mariante", Linara respondeu: *"A gente não tem mais posto, não tem mais colégio! Não tem mais nada... Faz muita falta, claro que aqui é bom, né? Tem ônibus, tem tudo, não podemos nos queixar, mas a gente estava acostumado lá. No colégio. Faz muita falta".* Além da falta que a comunidade sente da escola, Linara descreve o sentimento de tristeza que fica na comunidade por não ter a escola ativa e por visualizarem o que restou do prédio "atirado":

> *Fica todo mundo triste, né profe? Lá no Mariante todos... Essa mulher que botou* [no Facebook]*, que é mãe das crianças, que estudam aqui, eu acho... **Está todo mundo triste. Faz muita falta o colégio, faz muita falta para nós**. Tá,* [os filhos] *estão estudando aqui* [na Escola Adelina]*, mas, para nós, é melhor lá, né? Está tudo parado, tudo atirado... Tu passa lá* [na Escola Mariante]*, tudo atirado, tudo quebrado* (Linara Machado da Silva Junges, entrevista, 2024, grifo nosso).

Em um contemporâneo cada vez mais fragmentado, centrado em uma lógica individualizante, bell hooks nos convoca a pensar na importância dos espaços de conexão e no cultivo do sentido de pertencimento. Em sua obra *Pertencimento: uma cultura de lugar* (2022), bell hooks vai enfatizar a importância do lugar e do lar na construção de quem somos. Para Linara, para sua família e para a comunidade, a escola e a "vila" Mariante não eram somente locais físicos, mas uma parte das suas histórias, uma conexão consigo mesmas e com suas memórias. bell hooks (2022) sinaliza que o deslocamento e o distanciamento desses espaços dotados de um senso de comunidade pode levar à uma fragmentação da identidade e a um profundo sentimento de perda.

A comunidade e a Escola Mariante são importantes espaços de memória coletiva, nos quais muitas histórias e tradições foram

compartilhadas — como relatado por Linara, ao falar do sentimento de ter os filhos na mesma escola que ela mesma estudou e que foi local de experiências e de amizades que são lembradas com carinho até hoje pela entrevistada: "*Era minha família*". Além disso, Linara fala sobre o medo que sente de viver uma experiência como a enchente novamente — o que é um medo concreto, caso o poder público não se ocupe de pensar estratégias de prevenção e não preconize ações com responsabilidade ambiental —, mas isso não a impediu de voltar à sua casa, ainda que tenha moradia em outra localidade, porque nutre essa conexão com a comunidade e com esse lugar que compreende ser parte do que é e ao qual sua família pertence: "*Eu gosto de lá, me criei lá, sempre morei lá.* [...] *as crianças também gostam* [...]". Não é apenas o retorno para um espaço geográfico, pois voltar carrega consigo emoções, histórias e afetos.

Embora possam retornar ao lar, Linara e suas filhas não terão mais a Escola Mariante, assim como a profe Rafa e a comunidade escolar. A Escola Mariante dava "vida" à comunidade. O cotidiano da escola, a chegada e a saída dos ônibus escolares, o motorista sorrindo que parava na padaria da esquina para que as crianças comprassem refrigerante e guloseimas, o barulho das crianças e dos adolescentes no dia a dia. A quadra nova que os meninos e as meninas jogavam bola nos intervalos... A história da escola foi marcada por lutas e atravessada pelo engajamento daquela comunidade para mantê-la.

Contudo, a escola não existe mais, e sim, é um sentimento de tristeza lidarmos com uma nova vida sem ela. Mas o que fica da nossa escola? Ficam as memórias e, dessas memórias, com cuidado e afeto, organizamos um projeto para a produção de um livro que conta e registra a história dessa escola tão amada por tantos. Linara é mãe da aluna Gabriele, que participa desse projeto. Ao ser questionada sobre como se sentia com a participação da filha, diz: "*Muito orgulhosa! Quando ela falou, eu fiquei bem faceira! E já falei com a minha amiga, essa que estudava comigo, eu disse: '**a Gabriele está***

***fazendo um livro, Neuza, sobre o colégio, nosso tempo...**! Bah! Eu fiquei muito orgulhosa, muito bom*".

Esse projeto, feito com tanto amor, registra a história da Escola Mariante para a comunidade, para as futuras gerações e para os leitores interessados. Um livro que é também feito por alunas e alunos da escola, que aposta no protagonismo e no engajamento de sete estudantes em contribuir com uma obra que é sobre a sua história, é sobre suas vidas. Auxiliaram nas gravações das entrevistas, fizeram revezamento de transcrição, sete sujeitos implicados em contar a história da escola, a sua história. Este projeto, que para além de valorizar as narrativas dos sujeitos entrevistados, mostra que **uma escola não é simplesmente "só mais uma escola"**. Por isso, "reivindicar nossa história [...] é uma importante maneira de resistir" (hooks, 2022, p. 163). Porque a Escola Mariante também era a vida da comunidade Mariante!

Como escreve o poeta Valter Hugo Mãe (2019, p. 12), "[...] é urgente viver encantado. O encanto é a única cura possível para a inevitável tristeza". Foi o encantamento de Rafaela, seus alunos e alunas, bem como das pessoas entrevistadas para este livro, o que tornou possível encontrar palavras para elaborar a tristeza, reconstruindo a Escola Mariante do jeito possível: eternizando-a nas páginas desta obra, que agora poderá ganhar o mundo e fazer sobreviver a sua história.

A escrita deste texto começou contando brevemente uma parte da vida de três mulheres: Carine, Linara e Rafaela. Essas mulheres, fortes e corajosas, viveram a enchente de formas diferentes e, de maneira bonita e dolorosa, se encontraram neste texto. E a vida tem desses encontros, que são como um abraço no nosso coração. Carine e Linara perderam todas as suas coisas de dentro de casa, com a dor e a angústia atravessada no peito tiveram que esperar as águas baixarem, de rios diferentes, mas a água não tem culpa, tem seu próprio tempo. E como são fortes e corajosas essas

duas mulheres, que, mesmo longe uma da outra, fizeram o que se pode fazer — esperar. E depois continuar... Limpar a lama, recomeçar, reconstruir e sorrir. E como são admiráveis essas duas mulheres!

Eu, profe Rafa, perdi minha escola e fiz o que sei fazer, acolher meus estudantes e escrever. Linara, gentilmente, concedeu um turno de trabalho para estar comigo numa manhã ensolarada e foi corajosa ao me conceder a entrevista — foi porque sabia que era importante, porque é boa mãe, engajada com a vida escolar dos filhos e atuante nas questões da escola, batalhadora e uma mulher gentil. Talvez, sem ter a intenção, juntei em uma potência nós três neste texto e, aqui, Carine e eu, novamente nos fizemos fortes e corajosas como escritoras. Não é fácil escrever referente a algo que ainda dói no peito, sentimentos que ainda estão sendo processados. Aqui produzimos e contamos um pouco a história da Linara, que, igualmente, é a história da Escola Mariante, que é a história da enchente de maio de 2024 no Rio Grande do Sul, que é a história da Carine e que também é a história da professora Rafaela.

REFERÊNCIAS

ACIOLI, Socorro. **Oração para desaparecer**. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

DANTAS, Julia. A casa alagada. **Passagem Dois**, 2024. Disponível em: https://juliaydantas.substack.com/p/a-casa-alagada. Acesso em: 21 mar. 2025.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2 ed. São Paulo: Editora WMF Fontes, 2017.

hooks, bell. **Ensinando comunidade**: uma pedagogia da esperança. Tradução Kenia Cardoso. São Paulo: Elefante, 2021.

hooks, bell. **Pertencimento**: uma cultura do lugar. Tradução Renata Balbino. São Paulo: Elefante, 2022.

JUNGES, Linara Machado da Silva. Entrevista concedida à Rafaela Limberger. Escola Adelina, Venâncio Aires – RS, 2024.

KOHAN, Walter Omar. Na oficina do Alfredo. *In*: TRAVERSINI, Clarice Salete; FABRIS, Elí Terezinha Henn; RESENDE, Haroldo de; GALLO, Sílvio [Orgs.]. **Alfredo Veiga-Neto**: modos de ser e pensar junto com Michel Foucault. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.

MÃE, Valter Hugo. **As mais belas coisas do mundo**. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2019.

PEREIRA, Leonardo. Segunda-feira marcada pelo retorno das aulas na Escola Mariante. Jornal Folha do Mate. 18 mai. 2023. Disponível em: https://folhadomate.com/noticias/segunda-feira-marcada-pelo-retorno-as-aulas-na-escola-mariante/. Acesso em: 20 jan. 2025.

PETIT, Michèle. **Ler o mundo**: experiências de transmissão cultural nos dias de hoje. Tradução Julia Vidile. São Paulo: Editora 34, 2019.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

7

Luana Eduarda Schmitt da Silva
Lucas Costa Grimaldi
Ricardo Figueiró Cruz

A MEMÓRIA É O QUE FICA?

ARQUITETURA ESCOLAR EM MEMÓRIAS DA COMUNIDADE DA ESCOLA MARIANTE – RS

O céu de repente anuviou
E o vento agitou as ondas do mar
E o que o temporal levou
Foi tudo que deu pra guardar

Só Deus sabe o quanto se labutou
Custou mas depois veio a bonança [...]

Quando a gira girou, ninguém suportou
Só você ficou, não me abandonou
Quando o vento parou e a água baixou
Eu tive a certeza do seu amor

(Zeca Pagodinho, 2008)

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-424-7.7

PALAVRAS INICIAIS

O trecho que serve de epígrafe a este texto é de uma famosa canção, imortalizada por Zeca Pagodinho e elaborada pelos compositores Serginho Meriti e Claudinho Guimarães, que reflete sobre a resiliência diante das crises. A música selecionada se vale de metáforas relacionadas a tempestades e desastres naturais para simbolizar períodos de crise, nos quais, muitas vezes, se perde tudo o que se tem. Além disso, também trata sobre esperança e os relacionamentos que são importantes para passarmos por esses momentos. Pessoas, memórias, relações de afeto são chaves que nos fazem passar e resistir a essas situações extremas.

Nesse sentido, o filósofo francês Paul Ricoeur (2007) afirma que "a memória é a melhor coisa que temos para falar sobre o que se passou"; em outra chave, o senso comum diria que a memória é o que fica após os eventos trágicos. Ao tratarmos acerca das escolas e instituições que sofreram com a enchente de 2024, no Rio Grande do Sul, e perderam seus acervos e edificações, nos resta apenas construir narrativas a partir do que a água não levou, as memórias.

Sendo assim, o projeto do livro de memórias da Escola Mariante emerge como forma de perenizar a história dessa instituição. Nas doze entrevistas realizadas para o projeto, percebe-se um ponto comum nas narrativas dos alunos, ex-alunos e professores da Escola Mariante: o prédio da instituição como um espaço de memórias, de saudade e, principalmente, como um espaço educador. Dessa forma, o presente capítulo analisa narrativas de memórias sobre o espaço escolar da Escola Mariante a entendendo como patrimônio da comunidade de Mariante. Nesse processo de rememoração, para além da descrição espacial da instituição, evocam-se lembranças carregadas de sensibilidades e, principalmente, de vivências por aqueles espaços. Os edifícios

que compunham o espaço da Escola Mariante eram elementos que ajudavam a constituir identidades.

Destaca-se que as entrevistas foram realizadas a partir da História Oral, metodologia potente ao fazer emergir, através das entrevistas, as sensibilidades importantes no processo de rememoração. Importa dizer que, ao entrevistar sujeitos tendo a memória como foco condutor, os entrevistados realizam um "esforço de memória", já que o ato de lembrar não é automático, e rearticula lembranças a partir do presente e das indagações que ocorrem no ato da entrevista. As autoras Maria Stephanou e Maria Helena Bastos (2005, p. 420) entendem que a memória é "uma espécie de caleidoscópio composto por vivências, espaços e lugares, tempos, pessoas, sentimentos, percepções/sensações, objetos, sons e silêncios, aromas e sabores, texturas, formas". Portanto, esses momentos de conversas com a comunidade escolar de Mariante são entendidos como um "evento", carregado de simbolismos, no qual entrevistador e entrevistado constroem narrativas e memórias sobre o que se passou.

Assim, constata-se a potência dos documentos orais, que, comumente, não estão nos arquivos institucionais, mas são produzidos pelo historiador, em uma troca dialógica, por meio da entrevista, considerada um evento em que se agregam questões relacionadas à memória e narrativa, e às temporalidades e subjetividades. Assim, Portelli (2016) percebe a História Oral como "arte da escuta", em que, ao mesmo tempo, temos acesso "ao significado histórico da experiência pessoal, por um lado, e ao impacto pessoal das questões históricas, por outro" (Portelli, 2015, p. 16). Tendo isso em foco, "todas as entrevistas são eventos que contam" (Errante, 2000, p. 43), o que acentua o caráter narrativo da entrevista, percebida pela autora como algo inestimável, por permitir que sujeitos comuns, através de suas memórias, possam colaborar na fabricação de novos conhecimentos. Na esteira desse entendimento, o projeto escutou doze

sujeitos que narraram, entre outros elementos, as formas de habitar e experienciar as edificações e o espaço da Escola Mariante desde os anos 1960 até 2024.

Pensando em memórias de antigos estudantes, como alinhar as dimensões individuais e coletivas, diante da complexidade das relações entre essas duas dimensões? A contrastação de memórias individuais, produzidas em entrevistas, demonstra o quanto a experiência pessoal se mistura ao coletivo. Em pesquisas de História da Educação, importa considerar que as lembranças de quem esteve na escola mesclam-se às memórias dos seus pares. Esses lugares habitados e habitáveis nas memórias dos frequentadores da escola não são neutros, são "construções culturais que expressam e refletem para além de sua materialidade, determinados discursos" (Escolano, 2001, p. 26). São o "suporte físico da educação" (Dórea, 2013, p. 162), o lugar, ou os lugares, onde a prática pedagógica cotidiana toma forma, e, como tal, "estão dotados de significados e transmitem uma importante quantidade de estímulos, conteúdos e valores" (Escolano, 2001, p. 27).

Portanto, no presente capítulo, escutamos as memórias dos ex-alunos, professores, diretores e alunos da Escola Mariante para cartografar e registrar as vivências e lembranças sobre os espaços da instituição. Optou-se por dividir o texto em dois momentos: as memórias do Grupo e do prédio do Ginásio e a escola como patrimônio.

ENTRE AS MEMÓRIAS DO GRUPO E DO PRÉDIO DO GINÁSIO

As entrevistas realizadas com as e os ex-alunos e docentes da Escola Mariante demarcam espaços e tempos distintos da história da instituição. O pátio, o prédio principal, as salas de aulas e os

recreios são alguns assuntos recorrentes no processo de lembranças que as entrevistas suscitaram. Dessa forma, foi o professor Roni (2024) quem contou as memórias mais remotas acerca da escola, quando ainda chamava-se Escola Coronel Brito:

> *Era um prédio de madeira! Pequeno. Me lembro direitinho das salas: tinha o corredor, fazia tipo um "U" e aí, antes de começar a aula, nós tínhamos que entrar em fila e cantar o hino, rezar, iiiih... Eram umas encrencas!* [riso] *E isso há 60 anos atrás.* [...] *Era o prédio que era o Grupo! Depois desmancharam o prédio de madeira e foi feito esse prédio atual, que já não existe mais. A água* [da enchente] *levou, tem só uns escombros* (Roni Silva Maria, entrevista, 2024).

Infere-se que o primeiro prédio da escola possuía o modelo chamado de brizoleta, essa denominação foi o nome dado para as pequenas edificações de madeiras construídas durante o governo de Leonel Brizola, na década de 1960. Sob o lema "nenhuma criança sem escola", o referido governo construiu centenas de prédios de fácil construção em regiões do interior do Rio Grande do Sul que necessitavam de escolas. Posteriormente, muitas dessas edificações deram espaço às construções de alvenaria e resistem até hoje. Durante a consecução do seu curso primário, Roni (2024) reforça o que lembra: "*eu lembro que tinha salas de um lado, do outro, e formava aquele 'U', onde tinha a secretaria, eu acho... Que tinha a cozinha ali também*".

O espaço em "U" referido pelo professor comportava seis turmas e era ladeado por um espaço gramado onde os estudantes jogavam futebol nos intervalos. Seguindo o mesmo assunto, a professora Sinara conta suas memórias de quando ingressou na, então, Escola Coronel Brito, nos anos 1990:

> *A escola se situava no mesmo espaço onde ela se situa hoje. Onde a gente trabalhou até o ano passado.* ***Era esse prédio, o mesmo prédio, muito bem conservado, muito bonito, um pátio bem conservado, com gramado com tudo****... E na época funcionava até a quarta série, era uma*

> *escola de primeiro grau incompleto, na época. Então eu vim, na época, trabalhar como alfabetizadora, eu trabalhei muitos anos como alfabetizadora. Na escola, eu trabalhei... acho que uns dez anos com alfabetização assim... Então a minha vida profissional, depois das primeiras andanças ali, se desenvolveu praticamente na Escola Mariante* (Sinara Cezar Maria, entrevista, 2024, grifo nosso).

Sobre as salas de aula, Sinara (2024) comenta que, no começo, *"Nós tínhamos uma turma de cada série praticamente. Sobravam salas, havia espaços ociosos, porque tinham turmas que funcionavam umas de manhã, outras de tarde"*. Era outros tempos, em que ainda não havia turmas de Ensino Médio, e a comunidade escolar se restringia apenas ao prédio do Grupo.

Imagem 1 – O prédio do "Grupo"

Fonte: Arquivo pessoal de Rafaela Limberger.

Para Sinara (2024), os anos 1990 foram importantes para a história da instituição, pois, a partir da luta da comunidade, em 1992, implantou-se o Ensino Fundamental completo até a oitava série. Os espaços, que outrora ficavam vazios, foram aos poucos sendo ocupados.

> *Aquilo, para nós, foi uma grande vitória! Então a escola já se encheu de alunos! Nós tínhamos turmas que funcionavam naquelas salas grandes ali, onde vocês tinham aulas no segundo ano, ano passado* [2023]*, ali onde a gente tinha ultimamente colocado a biblioteca... Ali tinham turmas de cinquenta a cinquenta e poucos alunos! Os professores ficavam enlouquecidos!* [riso] *Porque não tinha professores ainda o suficiente. Então tinha gente dando aula de tudo que é matéria, porque a gente não tinha ainda um quadro completo. Aos poucos foi vindo, foi se equipando e foi se dividindo em turmas... Então logo aquele prédio ficou cheio! Porque daí a gente tinha até a oitava série, na época se chamava oitava série, e então veio esse quadro de professores e foi se implementando tudo* (Sinara Cezar Maria, entrevista, 2024).

Além disso, a professora relata a importância da criação de espaços para o recreio dos estudantes, no fundo do pátio. "*Fizemos uma quadra nos fundos, meio improvisada, porque na época era pátio, só o que se tinha ali e gramado.* [...] *Foram os pais que construíram em forma de mutirão. E a luta continuou, não parou por aí, né?*" (Sinara Cezar Maria, 2024).

A professora e também ex-aluna Mônica (2024) narra algumas memórias do período em que estudou na instituição (1994–2000):

> *Eu iniciei no prédio antigo. No prédio lá embaixo, eu digo lá embaixo né, mas é o Coronel Brito, que é o prédio que pertencia ao estado, que pertence hoje ainda, aquela área lá, ao estado. E a nossa sala de aula tinha 43 alunos no quinto ano. Era todo mundo esmagadinho dentro da sala de aula. Depois, quando eu passei pro sexto ano, na época era sexta série — nem era ano, hoje a gente denomina ano —, a gente tinha também bastante aluno, eram 30 alunos. As turmas eram muito grandes e eram quatro anos de Ensino Fundamental. Hoje a gente tem o nono ano, né? Naquela época a gente fazia os anos finais em quatro anos* (Mônica Guimarães Pereira, entrevista, 2024).

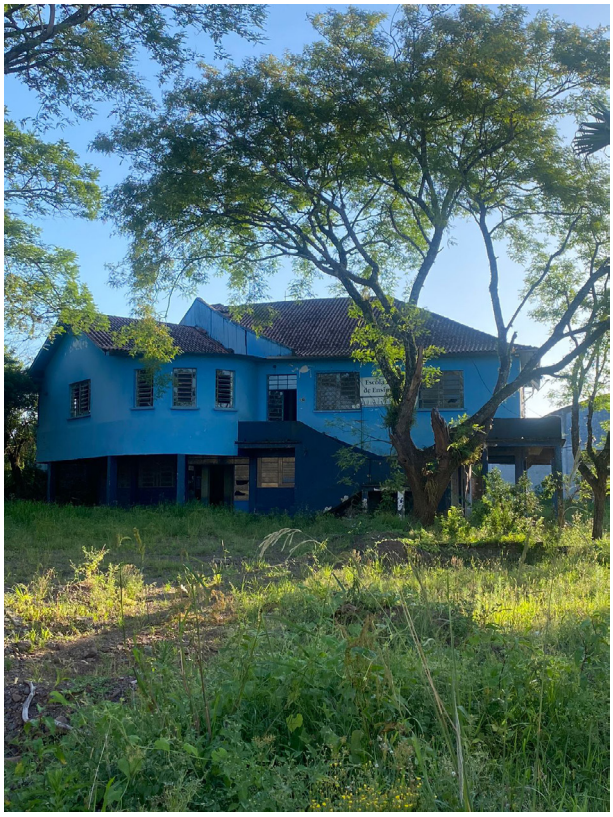
Imagem 2 — Pátio do prédio do Grupo

Fonte: Arquivo pessoal de Rafaela Limberger.

Outro acontecimento importante na história de Mariante foi a implementação do Ensino Médio. Os entrevistados comentam a dificuldade no processo de obtenção da regulamentação para que a escola obtivesse permissão para lecionar nesse ciclo, e isso se refletiu na dinâmica espacial da instituição. Sinara (2024) narra que os alunos ocuparam o prédio até a interdição em 2022:

> *Sim, nós trabalhamos nos dois prédios durante 26 anos! Foi uma vida, né? A gente trabalhava... A gente tinha uma logística assim, de tudo duplo: tudo que se comprava pra um, tinha que comprar pro outro. Funcionários tinham que se dividir, professores às vezes tinham aulas... Vocês lembram, gurias? Que o professor tinha aula lá em cima e depois tinha que correr lá para baixo* (Sinara Cezar Maria, entrevista, 2024).

Imagem 3 — Prédio do Ginásio da Escola Mariante



Fonte: Arquivo pessoal de Rafaela Limberger.

Na figura 3, temos a imagem do prédio que sediou o Ensino Médio da instituição e que foi interditado em 2022. Mônica (2024) relata o período em que frequentou como aluna no prédio azul: *"Eu fiz lá e era no prédio ali, o azul preto do cais, naquele prédio que a gente iniciou o Ensino Médio. Na época, nas turmas de Ensino Médio existiam duas turmas. Eu estudava de manhã. Geralmente quem estudava de manhã era o pessoal do interior, das localidades vizinhas dali"*. A professora e ex-aluna também relata a existência de uma biblioteca com bastante livros clássicos, como Machado de Assis e

José de Alencar, além de utilizar o espaço para leitura e pesquisa nas enciclopédias Barsa. *"Era uma época bem diferente da realidade de hoje dos alunos"* (Mônica, 2024).

Naira (2024) relembra do diverso trânsito entre as duas edificações:

> *Eu trabalhava no prédio menor, né? E tinha o Ginásio. Aí a gente não tinha muito... O Ginásio que a gente chama é o prédio maior, o de dois pisos. A gente não tinha muito contato com o Ginásio, só em momentos festivos que eram feitos lá. E a gente era mais com os pequenos, então era como se fossem duas escolas, mas era só uma. E depois, então, começou... muitos alunos. Aumentou muitos alunos e começou a ir turmas para outra escola que a gente estava, que a gente chamava de Grupo. O Grupo Escolar. Aí já não eram só os pequenos. Depois foi passando os anos e às vezes tinha turmas lá, às vezes nem tinha. Mas quando tinha turma das séries finais lá no Grupo, era difícil pros professores irem pra lá, porque uma escola fica em torno de 500 m ou mais uma da outra. Então sempre era difícil pros professores da área ir para lá, então focava-se para deixar o pessoal da área no Ginásio e o* [pessoal das] *séries iniciais, os anos iniciais, no Grupo. E depois teve uma época, que eu não lembro o motivo — ah! acho que era a reforma que teve —, que daí foi o quarto e o quinto ano lá pro Ginásio, daí eu trabalhei lá no Ginásio dando aula pro quinto ano* (Naira, entrevista, 2024).

Alunos e professores de Mariante conviviam entre dois prédios de forma harmoniosa, os relatos contam que antes das enchentes ocorrerem, a comunidade já lutava pelos seus espaços. A falta de investimento por parte do poder público tornou a edificação do Ginásio imprópria para o uso dos estudantes e, portanto, teve que ser interditada. As aulas continuavam a ocorrer no prédio do Grupo, desta vez, adaptado para receber todas as atividades da escola. Com o passar dos anos, o próprio prédio do Grupo precisou ser desativado, pois sua estrutura elétrica também já não comportava mais as atividades. A Escola Mariante, então, passou a ocupar um prédio no centro de Venâncio

Aires, pertencente ao Campi da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), entre percalços e tentativas de recuperar o antigo espaço.

O QUE RESTOU ENTRE EMOÇÕES:
O PRÉDIO COMO PATRIMÔNIO DE UMA COMUNIDADE

O que resta após um evento climático extremo? A maioria das memórias dos entrevistados evocam os sentimentos de desolação, tristeza e saudade que sentem ao ver como ficou o espaço da Escola Mariante após a enchente. A figura 4 mostra como ficaram alguns dos espaços da instituição.

Imagem 4 — Pátio do Grupo Escolar após enchente de 2024

Fonte: Fábio Tito/g1.

Tendo a imagem como fio condutor, o historiador da arquitetura Fernando Atique (2019) nos lembra da importância de discutir,

analisar e tratar sobre edificações que evanesceram, isto é, não existem mais. O prédio da Escola Mariante ainda existe, porém, está sem condições de uso. Dessa forma, lembrar como eram os espaços e o significado de ter habitado por lá é um imperativo de sobrevivência. Lairton (2024) comenta: "*como eu te falei, o espaço físico, a estrutura, se perde, mas o carinho e a história, tanto pela comunidade de Mariante como pela escola, isso a gente não perde*". Nesse sentido, relembrar a Escola Mariante diz respeito a não deixar essas lembranças serem legadas ao esquecimento. Lairton (2024) continua: "*O que eu posso deixar registrado é que não é da minha história, é que eu construí uma vida e uma história dentro da Escola Mariante. E assim, eu acho que mesmo que tenha perdido a parte física, não* [devemos] *deixar a memória, a história da comunidade e da Escola Mariante morrer*". Nesse sentido, várias memórias apontam a necessidade de impedir a perda da história da Escola Mariante. Roni (2024) afirma:

> *Ah, isso aí, sem comentários... Não tem... Cada vez que eu falo, eu fico emocionado, e a gente briga e esperneia. Eu tive... A Escola Mariante... É uma ligação muito forte! Minha mãe é das primeiras turmas, minha mãe tem 90 anos, a escola tem 85, quer dizer que minha mãe estudou lá quando a escola tinha 2 anos, certo? Ou 1, não sei. Quando a escola foi fundada, a minha mãe já tinha 5, logo em seguida ela foi pra escola, deve ter começado nas primeiras turmas. Minhas irmãs, o meu irmão... Então a ligação... E eu sempre participei, colaborei, depois a Sinara veio — a Sinara está há 34 anos trabalhando lá... E meus filhos, né? E a integração da escola com a comunidade. A escola é a vida... A escola teve grandes promoções, grandes eventos, movimentou aquela vila, gente! O evento da semana da pátria era uma tradição. O município praticamente oficializou o encerramento da semana da pátria de Venâncio Aires, era sempre feito em Vila Mariante* (Roni Silva Maria, entrevista, 2024).

As memórias da vila se confundem com as memórias da escola, justamente, por serem espaços que se complementavam. Como argumenta Sinara,

> ***Eu acho importante a gente reviver essa história e não deixar morrer, porque fez parte da história da vila***. *É uma localidade que foi o berço da colonização de Venâncio Aires, por lá chegaram os primeiros colonizadores. Então a história da escola se confunde com toda a história da vila, porque ela sempre trouxe vida, ela foi o que girou... Fez a vida acontecer, praticamente, da comunidade, a escola. Tudo girava em torno da escola. As pessoas hoje dizem assim: "a escola não estando funcionando, parece que a vila está morta". Na época da pandemia, a gente sentia as pessoas, que reclamavam de tudo fechado, aí eles diziam: "Bah! os alunos não estando por aí, a escola não funcionando, parece que a vila está morta". E realmente, se sente isso. A história da Escola Mariante se confunde com a da vila, porque ela fez parte né, fez parte da história. Fez e deverá fazer sempre. E como eu te disse: eu tenho uma vida lá dentro* [aponta para a escola], *eu tenho amor por aquilo... Pra mim é muito dolorido tudo isso* (Sinara Cezar Maria, entrevista, 2024, grifo nosso).

A memória dos entrevistados vai articulando as sensações de saudade e de tristeza, ao mesmo tempo que traça uma narrativa em que diversos fatos memoráveis da instituição vão sendo evocados. Fabiano e Thauan (2024) apontam que essas sensações e lembranças dão "vontade de chorar". Para os entrevistados, há a necessidade de proteger a história da instituição:

> *A gente formou grandes profissionais, como toda escola, escola pública. E nossa escola era uma tradição! E esse livro vai manter essa memória, porque tudo o que a gente tinha, fotos e coisas, isso foi tudo embora! Documentos... Qual é a referência que a gente tem da Escola Mariante hoje? A nossa cabeça. A nossa cabeça vai envelhecendo. E as dos guris que estudaram lá, e das meninas, também vai acontecer isso e a memória vai se apagar!* (Roni Silva Maria, entrevista, 2024).

> *E ao mesmo tempo, também essa enchente serviu pra gente aprender que o bem material, ele não supera o bem humano, as relações* (Adriana, entrevista, 2024).

Os dois excertos selecionados nos mostram a importância da comunidade e da preservação da história da Escola Mariante. As diversas entrevistas mencionam a importância da comunidade ter sido acolhida na Escola Adelina, mas não exclui a sensação de não pertencimento àquele espaço. Segundo Naira (2024), *"nós fomos muito bem acolhidos aqui* [na Escola Adelina]*. Mas assim: não era nosso espaço, não era o nosso lugar. E isso foi pra mim, foi pros meus colegas, pros professores, pra todos. Tinha dias que chegava aqui, eu pessoalmente, eu chegava aqui e eu estava sem rumo"*. Fabiano, Luana, Igor, Thauan, Kauã, Gabriele e Eduardo (2024) apontam que a escrita do livro e a importância da preservação da memória atuam como forma de mostrar à comunidade o que se passou, além de preservar para que não se esqueça da Escola Mariante e de sua história. Mesmo assim, a comunidade persistiu e encontrou nas entrevistas uma forma de narrar e contar a história desses espaços que, mesmo após terem evanescido, permanecem na memória dos sujeitos que por ali habitaram.

FINALIZANDO

Os vínculos que se estabelecem entre os estudantes e a materialidade escolar evocam uma profusão de simbologias. Nestes, os espaços não são tomados apenas como cenário, mas também como responsáveis por incutir ações, valores e sensações de pertencimento. Os dois prédios da Escola Mariante, habitados pelos entrevistados ao longo de 40 anos, são colocados ora como cenário da prática educativa, ora como elemento central de suas sensibilidades, como a saudade e a tristeza.

A enchente de 2024 legou à comunidade da Escola Mariante a dupla sensação de perda. De um lado, a realocação da escola na

comunidade da Escola Adelina; de outro, a perda de um espaço que se tornou símbolo nas memórias dos frequentadores. Narrar sobre o que se passou naquele espaço escolar é um imperativo de sobrevivência desses habitantes a fim de ensinar e contar a história de uma escola que, materialmente, sofreu grandes perdas.

Conforme narra a letra da música que serviu de epígrafe a este capítulo, quando a água baixou é que a comunidade pôde ter certeza de que os vínculos e as memórias construídas naquele espaço dificilmente vão se apagar. Os dois prédios da Escola Mariante são patrimônios que evanesceram, mas que permanecem importantes nas narrativas dos sujeitos que lá habitaram e que, portanto, adquirem o status de patrimônio daquela comunidade.

REFERÊNCIAS

ATIQUE, Fernando. **Arquitetura evanescente:** o desaparecimento de edifícios cariocas em perspectiva histórica. São Paulo: edusp, 2019.

DÓREA, Célia Rosângela. A arquitetura escolar como objeto de pesquisa em História da Educação. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 49, p. 161-181, jul./set. 2013.

ERRANTE, Antoinette. Mas Afinal, A Memória é de Quem? Histórias Orais e Modos de Lembrar e Contar. **História da educação**. Pelotas (8):141-174, set. 2000.

ESCOLANO, Agustin. Arquitetura como programa. Espaço-escolar e currículo. *In*: VIÑAO FRAGO, Antonio; ESCOLANO, Agustín. **Currículo, Espaço e Subjetividade**: a arquitetura como programa. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MERITI, Serginho; GUIMARÃES, Claudinho. Quando a Gira Girou. *In*: Zeca Pagodinho, Acústico MTV 2 - Gafieira. Universal Music Ltda, 2008, 4m38s.

PORTELLI, Alessandro. **A História Oral como arte da escuta.** São Paulo: Letra e voz, 2016.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007.

STABILE, Arthur; TITO, Fábio. O novo recomeço de Mariante: vila gaúcha de 250 anos arrasada pelas enchentes de 2024 tenta se reconstruir. *g1*, 28 dez. 2024. Disponível em: https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2024/12/28/o-novo-recomeco-de-mariante-vila-gaucha-de-250-anos-arrasada-pelas-enchentes-de-2024-tenta-se-reconstruir.ghtml. Acesso em: 10 mar. 2025.

STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena. História, Memória e História da Educação. *In*: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena. (Org.). **Histórias e Memórias da Educação no Brasil**. Porto Alegre: Vozes, 2005.

ENTREVISTAS

JUNGES, Linara Machado da Silva. Entrevista concedida à Rafaela Limberger. Escola Adelina, Venâncio Aires – RS, 2024.

KROTH, Adriana Dorneles Jantsch. Entrevista concedida à Rafaela Limberger. Escola Adelina, Venâncio Aires – RS, 2024.

MARIA, Roni Silva. Entrevista concedida à Rafaela Limberger. Escola Estadual de Ensino Médio Adelina Konzen, Venâncio Aires – RS, 2024.

MARIA, Sinara Cezar. Entrevista concedida à Rafaela Limberger. Escola Estadual de Ensino Médio Adelina Konzen, Venâncio Aires – RS, 2024.

PEREIRA, Mônica Guimarães. Entrevista concedida à Rafaela Limberger. Escola Adelina, Venâncio Aires – RS, 2024.

ROSA, Eduardo Brandão da; CONCEIÇÃO, Fabiano Júnior Reckziegel da; JUNGES, Gabriele Milena; ARAÚJO, Igor Ivan Pacheco de; DRUNN, Kauã Lucas; SILVA, Luana Eduarda Schmitt da; FONSECA, Thauan de Paula. Entrevista concedida à Rafaela Limberger. Escola Estadual de Ensino Médio Adelina Konzen, Venâncio Aires – RS, 24 set. 2024.

ROSA, Naira Elisabeth da Silva da. Entrevista concedida à Rafaela Limberger. Escola Adelina, Venâncio Aires – RS, 2024.

SALDANHA, José Lairton. Entrevista concedida à Rafaela Limberger. Escola Adelina, Venâncio Aires – RS, 2024.

8

Igor Ivan Pacheco de Araújo
Eduardo Cristiano Hass da Silva
Marisa Fernanda da Silva Bueno

ENTRE AS ÁGUAS, RESISTÊNCIA:
MEMÓRIAS DA PROFESSORA E DIRETORA NAIRA

Entrevista concedida pela diretora Naira Elisabeth da Silva da Rosa

INTRODUÇÃO

Quando falamos ou ouvimos a palavra "escola", possivelmente somos levados à imagem de um prédio. Esse prédio pode estar ligado às nossas vivências enquanto sujeito que, ao longo da vida, frequentou uma ou mais instituições educativas. No entanto, conforme apontam alguns autores que pesquisam sobre a chamada cultura escolar (Escolano Benito, 2017; Viñao, 2002), para além do prédio, da materialidade, a escola é formada também por sujeitos.

Neste livro, vamos refletir sobre o que fazer quando "a escola não está mais lá". Esse foi o desafio proposto pela professora

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-424-7.8

Rafaela Limberger a partir das tragédias causadas pelas enchentes em maio de 2024, no estado do Rio Grande do Sul, em especial, na Escola Mariante, localizada na vila de mesmo nome, no município de Venâncio Aires.

Ao longo deste capítulo, articulamos reflexões possíveis entre a história da Escola de Mariante, como lugar educacional, com a história da professora e diretora Naira Elisabeth da Silva da Rosa, enquanto sujeito do universo escolar. Não temos a intenção de produzir uma biografia de Naira ou de esgotar as análises a respeito da história da escola. Com esse capítulo, buscamos elaborar uma narrativa cujo objetivo é construir memórias de uma escola levada pelas águas.

AS INUNDAÇÕES DE 2024:
UM PANORAMA POSSÍVEL

No final de abril de 2024, começou a chover torrencialmente em muitos municípios do Rio Grande do Sul. No início, parecia ser uma chuva generosa e passageira. Os períodos de chuva são necessários para toda a população, sobretudo para os agricultores, cujo trabalho depende diretamente do clima. Naquelas semanas de 2024, a chuva não passou, a água não parou de cair. Os rios se encheram e começaram a transbordar, a água se espalhou e chegou nas ruas, nas casas, e acabou marcando para sempre a memória das pessoas atingidas. Foi uma tragédia coletiva, um luto sentido por todos.

Especialmente na região de Mariante, localizada às margens do Rio Taquari, há uma propensão às cheias, em função da proximidade com o rio e do desgaste das suas margens. A falta de vegetação faz com que o rio transborde mais rápido sem a proteção da mata ciliar que absorve a água e serve de barreira para a força da correnteza.

No início, foi difícil aceitar o que estava acontecendo: a água subindo, invadindo as casas, as pessoas não conseguiam abandonar tudo e partir. As pessoas têm dificuldade para deixar suas casas. Apesar da invasão da água, a casa é um local seguro no imaginário coletivo. A dificuldade de abandonar o lar se dá também em função das memórias construídas, da sensação de conforto experimentada pela rigidez da construção. É exatamente nessa lógica que a Constituição Federal estabelece no artigo 5º, inciso XI, ser a casa "asilo inviolável", o que corrobora com o simbolismo de segurança contido nesse lugar. São as leis o reflexo da sociedade, por isso, a casa está neste "lugar de inviolabilidade". Com efeito, como explica Tiago dos Santos Rodrigues, no artigo intitulado *A enchente como derrocada ou da fragilidade da bondade*:

> Toda a casa é um abrigo, a nossa casa é um abrigo, é o ponto de partida — de referência — de um passeio ou uma viagem que faz justamente com que os lugares de passeio e viagem sejam apenas isso, passeio e viagem, ou seja, transitórios, independente de quanto tempo se passa neles. A casa certamente é um espaço físico interior ao mundo, mas é uma interioridade que abre uma exterioridade com relação a esse mesmo mundo. Exterioridade com relação ao mundo porque interioridade de um sujeito. É o espaço exterior, no interior do mundo, em que o sujeito pode ser senhor, lugar que ele dispõe, em que não está jogado à mercê de forças outras (Rodrigues, 2024).

As águas invadiram esse lugar de conforto e fizeram os sujeitos perderem o espaço de segurança, os jogando para o mundo. A sensação de fragilidade e vulnerabilidade foi experimentada de forma conjunta por todos que foram atingidos pelas enchentes.

Nesse contexto, aconteceu um fenômeno de solidariedade coletiva, justamente pela sensação experimentada ao perder o seu referencial de segurança. Com efeito, foi criado um espaço/tempo no qual os sujeitos se perceberam a partir da "miséria da nudez da sua própria existência" (Rodrigues, 2024). Nessa nudez, surge

a necessidade de ressignificação da existência na experiência da alteridade. Na filosofia com perspectiva na ética da alteridade de Emmanuel Lévinas (2004), há uma preocupação com o outro. Há um deslocamento relacional que coloca o outro no centro. Nesse encontro, surge a noção de "rosto" ou "olhar" do outro a partir da reconfiguração do lugar que o sujeito ocupa e de como ele se coloca em contato com a existência na sua nudez. O olhar do outro promove o encontro com a existência desse outro: "é sempre a partir do Rosto, a partir da responsabilidade por outrem, que aparece a justiça, que comporta julgamento e comparação, comparação daquilo que, em princípio, é incomparável, pois cada ser é único; todo outrem é único" (Lévinas, 2004, p. 144).

O encontro de olhares de sujeitos sob as mesmas condições de vulnerabilidade promoveu um existir a partir de resistências. Foi preciso unir forças para viabilizar dignidade para todos os atingidos. A educação, a saúde, a alimentação, a moradia e a assistência aos desamparados são direitos sociais estabelecidos na Constituição Federal brasileira. Entretanto, como é possível garantir esses direitos numa situação de tragédia coletiva?

MEMÓRIAS E HISTÓRIA ORAL:
ENCONTROS E PERCURSOS

A memória é um fenômeno complexo, que tem sido estudado por diversos autores e diversas autoras, podendo ser compreendida a partir de diferentes áreas do conhecimento. No estudo em questão, as memórias serão pensadas a partir de dois autores, sendo eles Ricoeur (2007), que propõe uma percepção filosófica da memória e, Michael Pollak (1992), que apresenta algumas reflexões de cunho sociológico, relacionando memória à identidade social.

A memória pode ser entendida como um fenômeno tanto individual quanto coletivo. Em relação ao caráter individual, está relacionado ao íntimo, o próprio de cada pessoa. Já a esfera coletiva se refere ao social, um fenômeno que é construído coletivamente, submetido a flutuações, transformações e mudanças. As memórias de Naira serão analisadas tanto por seu caráter individual quanto coletivo, permitindo refletir a respeito das enchentes e da destruição que assolou a Escola de Mariante.

Para a construção das memórias analisadas na presente narrativa, recorremos à metodologia da História Oral (Alberti, 2004), que articula lembranças e esquecimentos na produção de memórias (Pollak, 1992). A entrevista em questão foi realizada com a diretora Naira pela professora Rafaela Limberger e por suas alunas e alunos, os quais também foram responsáveis pela transcrição dos áudios.

De acordo com Paolo Nosella e Ester Buffa (2009), as narrativas de memória podem ser consideradas fontes importantes para a história das instituições escolares, tanto para a história da instituição em si quanto dos sujeitos que nela trabalham ou que por ela foram formados.

Na sequência, passamos a apresentar e analisar duas histórias que se encontram: a da diretora Naira e a da Escola Mariante. Convidamos as leitoras e leitores a percorrerem conosco essas narrativas.

ENTRE AS ÁGUAS, RESISTÊNCIA:
NAIRA ELISABETH DA SILVA DA ROSA

Conforme já mencionado, com as enchentes de maio de 2024, a Escola de Mariante foi diretamente atingida, perdendo seu

prédio e seu mobiliário. Em meio à força das águas, uma das personalidades que atuava nessa instituição era a então diretora Naira Elisabeth da Silva da Rosa. Sem ter a intenção de apresentar uma biografia ou história de vida, convidamos para uma pequena reflexão a respeito de nuances da vida dessa professora.

Conforme informações da entrevistada, Naira nasceu em 30 de maio de 1976, estando com 48 anos no período das enchentes. Além de professora, Naira também é casada e mãe de três filhos: Gustavo, Augusto e Thuany. Moradora da região conhecida como Linha Mangueirão, Naira vivenciou diferentes momentos de cheias, com enchentes que causaram alterações significativas na cidade. No entanto, suas memórias apontam que nunca havia presenciado a destruição e os impactos como os observados em 2024.

Em relação à sua formação, Naira possui o curso de magistério, bem como o curso superior de Pedagogia, com especializações na área de Inclusão, Neuropsicopedagogia e Gestão Escolar. Naira destaca que se formou em Pedagogia na primeira turma da UNINTER da FACINTER.

A trajetória profissional de Naira se confunde com a história da Escola de Mariante. No entanto, antes de ingressar nessa instituição, Naira já havia acumulado diferentes experiências enquanto docente e gestora. Também em Venâncio Aires, atuou na Escola Estadual de Ensino Fundamental Ondina dos Santos Martins, na qual cursou o estágio do magistério e lecionou. Até ser concursada, ela trabalhou em diferentes outras escolas, tanto do estado quanto de diferentes municípios.

Nesse percurso, Naira já havia enfrentado os desafios do fechamento de escolas, como a já mencionada Escola Estadual de Ensino Fundamental Ondina dos Santos Martins. Trabalhou nessa escola em paralelo à de Mariante, com 20 horas de trabalho semanais

em cada uma delas. No entanto, com a desativação daquela escola, assumiu toda a sua jornada na Escola Mariante.

Em um momento específico de sua trajetória, Naira afastou-se da docência, tendo se direcionado para o trabalho com o fumo. Contudo, suas memórias apontam que não se adaptava a essa vida, sentindo constantemente falta do ambiente escolar e da prática docente.

Em 2012, após prestar concurso público, Naira foi nomeada para a Escola Mariante, tendo procurado a escola ainda em dezembro daquele ano e assumindo a docência nas séries iniciais. De acordo com suas memórias, desde a chegada à instituição, sentiu-se acolhida pela comunidade escolar.

Na articulação entre lembranças e esquecimentos, emergem nomes de colegas de trabalho com os quais desenvolveu parcerias e, ao longo dos anos, nutriu um sentimento de amizade. Além das colegas professoras, suas memórias apontam relações afetuosas com direções e gestões anteriores da escola.

O prédio, os mobiliários, os sujeitos do universo escolar e diversos acontecimentos relacionados à Escola de Mariante permeiam as memórias de Naira. A entrevistada retoma detalhes do prédio e alterações da escola ao longo de sua atuação profissional, demonstrando que, conforme aponta Pollak (1992), acontecimentos, pessoas ou personagens e lugares são elementos centrais na construção e articulação das memórias.

Após alguns anos de atuação em Mariante, Naira passou a ocupar, junto à docência, o cargo de vice-diretora. Por algum tempo, no turno da manhã, exercia as atividades enquanto gestora e, à tarde, atuava como professora dos anos iniciais. Suas memórias apontam que a sua nomeação enquanto diretora se deu com a aposentadoria da diretora anterior, Dona Lúcia.

HISTÓRIAS QUE SE ENCONTRAM:
ESCOLA DE MARIANTE E NAIRA

Conforme mencionado, o encontro de Naira com a Escola de Mariante se deu em 2012, quando ela iniciou suas atividades docentes na instituição, e completou 12 anos em 2024, quando ocorreram as enchentes que destruíram a escola.

A história da instituição educativa remonta a 7 de janeiro de 1939, quando foi instituída com o nome de Grupo Escolar Coronel Brito. Em 1941, passa a ser designada como Escola Estadual Coronel Brito. O Ensino Fundamental começa a ser ofertado em 1992 e, em 1996, o Ensino Médio.

Ao longo dos anos, a escola passou por diversas mudanças e rupturas nas suas atividades. Considerando o ingresso de Naira na escola, é possível observar que, em muitos desses momentos, as trajetórias da professora e da escola se encontram, marcando tanto a memória individual da professora quanto a memória coletiva em relação à escola.

Conforme apontam as memórias da professora, ela, a escola e a comunidade já estavam acostumados com enchentes, que, em diferentes momentos, atingiram a escola. Tanto as casas quanto o prédio da escola já contavam com estruturas e organização pensadas de forma a lidar com as cheias. No entanto, o episódio de 2024 mostrou-se inédito para muitos dos sujeitos de Mariante, já que o último episódio tão intenso teria ocorrido em 1941. Além disso, não foram apenas as forças das águas que marcaram a história da escola de Mariante.

Naira rememora que, depois que assumiu a direção da escola, em diferentes momentos precisou lidar com problemas estruturais. Uma das suas memórias destaca que, logo após assumir

a direção, precisou lidar com o primeiro problema de estrutura com o prédio chamado "Ginásio", ao observar que a parte superior de uma das salas de aula estava desmoronando. Nesse contexto, Naira e a equipe da escola tentaram organizar uma reforma. No entanto, ao articularem com um profissional da construção civil, descobriram que, na verdade, toda a estrutura estava comprometida.

Tendo em vista a situação dessa sala de aula e, sem a possibilidade de reforma, uma das alternativas foi manter a sala fechada para a segurança de todos. Novas tentativas de reforma foram feitas, até que os engenheiros enviados pelo coordenador setorial detectaram que os problemas estruturais do espaço iam para além do que já tinha sido encontrado.

Após a interdição definitiva do prédio, a escola passou a funcionar em um segundo espaço, chamado pela comunidade escolar de "Grupo", de Grupo Escolar. O espaço precisou ser adaptado, com a criação de novas salas de aula e, até mesmo, com turmas de diferentes níveis dividindo a mesma sala. Além disso, os diferentes locais da gestão escolar, como secretaria e direção precisaram se adaptar a ambientes menores, para garantir o funcionamento da escola.

É interessante observar nesse relato como era, muito antes da enchente de 2024, o olhar que o poder público tinha para essa comunidade escolar e qual o tipo de atenção que o estado dava às crianças e aos adolescentes que estudavam na Escola Mariante. A educação como um direito acompanha o desenvolvimento do conceito de direitos humanos. A afirmação da dignidade humana pressupõe o respeito aos direitos consagrados constitucionalmente e que estão no centro da civilização ocidental. Flávia Piovesan defende que o "direito à educação é a base de uma sociedade informada, capaz de se expressar com qualidade e interpretar criticamente o mundo ao seu redor" (2021, p. 4). Por que o direito à educação, que em tese deveria ser universal, não é acessado por todos? É razoável aceitar que certas comunidades sejam invisibilizadas e esquecidas?

Como o direito à educação é garantido se o espaço físico é precário e insalubre? Como professores, funcionários e alunos poderão exercer a cidadania se não têm o básico para a sua segurança?

Justamente essa população, que já era vulnerabilizada pela falta de acesso às políticas públicas, foi a mais impactada pela enchente e é a que menos possui recursos próprios para se reorganizar após um desastre climático dessa magnitude. A história de descaso foi a repetição de outros episódios e a população com menos recursos financeiros foi novamente a mais atingida.

Ao nos voltarmos à história da escola, outro momento bastante sensível foi a pandemia da covid-19. A pandemia trouxe uma série de desafios para a educação. Crianças e adolescentes ficaram um longo período afastados das escolas, sem recursos tecnológicos, sem amparo ou ferramentas digitais necessárias para estudarem através da internet, enquanto os professores precisaram desenvolver estratégias que possibilitassem que os estudantes dessem continuidade aos estudos. O resultado deste período foi um abismo no que se refere à educação, entre aqueles cuja estrutura financeira possibilitou que a família trabalhasse em casa — com acesso à internet e ferramentas digitais apropriadas — e aqueles que, além do medo pela exposição ao vírus e o risco de infecção, precisaram enfrentar a falta de recursos financeiros (em função do comprometimento da renda), sem qualquer apoio ou ferramentas digitais apropriadas para o ensino/aprendizagem.

Embora as memórias de Naira não apresentem datas exatas, ela rememora que, pouco tempo após a mudança para o prédio do "Grupo", ocorreu uma segunda interdição. Enquanto o primeiro prédio foi desativado por causa da estrutura física, o segundo foi interditado por problemas elétricos. Após a interdição do prédio, a direção da escola procurou ajuda da coordenadoria, bem como do Conselho de Pais e Mestres (CPM) da escola. As aulas foram paralisadas e

novos desafios para a manutenção da escola tiveram início. Os desafios foram tantos que diferentes profissionais da escola sentiram-se esgotados psicológica e fisicamente.

Os dilemas eram enfrentados em diferentes frentes. Em relação à coordenadoria, as memórias da entrevistada apontam que, mesmo com a situação do prédio, não queriam que as aulas parassem. No entanto, a partir da articulação dos profissionais da educação, parece ter se criado uma frente de resistência pela segurança dos sujeitos do universo escolar.

Para além do perigo de acidentes elétricos, a escola ficou sem geladeira, o que gerava problemas em relação ao fornecimento de merenda para os alunos. Sem geladeira, e sem merenda, os alunos também ficaram sem água gelada, o que, em dias muito quentes, intensificava as dificuldades de permanência saudável no ambiente escolar.

A segunda frente de resistência da equipe gestora da escola se deu com os pais, mães e responsáveis dos alunos. As memórias da diretora apontam que uma parte dos pais insistiam que, apesar da situação, os filhos deveriam ter aula. Foram criadas diferentes estratégias para o funcionamento das aulas, como atendimentos individualizados, e até mesmo, no formato online.

Apesar das estratégias mobilizadas, as atividades escolares ficaram muito fragilizadas. Com o suporte precário, sem acesso à energia elétrica, sem merenda escolar e sem água refrigerada, a situação ficou muito difícil. Não podendo contar com o retorno, nem com rodízio de turmas, foi preciso a articulação de novas estratégias. Uma das alternativas sugeridas foi oferecer as aulas em um espaço cedido pela prefeitura, no qual funcionava o Posto de Saúde e o Clube das Mães. Mais uma vez, os pais se colocaram em posição de enfrentamento e a gestão precisou, sem condições estruturais, atender aos alunos.

As memórias de Naira apontam que, em meio a reuniões e discussões, uma mãe apresentou uma sugestão que se mostrou como solução temporária para as dificuldades enfrentadas: uma parceria com a Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), que conta com um campus na cidade de Venâncio Aires.

Considerando a existência do campus e que as aulas da universidade eram oferecidas apenas no turno da noite, foi possível estabelecer uma parceria entre a escola e a instituição, com o compartilhamento do espaço físico da UNISC. Também foi necessário o comprometimento do estado e do município para a disponibilização de transporte para levar e buscar os estudantes.

Apesar da distância entre o campus e a residência da maioria dos alunos, o que afetava diretamente nos horários e na rotina dos sujeitos do universo escolar, Naira diz que foi uma boa saída para as dificuldades enfrentadas, pois permitiu que alunas e alunos voltassem a ter aulas de forma regular. Mesmo com uma estrada em reforma e com a necessidade de 6 ônibus (três para levar e três para buscar os estudantes), as atividades escolares foram retomadas em um novo espaço.

A permanência no campus da UNISC durou alguns meses, mas foi um tempo suficiente para que as atividades pudessem ser retomadas de forma regular. Embora a instituição escolar não estivesse com as estruturas totalmente reformadas, a escola voltou a funcionar no seu prédio de origem.

De acordo com Naira, após retornarem para Mariante, foram atingidos por uma enchente que, embora de pequeno porte, causou alguns danos e perdas para a escola. Mais uma vez, precisaram da articulação com diferentes grupos e instituições para se reestruturar, contando com parcerias com o município, o estado e algumas ONGS.

Em meio à destruição causada pela enchente, as memórias de Naira apontam para as tentativas de contornar a situação

e salvar o máximo possível de móveis e objetos da escola. Naira relata que, em um primeiro momento, a equipe da escola pensou se tratar de uma enchente de dimensões como as já vivenciadas, ou seja, embora destrutiva, que pudesse ser contornada. Procuraram erguer móveis e objetos para o caso de a água entrar no prédio. Além disso, retiraram móveis e eletrônicos, como freezer, aparelho televisor e equipamentos de informática.

Apesar das tentativas, não foi possível salvar a estrutura da escola. O que não se esperava é que a força da água fosse capaz de destruir, por completo, a materialidade da instituição. Mencionamos materialidade, pois os sujeitos e as vivências da Escola Mariante ainda encontram-se nas memórias de professoras e professores, alunas e alunos e comunidade em geral.

Na primeira inundação, Naira menciona que alguns alunos estavam na escola. Suas memórias evocam momentos traumáticos, de luta e resistência, em que foi necessário zelar pela segurança das crianças e adolescentes. A segunda enchente, de acordo com a diretora, não deixou mais nada:

> *Foram duas enchentes. A primeira foi um impacto muito grande, ouvindo os alunos me pedindo socorro, porque na primeira, muitos acharam que não ia ser tão grande e depois, quando deu, deu a angústia, o medo de sair da água. Então foi muita tensão, muito desespero, até poder ver eles estarem bem. E aí muitos eu acompanhei na saída, eu estava lá no Mariante esperando, então cada um que saía, cada um que a gente via que estava bem, era um alívio. Na segunda, que foi essa enorme que terminou com tudo, não tinha mesmo o que fazer. Foram retirados, foram trazidos para os abrigos, foram para os familiares. Nesta última, se corria o risco de a água ir até lá em casa porque rompeu o asfalto* (Naira Elisabeth da Silva Rosa, entrevista, 2024).

Para além da escola destruída, do prédio arrastado, do lugar que não existe mais, foi necessário lidar com a situação das famílias

dos estudantes, pois muitos deles perderam suas casas, suas identidades, seu sustento e foram morar em abrigos disponibilizados pelo poder público. Esses espaços criados emergencialmente não eram lugares apropriados para as famílias, muitas com animais de estimação inclusive. Contudo, a situação de emergência impossibilitou a construção e organização de lugares ideais. Atores sociais uniram forças para garantir, com o Estado, condições mínimas que viabilizassem segurança e um pouco de conforto.

No cenário causado pelas enchentes de 2024, para além do prédio escolar, as residências de alunos e professores também estavam em perigo. As memórias de Naira apontam que foi desesperador ver a situação em que se encontravam:

> *Na parte do arroio, tem um vizinho que foi pego tão desprevenido que* [ele e a família] *só conseguiram sair com a roupa do corpo. Não imaginavam que vinha água, quando viram a água veio e subiu muito rápido. E tinha casa de material, e tudo... Carro novo, camionete nova, um trator, tudo... Não conseguiu tirar nada, tudo ficou debaixo da água. Pegou todo mundo assim, de surpresa! E aí a gente também estava nessa angústia de que a água poderia vir até lá também. E como eu também já estava nervosa, meus filhos e meu marido foram para ajudar as pessoas que precisavam de ajuda, de socorro, tirando animais* (Naira Elisabeth da Silva Rosa, entrevista, 2024).

Para além da escola, a Vila Mariante foi devastada: casas, móveis, carros e animais foram arrastados. Em meio à destruição, permaneceu o sentimento de solidariedade:

> *A vila terminou. Então, ao mesmo tempo que era aquele desespero, era aquela busca por força para poder dar força para aqueles que precisavam também. Colegas que perderam tudo. É uma situação muito triste. Aí passou uns dias e a gente se recuperou e começou a ir nos abrigos, ver onde estavam os nossos alunos, ver se eles estavam bem... Então a gente foi no abrigo do Mangueirão, abrigo aqui da Estância, depois a gente soube que tinham uns*

> *alunos também num abrigo na... Eu acho que na Sercsate* [que é uma associação recreativa], *era em Venâncio... Os professores de lá foram lá também. Graças a Deus, não se perdeu nem uma vida* (Naira Elisabeth da Silva Rosa, entrevista, 2024).

A vila terminou, mas não se perdeu nenhuma vida. As palavras de Naira mostram que, apesar da situação catastrófica, ainda existe sentimento de força, gratidão por não ter sido ainda pior e coragem para continuar. Em meio à dor, a ajuda fornecida a partir de doações de cestas básicas, água, materiais de higiene, etc., foram fundamentais para a comunidade.

> *Nesse meio tempo, teve muita emoção, teve desgaste emocional* [riso], *mas ao mesmo tempo, com cada um, a gente se refortalecia e continuava lutando. E graças à nossa equipe. A Escola Mariante sempre contou com uma equipe, equipe que eu falo são todos: professores, funcionários, equipe diretiva, CPM, Conselho Escolar. Todo mundo, todo mundo unido!* (Naira Elisabeth da Silva Rosa, entrevista, 2024).

Após a destruição, dessa vez total da escola, tanto os profissionais quanto os alunos e alunas foram, mais uma vez, direcionados para outro lugar, dessa vez, para a Escola Estadual de Ensino Médio Adelina Isabela Konzen. Diferentemente das outras adaptações, essa é marcada pela união de duas instituições escolares em um mesmo prédio. Como agrupar duas instituições diferentes em um mesmo espaço físico? Como duas gestões escolares diferentes coexistem no mesmo lugar? Esses são alguns questionamentos que parecem perpassar a prática cotidiana de Naira:

> *Nós fomos muito bem acolhidos aqui. Mas assim: não era nosso espaço, não era o nosso lugar. E isso foi para mim, foi para os meus colegas, para os professores, para todos. Tinha dias que, eu pessoalmente, chegava aqui e eu estava sem rumo. Eu não sabia o que eu ia fazer, qual era o meu papel aqui, já tinha uma outra direção. Então a gente teve que se adaptar a essa nova realidade. E cada direção, cada*

> *equipe diretiva, tem as suas particularidades. E claro que quando a gente chegou, a gente só foi se adaptando. Teve coisa que foi mais difícil pra gente, que era diferente da nossa realidade. E a gente foi se adaptando, então eu levei um tempo pra me sentir pertencente daqui. Tinha dias que era difícil vir trabalhar e isso a gente sentia com os colegas também* (Naira Elisabeth da Silva Rosa, entrevista, 2024).

Como organizar alunas e alunos de diferentes instituições em um único prédio? Seria essa uma fusão e o desaparecimento da Escola Mariante? Essas são problematizações importantes a serem feitas. É preciso questionar o olhar direcionado do poder público para as comunidades já vulnerabilizadas e como os recursos são aplicados. É preciso olhar para os sujeitos que constituem o universo escolar, sujeitos estes que, como Naira, são fundamentais para a persistência de uma instituição educativa, mesmo quando "a escola não está mais lá".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As memórias transcritas e as narrativas construídas neste capítulo nos mostram os movimentos de lutas e resistências de pessoas esquecidas pelo poder público, especialmente diante das inundações de abril e maio de 2024. A educação é um direito de todos e um instrumento de organização e gestão do conhecimento central na nossa sociedade: está no *ethos* da civilização ocidental, e, mesmo com um lugar de destaque, é negada à grande parte da população. A partir das dinâmicas de lutas e resistências (com o devido cuidado de não romantizar o sofrimento) promovidas em função dos trágicos acontecimentos, podemos pensar em entre lugares, ou seja, na constituição de contraespaços sociais, como as heterotopias, conceito desenvolvido por Foucault (Foucault, 2013, p. 20). Heterotopias

são lugares de pulsão transformadora e criativa, onde é possível o vislumbre de novos lugares possíveis.

A escola que não está mais lá é um não lugar com um registro de memória de espaço fraterno e acolhedor, em cuja resistência, para que possa continuar a sua existência, cria um entre lugar possível a partir da força da comunidade escolar.

No entanto, podemos nos questionar se, de fato, a escola realmente não está mais lá. E, se pensarmos em termos estruturais, nossa resposta é de que ela não está, podemos refletir de outra forma: se resumiria a escola ao espaço físico? Enquanto os sujeitos lembrarem, essa escola não estará pulsando em emoções? Enquanto "Nairas", professoras sujeitos do universo escolar em geral existirem, seria possível apagar a existência das instituições educativas? Estando ou não "lá", a Escola de Mariante estará aqui, nas memórias registradas, nos textos produzidos e nos afetos daquelas e daqueles que a vivenciam.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar***:* textos em História Oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.

ESCOLANO BENITO, Augustín. **A Escola como Cultura***:* experiência, memória e arqueologia. Tradução e revisão técnica: Heloísa Helena Pimenta Rocha, Vera Lucia Gaspar da Silva. Campinas: Editora Alínea, 2017.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. São Paulo: N-1 Edições, 2013.

LÉVINAS, Emmanuel. **Ensaios sobre a alteridade**. Petrópolis: Vozes, 2004.

NOSELLA, Paolo. BUFFA, Ester. **Instituições Escolares**: Por que e como pesquisar. Campinas, SP: Editora Alínea, 2009.

PIOVESAN, Flávia; CRUZ, Julia Cunha. **Curso de Direitos Humanos**: sistema interamericano. Rio de Janeiro: Forense, 2021.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

RICOEUR, Paul. **A Memória, a História e o Esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

RODRIGUES, Tiago dos Santos. A enchente como derrocada ou da fragilidade da bondade. **Coluna ANPOF**, 2024.

ROSA, Naira Elisabeth da Silva da. Entrevista concedida à Rafaela Limberger. Escola Adelina, Venâncio Aires – RS, 2024.

VIÑAO, Antonio. **Sistemas educativos, culturas escolares y reformas**. Madrid: Morata, 2002.

9

Eduardo Brandão da Rosa
Rosane Sasset

ESCOLAS MARIANTE E ADELINA:
SOMOS TODOS UM

Entrevista concedida por Adriana Dorneles Jantsch Kroth

Quem cuida com carinho de outra pessoa
Se importa com alguém que nem conheceria
Quem abre o coração e ama de verdade
Se doa simplesmente por humanidade

Se coloca no lugar do outro, sente empatia
Você que vai à luta e segue sempre em frente
Enfrenta os desafios que o destino traz
A vida é preciosa todo mundo sente

Afeto e compaixão a gente sempre entende
Máximo respeito a você que faz
Laços de ternura e aliança
Hão de ser a diferença

(Ana Vilela e Nando Reis, 2020)

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-424-7.9

"*Essa enchente serviu pra gente aprender que o bem material, ele não supera o bem humano, as relações*". Essa afirmação é de Adriana Dorneles Jantsch Kroth, uma venâncio-airense, nascida e criada na comunidade de Vila Estância Nova, distante poucos quilômetros da Escola Estadual de Ensino Médio Mariante. Adriana escolheu ser professora e, assim como diz a canção de Ana Vilela e Nando Reis, "[...] se *coloca no lugar do outro, sente empatia, enfrenta os desafios que o destino traz,* [...] *sente afeto e compaixão*". Assim, é com a declaração inicial da professora Adriana que daremos o tom a esta escrita.

A professora Adriana, que concedeu, gentilmente, entrevista à também professora Rafaela Limberger, iniciou suas atividades docentes em 30 de maio de 1995 e, em fevereiro de 1996, foi transferida para a Escola Estadual de Ensino Médio Adelina Isabela Konzen. A partir de 2018, passou a fazer parte da gestão, como Diretora da Adelina[1] e, em 2024, precisou exercer uma das funções mais difíceis e desafiadoras em todos esses anos dedicados à educação: ser a anfitriã de servidores e estudantes vindos da Escola Estadual de Ensino Médio Mariante, que encerrou suas atividades em dezembro de 2024.

Entre setembro de 2023 e maio de 2024, o estado do Rio Grande do Sul viveu momentos bastante difíceis em decorrência de fenômenos climáticos. Dentre eles, as chuvas de maio foram as mais avassaladoras. As águas decorrentes dessas chuvas torrenciais foram responsáveis por transformar o rio Taquari em uma força inexplicável, que arrastou casas, sonhos, memórias e histórias em sua correnteza furiosa. As enchentes ocasionaram a destruição de comunidades inteiras, deixando como consequência paisagens arrasadas e um quadro intenso de desamparo socioambiental.

1 Neste texto, a partir de agora, iremos nos referir à Escola Estadual de Ensino Médio Adelina Isabela Konzen, respeitosamente, apenas como Adelina, que é como a professora Adriana se refere à instituição.

Diante da magnitude dos danos ocasionados pelas enchentes, uma instituição de ensino secular — responsável por garantir o acesso ao conhecimento e à educação formal para sucessivas gerações — teve parte de seu legado histórico e de suas memórias submersos pelas águas do rio Taquari, cujo poder destrutivo se revelou implacável. Paradoxalmente, foi esse mesmo rio que, há mais de 250 anos, testemunhou o surgimento de um núcleo colonial bastante miscigenado em suas margens. Os benefícios hidrográficos do Taquari, essenciais para a irrigação das lavouras, além de sua função como via de transporte para o escoamento da produção agrícola, foram determinantes para o desenvolvimento socioeconômico da região.

Nesse contexto, em 1939, foi fundada a Escola da Vila Mariante, instituição que se consolidou como um polo educacional fundamental para a formação dos filhos de agricultores e trabalhadores rurais, atendendo não apenas à comunidade local, mas também às áreas circunvizinhas. De acordo com Magalhães (2018), para se compreender uma instituição escolar, é relevante integrá-la nos contextos geográfico, populacional, econômico, sociocultural e nas circunstâncias históricas, de forma a vinculá-la à evolução de uma comunidade e de uma região.

A Escola da Vila Mariante surgiu em um contexto de expansão do ensino público no interior gaúcho, com o intuito de atender a uma demanda por escolarização em áreas rurais. A instituição destacou-se por formar profissionais que exerceram suas carreiras em Venâncio Aires e arredores. Seu modelo pedagógico articula os saberes acadêmicos com os compartilhados pela comunidade, o que inspirou políticas educacionais municipais. Ao longo de seus 85 anos de existência, passou por algumas mudanças sempre visando ao bem-estar daqueles que circulavam por seus espaços e construíram neles a sua formação acadêmica e parte de suas memórias.

Inicialmente, a instituição de ensino em questão possuía uma estrutura curricular limitada, e atendia exclusivamente até o quarto ano do Ensino Fundamental (denominado, à época, quarta série), sob a designação de Escola Coronel Brito. Contudo, a partir de 1992, ampliou sua oferta educacional e passou a abranger todo o Ensino Fundamental. Posteriormente, em 1997, incorporou também o Ensino Médio em seu projeto pedagógico.

No que concerne à sua infraestrutura, a escola funcionou, em seus primórdios, em um edifício construído em madeira. Ao longo do tempo, sua estrutura física foi expandida e passou a ocupar dois prédios distintos. No entanto, devido a problemas estruturais em uma das edificações, a instituição retornou a um modelo de funcionamento centralizado, em que reunia todos os discentes e servidores em um único espaço físico.

Uma das mais significativas transformações recentes ocorridas na instituição deu-se no ano de 2023, evento tão relevante que foi objeto de uma reportagem especial. O jornalista Iuri Fardin, em matéria publicada no Portal GAZ, em 11 de março de 2023, destacou o fato sob o título "Escola de Vila Mariante pode ser reaberta ainda em abril". Conforme o registro jornalístico, em setembro de 2022, foi identificada uma grave deficiência na rede elétrica do estabelecimento, que comprometeu a funcionalidade das salas de aula e demais espaços pedagógicos, inviabilizando temporariamente seu pleno funcionamento.

Diante das circunstâncias expostas, a instituição — que à época atendia a mais de 200 discentes distribuídos em todos os níveis de ensino — viu-se obrigada a passar por intervenções estruturais. A Imagem 1, registrada pelo fotógrafo Rui Borgmann e originalmente publicada no contexto da cobertura midiática sobre a reabertura da Escola Estadual de Ensino Médio Mariante, captura uma perspectiva lateral do edifício escolar.

Imagem 1 — Escola Estadual de Ensino Médio Mariante

Fonte: Portal GAZ, 2023.

Na imagem, observa-se a arquitetura característica do local, marcada por amplas janelas que sugerem uma relação entre espaço interno e externo. O cenário é complementado por elementos naturais (como a presença de árvores) e outros resultantes da intervenção humana, destacando-se um cercado composto por palanques coloridos, cuja vivacidade contrasta com a sobriedade do prédio escolar.

Entretanto, mais do que um simples elemento físico, tal delimitação espacial revela-se incapaz de conter as projeções simbólicas que transcendiam os limites materiais da instituição. Os anseios e aspirações que habitavam o imaginário da comunidade escolar demonstravam-se, assim, irredutíveis às contingências físicas do espaço educacional. A resiliência simbólica frente às limitações materiais é uma demonstração de que uma escola não é apenas um local de transmissão de conhecimentos formais, mas também um espaço de construção da identidade coletiva e do exercício da cidadania.

Diante dos fatos expostos, constata-se que o rio Taquari desempenhou um papel ambivalente na trajetória da escola da Vila Mariante: suas águas foram, simultaneamente, o elemento propulsor de sua fundação — ao viabilizar as condições socioeconômicas que demandavam a criação da instituição — e o agente catalisador de seu declínio, quando os mesmos recursos hídricos que outrora sustentaram o desenvolvimento regional tornaram-se vetores de destruição, culminando no encerramento das atividades escolares.

Assim, é chegado o ponto de retomar a entrevista da professora Adriana para entender os desdobramentos que o *apagar das luzes* da Escola da Vila Mariante provocou em toda uma comunidade. Foi em uma reunião virtual que a professora Adriana recebeu a informação de que a comunidade escolar da Mariante viria para a Escola Adelina.

De acordo com Adriana, o coordenador da 6ª CRE solicitou que os participantes da reunião se ausentassem e apenas ela permanecesse, pois o comunicado que seria feito deveria ficar entre eles, em um primeiro momento. Então, o coordenador solicitou a ela para que se preparasse e também a sua equipe de servidores, contudo "[...] *nós já previámos. Nós já previámos, enquanto equipe, que nós iríamos acolher o grupo da Escola Mariante: professores, funcionários e estudantes*", afirmou Adriana.

A educadora, que está à frente da direção da Escola Adelina há quase uma década, reforçou que o aprendizado e o crescimento coletivo sempre estiveram presentes nas atividades administrativas e pedagógicas da instituição, que inicia cada ano letivo com a escolha de um tema e de uma música que permeiam suas ações. Em 2023, a escolha musical foi *Laços (de ternura e aliança),* de Ana Vilela e Nando Reis e, em 2024, *Somos todos um,* de Netinho e Manno Góes.

Há quem diga que coincidências não existem. Porém, Ana Vilela e Nando Reis cantam que "[...] *o impossível pode acontecer/*

só amor é capaz de dar a vida/e encontrar uma saída/pra esperança/ vir de novo a cada amanhecer"; enquanto Netinho e Manno Góes afirmam que "[...] *nossa vida é sol, vamos ser sol, vamos ser farol... não se sinta só, somos todos um* [...]".

Após o comunicado feito pelo coordenador, a gestora Adriana começou a delinear os passos a seguir. Durante sua entrevista, Adriana disse que da Escola Mariante ela "[...] *conhecia muito pouco, muito pouco. Mas a gente participava de eventos lá.* [...] *E, quando nós tínhamos aqui na escola somente até a oitava série, nós fazíamos visitas com os nossos alunos lá na Escola Mariante para eles conhecerem, porque eles iriam fazer o Segundo Grau lá*". Perante a nova situação que se apresentava, precisou desenvolver e exercitar em si mesma e em sua equipe o processo de aceitação e de acolhimento, então "[...] *a gente trabalhou para que fosse um acolhimento da melhor maneira possível, respeitando quem estivesse chegando. Com todas as suas dores, todas as suas perdas e todo o seu sentimento*". A professora Adriana sabia que o acolhimento seria um processo em que se faz e se refaz, até que os laços de sociabilidade entre todos sejam consolidados.

É importante destacar, que além dos estudantes oriundos da extinta Escola Mariante, a Escola Adelina recebe discentes provenientes de outras treze comunidades rurais do entorno. Durante o episódio de inundações, a instituição também foi afetada pelas águas, contudo os danos materiais foram considerados de pequenas proporções. A interrupção das atividades letivas restringiu-se estritamente ao período necessário para a realização dos trabalhos de remediação e higienização do espaço físico, retomando-se em seguida o regular funcionamento escolar.

Há que se pontuar que, mesmo sabendo que deveriam acolher, houve questionamentos da comunidade interna da Escola Adelina acerca de como é que os anfitriões seriam tratados por aqueles que vinham não apenas para passar uma temporada, mas

para se instalarem em definitivo, ou seja, "*ocupar o espaço*", como destacou Adriana. Nesse receber e acolher também estavam o ceder e o compartilhar. Mas o limite do ceder e do compartilhar é algo que precisa ser exercitado. Pode-se dizer, usando uma metáfora, que a *irmã mais nova* — Adelina — estava cedendo parte do que era somente seu para a *irmã mais velha* — Mariante — e toda a parentela que a acompanhava. Não era somente durante as férias escolares, era para sempre. Neste sentido, os estudantes e servidores da Escola Mariante podem ser o que Simmel (1983) denomina como estrangeiro, que não é apenas um viajante que passa, mas alguém que se instala, relaciona-se com o grupo e começa a fazer parte das dinâmicas sociais, o que provoca uma reorganização dos espaços, dos tempos, das ações e atitudes.

Diante disso, a reestruturação institucional exigia uma reconfiguração dos tempos e espaços educativos. Como afirma Escolano (2001), o espaço escolar constitui uma construção social ativa que condiciona e é condicionada pelas dinâmicas pedagógicas, servindo como suporte material para a organização de saberes e práticas que medeiam a produção do conhecimento.

Nesse contexto, torna-se pertinente a metáfora proposta por Freiberg e Stein (1999), que concebem o clima organizacional como o "coração e a alma" da instituição educativa — elemento catalisador que não apenas vitaliza as interações sociais no ambiente escolar, mas também funciona como dispositivo de motivação e internalização de valores compartilhados por discentes, docentes e demais profissionais envolvidos no processo escolar.

Deste modo, sendo a professora Adriana conhecedora de que as escolas eram próximas, de que as comunidades se interligavam e de que "[...] *os nossos estudantes conhecem os estudantes do Mariante*", além de serem conhecedores de tudo o que estava acontecendo, exteriorizou sua liderança, com muito trabalho e resiliência e enfatizou que "[...] *o outro estava sofrendo, por isso a importância*

de se dar bem, de respeitar" e de entender o quão significativo é o "*sentimento da partilha, da gente acolher um colega*".

Nem por isso o trabalho com os estudantes foi menos exaustivo, destacou Adriana, pois foi preciso estar ao lado dos estudantes, conversando, explicando, mostrando que precisamos ser resilientes, devemos saber acolher e compartilhar. Dessa maneira, foi necessário entender que "[...] *a partir de hoje vou ter que me sentar um pouco mais retinha, digamos assim, para que eu possa também disponibilizar o espaço para o colega*". Foi necessário entender que a "[...] *fila do lanche aumentou, então eu tenho que ter a paciência, porque meu colega tem o direito de ter o alimento e eu também, mas a minha vez vai chegar*".

Foram detalhes que precisaram ser discutidos, informações básicas que tiveram que ser repassadas. Explicar que é preciso aguardar um pouco, pois "[...] *tem fila no banheiro às vezes*", são situações que "[...] *a gente nem imagina, mas tudo isso a gente teve que trabalhar*".

Além de pensar e organizar os espaços internos, também foi importante o cuidado e a orientação que a professora Adriana e sua equipe dispensaram em relação ao transporte, nos horários de término da jornada de aulas. A conversa com os estudantes também foi para que o acolhimento se estendesse

> [...] *no ônibus, né. Os colegas e estudantes que vão chegar, também vão utilizar o transporte, mas eles não vão saber qual transporte eles vão ter que pegar, então nós vamos ajudar: olha, mora perto de casa tal, está abrigado na casa do fulano, que é vizinho do colega do sétimo ano, então aquele colega já abraçou aquele estudante novo e já conduziu para o transporte, que é aquele que ele teria que ir* (Adriana Dorneles Janti Kroth, entrevista, 2024).

O processo demandou significativas adaptações e evidenciou a necessidade de um esforço coletivo para promover a

integração entre as duas comunidades educacionais. De acordo com Cabral (2016), a resiliência de todos os envolvidos, que precisaram responder a situações de perdas, medos e incertezas, foi preponderante e permitiu que reagissem prontamente aos desafios impostos. Embora, nos primeiros dias, o clima organizacional apresentava-se mais tenso, após 45 dias, já se constatava uma gradativa atenuação e "[...] *a gente conseguiu perceber que o ar, como eu sempre disse, estava ficando mais leve, que o entrosamento estava acontecendo, que o respeito estava presente*", destacou Adriana.

Nesse contexto adaptativo, a professora Adriana destacou como principais desafios: os espaços físicos das salas de aula; a gestão compartilhada de recursos materiais e pedagógicos; e a necessidade de implementação de mecanismos de suporte emocional para atender às demandas psicossociais dos discentes, docentes e demais membros da comunidade escolar. Foi "*uma coisa muito exaustiva, mas é um aprendizado diário e eu agradeço todo dia, todo dia que a diretora Naira é a diretora. Porque a gente tem uma relação muito boa, ela é mais calma, eu sou mais agitada, e a gente acha o equilíbrio*", destacou Adriana.

No entanto, na primeira semana em que as duas escolas compartilharam o mesmo espaço, Adriana concedeu uma entrevista para uma rádio local e recebeu inúmeras mensagens de agradecimento pelo acolhimento de estudantes e servidores da Mariante. Os servidores e estudantes da Escola Adelina acolheram da melhor maneira possível, "[...] não tinha como ser diferente. Então quem chegou teve que se adaptar, né?".

Por outro lado, junto com esse chegar, vieram práticas e brincadeiras simples que ainda não estavam presentes nas atividades lúdicas dos estudantes da Escola Adelina. Uma dessas brincadeiras foi "*a bola no recreio,* [...] *que favoreceu tanto a integração entre eles, a amizade entre os estudantes e o respeito às regras do jogo, que é*

disciplina". E essa simples atividade, que repercutiu positivamente nas relações interpessoais, "*ecoa lá na sala de aula e na aprendizagem*", que são as grandes preocupações de todos aqueles que estão envolvidos com o processo de ensino e aprendizagem desses estudantes. Pois, como afirma Freire (2005, p. 32), "a educação não transforma o mundo, mas muda as pessoas, e estas transformam o mundo". Nesse sentido, a escola deve ser o espaço que proporciona aos estudantes o desenvolvimento de habilidades críticas e reflexivas, além de ser o ambiente propício para que se estabeleçam vínculos de sociabilidades capazes de contribuir para a formação de uma sociedade igualitária.

Na sequência de sua entrevista, a professora Adriana destaca que "é um desafio diário, mas é uma satisfação e uma recompensa diária [...] *manter as boas relações, de ter um contato bem próximo com eles, porque é importante".* Essa proximidade já está bem consolidada, pois "*a gente já sabe o nome deles, eles já sabem o nome da gente, né*" e acrescenta ainda que "*a gente não consegue separar, no convívio diário, os alunos da Escola Mariante e os alunos da Escola Adelina, a gente tem uma relação muito boa, uma integração bem legal mesmo".*

É importante ressaltar a dimensão humana e emocional envolvida no processo, personificada na gestora Adriana. Além da complexa tarefa logística de reorganizar a estrutura escolar para acolher os novos alunos, enfrentou simultaneamente desafios psicossociais decorrentes do desastre ambiental. O evento extremo a atingiu em múltiplas dimensões: seu ambiente profissional, seu círculo familiar e sua rede de relações interpessoais. O que exigiu significativa resiliência emocional. Adriana relembra como foi lidar com esse estresse, com esse encargo emocional que pairava sobre todos, ao afirmar que "*muitos dias a gente foi no banheiro, deu uma choradinha e saiu... A gente tem que botar pra fora*".

Todos esses acontecimentos e a descontinuidade da Escola do Mirante, em dezembro de 2024, evidenciam o quão importante

é preservar a memória por meio de registros orais e documentais. Como propõe Halbwachs (1990), a memória coletiva é construída por narrativas e, ao ser questionada sobre o que considera que precisaria ser registrado de toda essa vivência para as futuras gerações, Adriana não hesita em afirmar que "*o vínculo afetivo precisa ser trabalhado, precisa ser compartilhado todos os dias, desde os nossos pequenininhos até os do terceiro ano do Ensino Médio, paralelo à aprendizagem*", pois "*a essência da escola é a aprendizagem, mas a aprendizagem como um todo*". Adriana, acrescenta ainda que "*conhecimento é tudo, mas a palavra principal é respeito. Respeito, afetividade e aprendizagem*".

Diante de tantos danos irreparáveis causados pelas enchentes, o fechamento da Escola Estadual de Ensino Médio Mariante simboliza não apenas a perda de uma instituição, mas o fim de uma era para a comunidade. A entrevista com Adriana Kroth, diretora da Escola Adelina — que acolheu alunos e funcionários da Mariante —, ofereceu um olhar íntimo sobre esse processo, além de destacar dilemas, como a reorganização espacial, a integração entre comunidades escolares e a manutenção de vínculos afetivos. Além disso, "*aprendemos que o bem material não supera o bem humano*", como ensinou a professora Adriana.

Cabe destacar que esta situação vivenciada reforça a importância da flexibilidade institucional e do investimento em infraestrutura escolar resiliente. Nesse sentido, a Escola Adelina Isabela Konzen transcende sua função educacional formal e se consolida como um pilar estruturante da comunidade. Mais do que um espaço de educação formal, a instituição representa um espaço de memória coletiva, construção identitária e mobilização social, o que vai ao encontro do que Freire (2000) define como uma *escola cidadã*: aquela que, inserida em seu território, dialoga com as demandas locais e fortalece a autonomia de seus sujeitos. Também vale destacar que a escola, para os estudantes, é o lugar do encontro, da formação de vínculos, do cultivo dos laços afetivos, do lazer.

A Escola Adelina Isabela Konzen (Imagem 2) representa a escola-comunidade, em que seus muros institucionais se diluem para dar lugar a uma relação orgânica com seu território. Seu impacto mensura-se na capacidade de fomentar a esperança coletiva, como relatou a professora Adriana em sua entrevista.

Imagem 2 — Escola Adelina Isabela Konzen, fundada em 1953

Fonte: Folha do Mate, 2023.

Certamente, essa escola merece um capítulo especial na história da educação venâncio-airense. Acredita-se que a autora dessa história já está definida. Trata-se da anfitriã e diretora Adriana, que disse:

> *Quero escrever um livro e contar os N causos de uma professora, de uma supervisora, de uma vice-diretora e de uma diretora, que é o que eu desempenhei nessa minha trajetória profissional. De contar sobre as gratificações,*

> *os perrengues, os desafios todos e o aprendizado que é ímpar. Na nossa profissão, o aprendizado é ímpar* (Adriana Dorneles Janti Kroth, entrevista, 2024).

Adriana, que esta obra seja concretizada brevemente. Acredito que trará em suas páginas o poder transformador da educação, pois, como afirmaram Ana Vilela e Nando Reis, "*A vida é preciosa, todo mundo sente*".

Outono de 2025.

REFERÊNCIAS

CABRAL, Patrícia Martins Fagundes Cabral. Resiliência. *In*: FREITAS JÚNIOR, José Carlos da Silva (Org.). **O líder global**. (pp. 24-40). Editora Unisinos. 2016

ESCOLANO, Agustín. Arquitetura como programa: espaço-escola e currículo. *In*: VIÑAO FRAGO, Antonio; ESCOLANO, Agustín. **Currículo, espaço e subjetividade**: a arquitetura como programa. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

FARDIN, Iuri. **Escola de Vila Mariante pode ser reaberta ainda em abril**. Disponível em: https://www.gaz.com.br/escola-de-vila-mariante-pode-ser-reaberta-ainda-em-abril/ Acesso em: 25 mai. 2025.

FREIBERG, Jerome H; STEIN, T. A. **Clima escolar**: medir, mejorar y mantener entornos de aprendizaje saludables. Philadelphia, PA: Falmer Press, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GÓES, Manno; NETINHO. **Somos todos um**. [S.l.]: Sony Music Brasil, 2023. 1 música (3m 45s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=exemplo. Acesso em: 26 maio 2024.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

KROTH, Adriana Dorneles Jantsch. Entrevista concedida à Rafaela Limberger. Escola Adelina, Venâncio Aires – RS, 2024.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. A instituição educativa na modernização do local. Perspectiva histórico-pedagógica. **Rivista di storia dell'educazione**, v. 1, 2018, p. 41-55. Disponível em: https://bityli.com/dDieA. Acesso em: 20 maio 2025.

REIS, Nando; VILELA, Ana. **Laços de Ternura e Aliança**. [S.l.]: Universal Music, 2024. 1 música (3m 42s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=exemplo. Acesso em: 26 maio 2024.

SCHWEIKART, Luana. **Escola Adelina Isabela Konzen festeja 70 anos**. Disponível em: https://folhadomate.com/livre/escola-adelina-isabela-konzen-festeja-70-anos/. Acesso em: 25 mai. 2025.

SIMMEL, Georg. O estrangeiro. *In*: MORAES FILHO. E. (Org.). **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

10

Helen da Silva Silveira

O RIO DE TAQUARAS:
UM BREVE HISTÓRICO DA VILA MARIANTE E DA CIDADE DE VENÂNCIO AIRES – RS

Muitas vezes, no senso comum, a história de Venâncio Aires inicia com a fundação das colônias imigrantes locais na metade do século XIX, entretanto, o município se constitui como um povoamento muito anterior a imigração. O território do município de Venâncio Aires pode ser datado de meados do século XVIII. Originalmente, ele fazia parte de Rio Pardo. Francisco Machado Fagundes da Silveira era um capitão das tropas do quartel de Rio Pardo e é considerado o primeiro a possuir terras no local: em 1762, ele recebeu uma sesmaria de terras e instalou propriedades no lugar, que passou a ser conhecido como Faxinal dos Fagundes[1].

Como o território adquirido por Francisco pertencia a Rio Pardo, é necessário considerar que Venâncio Aires é fruto do desmembramento de cidades da região que foram surgindo de Rio Pardo. Originalmente seu território fazia parte de Rio Pardo e depois Triunfo, Taquari e, por último, Santo Amaro. Ao longo do tempo, foi conhecido

1 Informações retiradas de: Vogt e Rosa, 2004.

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-424-7.10

como Faxinal dos Fagundes (séc. XVIII), Faxinal dos Tamancos (meados do séc. XIX) e Freguesia de São Sebastião (1884-1891)[2].

Ainda no século XVIII, as terras do capitão Francisco eram cultivadas e resguardadas pelos escravizados pertencentes a ele, que ficavam, desta forma, encarregados delas na ausência de Francisco, que passava boa parte do tempo no comando das tropas em Rio Pardo. Em 1778, ele veio a falecer, deixando uma significativa herança para seus filhos herdeiros, que continuam sendo proprietários na região. Outros sesmeiros chegariam somente no final do século.

Com o passar do tempo, a família do capitão Francisco se tornou poderosa e influente na região, possuindo terras e escravizados. Um século depois, em 1864, sua neta, Brígida do Nascimento, fez uma doação de 10 mil braças de terra para que fosse construída uma capela em devoção a São Sebastião Mártir. Na época, o território constituía um povoado conhecido como Faxinal dos Tamancos, por causa de uma fábrica de tamancos localizada na atual Vila Mariante.

Segundo a historiografia local, Brígida do Nascimento fez a doação de terras para pagar uma promessa, feita alguns anos antes a São Sebastião Mártir. A promessa seria de que se seus filhos, Fidelis e José Joaquim, voltassem a salvo da Guerra dos Farrapos. Se atendida, ela doaria a área de terras para a construção de uma capela em homenagem a este santo. Outro motivo da doação seria a possibilidade de valorizar a região e as terras de sua família, tornando-as atrativas para povoamento e atividades econômicas.

Esta história passou a ser considerada uma espécie de mito de fundação, em que a cidade foi originada sob a fé de uma senhora que teve um ato de bondade. Os registros do livro tombo da paróquia da Igreja Matriz da cidade trazem a cópia da escritura das terras e da carta de doação, neste sentido, há provas materiais do ocorrido. Doar as terras catapultou a figura de Brígida do Nascimento à imagem de

2 Informações retiradas de: Vogt e Rosa, 2004; Silveira, 2021.

boa senhora caridosa e benevolente. Descrita como alguém dotada de sentimento humanitário e amoroso pelas crianças e pelos negros, sempre preocupada que tivessem alojamento e comida e de que não passassem frio no inverno, "muitas vezes ela ia até a senzala certificar-se de que estavam agasalhadas, se todos tinham cobertas para enfrentar o rigoroso inverno gaúcho" (Moura, 2013, p. 47).

Assim, parece que Brígida era movida pelo seu "amor incondicional" pelos necessitados, uma benevolência sem tamanho. A forma como ela é descrita se assemelha muito com a imagem criada da Princesa Isabel, que teria libertado os escravizados por se compadecer com o sofrimento dos mesmos. O verniz da pintura é tão forte que quase ofusca um fato muitíssimo importante: ela era uma senhora de escravos e de muitas terras. Para termos uma noção, a área doada corresponde a quatro quarteirões do centro da cidade atualmente.

Essa pintura de Brígida é condizente com o mito da "escravidão branda" e dos "senhores benevolentes", algo que, para alguns autores, como Abdias do Nascimento, são partes fundamentais para o discurso da democracia racial:

> Outro dos mitos de conveniência inventados para mitigar a consciência de culpa do opressor e minimizar acusações contra ele é o mito que apregoa um alto grau de bondade e humanidade na escravidão praticada na católica América Latina: as colônias espanholas e portuguesas. Nestas, o caráter do regime escravocrata seria o oposto daquele existente nas colônias inglesas na América, especialmente nos Estados Unidos. [...] este mito constitui mais uma entre as incontáveis manipulações que têm contribuído ao sucesso da propagação de outro mito: a 'democracia racial' (Nascimento, 2016, p. 61-62).

Conforme o autor coloca, um mito reforça o outro e diminui a responsabilidade dos colonizadores. Brígida era dona de escravizados e de terras e nasceu e morreu sob a vigência da escravidão, sendo, durante toda a sua vida, uma escravista. Ela, em

sua propriedade, tinha uma senzala com os escravizados que pertenciam a sua família.

De acordo com algumas pesquisas, alguns ancestrais da família de Brígida tinham por costume torturar os escravizados e, quando estes morriam, os jogavam em um terreno pantanoso que ficava dentro da propriedade da família. Essa foi justamente a parte doada para a construção da capela: "Não era pra cavar, porque tinha muito escravo enterrado naquele lugar... muito escravo... ali enterrado. Deve ser por isso que ela doou aquela terra. O lugar era uma espécie de cemitério de escravos" (Pereira, 2012, p. 110).

Parece que o ato de caridade da boa senhora teve outras motivações além das já citadas. Brígida é descrita como uma mulher muito religiosa, e católica e uma das principais características do catolicismo é justamente a culpa e o pecado; são eles que muitas vezes motivam atos de sacrifício ou caridade, e pelo visto a boa senhora sentia muita culpa pelos pecados de sua família.

Neste sentido, é importante ressaltar que frequentemente o progresso e desenvolvimento da cidade é tido como fruto do trabalho imigrante, sobretudo. Apesar de existir uma história que beira o mito, a realidade foi outra. Quando se trata da criação e do desenvolvimento do município de Venâncio Aires, existe uma visão totalmente baseada no racismo e na exclusão dos negros e negras. Porém, para a bibliografia contemporânea, o trabalho da população negra acontece desde o momento em que o território do município começa a se definir, sendo fundamental para garantir o domínio da família de Francisco Machado Fagundes da Silveira, pois eram os escravizados que trabalhavam e faziam as terras produzirem, enquanto Francisco exercia suas funções militares. Sua neta teria feito uma promessa a um santo, o que acabou por encobrir os rastros da violência da escravidão praticada por seus antepassados.

Mas é importante mencionar que os homens e mulheres negras eram muito mais do que uma massa sem rosto de cativos,

eles faziam muito mais do que trabalhar para essas famílias. A fé em São Sebastião foi algo compartilhado entre os escravizados, que sabiam da existência do cemitério e organizaram uma irmandade religiosa para se mobilizar coletivamente em prol da luta pela liberdade e da promoção de enterramentos dignos para seus familiares e companheiros de senzala. Nos arquivos da paróquia da Igreja de São Sebastião Mártir, encontra-se o registro da Irmandade de São Sebastião Mártir de 1880, no qual foram listados dezesseis nomes de pessoas negras, entre livres e cativas que queriam participar da confraria. Constam nomes como os de Antonio da Rosa, Leopoldino da Rosa, Angelica da Rosa, João da Costa e Augustino da Cruz, que eram cativos de famílias ricas e influentes na política local, mas que possuíam entre si laços comunitários e rituais de família e comunidade[3].

Isso desmonta outro mito, o de que os escravizados não tinham família ou comunidade na senzala. Eles não só possuíam família sanguínea, como também ritualística, sacramentada por laços de compadrio e comadrio no batismo de crianças da comunidade cativa. A irmandade teve importante papel na construção da igreja de São Sebastião Mártir, que até hoje é um dos principais cartões postais da cidade e tem papel de destaque na festa de São Sebastião, celebrada todo ano.

Mariante é um dos distritos mais antigos da cidade e sua criação, enquanto colonização portuguesa, obedece ao mesmo padrão apresentado anteriormente. Antônio Joaquim da Silva Mariante era um militar, possivelmente do Rio de Janeiro, que teria recebido por parte do governo imperial uma área de terras devolutas ou sesmarias após o fim da Guerra dos Farrapos, em 1845, da qual participou. A Vila Mariante engloba a área de terras desde a Sanga da Divisa, em linha Ponte Queimada, até o rio Taquari, e teria sido criada por volta de 1856, quando o território de Venâncio Aires pertencia à então freguesia de

3 Informações retiradas de: SILVEIRA, 2021.

Santo Amaro. Ainda é possível citar habitantes que vieram dos estados da Bahia e do Rio de Janeiro[4].

Mas a comunidade ribeirinha que se formava ali já possuía formas de sobrevivência anteriores ao coronel Mariante e tirava seu sustento do comércio de erva-mate e da extração de madeira havia quase 100 anos.

Foi na Vila Mariante que houve o primeiro loteamento de terras para fins de colonização germânica, em meados do século XIX, a partir do incentivo dado pelo próprio coronel Mariante. A casa construída para a família do militar, há 140 anos, mais ou menos, ainda pode ser vista no distrito.

Imagem 1 — Casa da família Mariante

Fonte: Venâncio História. Disponível em: https://venancionahistoria.com.br/aprender/22.

4 Informações retiradas de: Nos tempos em que Venâncio Aires usava tamancos de madeira. Reportagem do jornal Folha do Mate, 13 fev. 2022. Disponível em: https://folhadomate.com/venancio-aires/nos-tempos-em-que-venancio-aires-usava-tamancos-de-madeira/. Acesso em: 20 maio de 2025.

O nome do rio que banha a Vila Mariante, o rio Taquari, vem do tupi-guarani e significa "rio das taquaras". Isso se apresenta como um importante indício da influência indígena em nossa cultura. O Brasil como um todo é, por excelência, um território indígena. A presença das inúmeras etnias indígenas podem ser identificadas no país, no estado do Rio Grande do Sul e em nossa cidade, principalmente, quando se trata de Mariante, pois os povos indígenas ocupavam aquele território muito antes de qualquer militar luso-brasileiro. Os indígenas que habitavam aquela região construíram, como parte do seu legado, a forma como nomeamos o rio e os conhecimentos sobre o cultivo e preparo da erva-mate, base do chimarrão, bebida de origem símbolo do município.

Mas é preciso avançar um pouco mais no tempo para compreender a importância dessa parte da cidade no desenvolvimento municipal como um todo. Em 1897, Mariante foi promovida a distrito municipal. Esse distrito possuía grande relevância econômica, pois era a partir do porto de Mariante que a produção era escoada até a capital Porto Alegre e a cidade postuária de Rio Grande. Décadas depois, por voltas dos anos de 1940, Vila Mariante tinha quatro portos e vários estabelecimentos comerciais que recebiam a produção de boa parte do estado e abastecia a capital Porto Alegre com produtos do campo, como erva-mate, madeira, fumo, soja, trigo, frutas e carne bovina. O "rio das Taquaras" também era um meio de transporte de pessoas que viajam em barcos a vapor para a capital e para outros destinos do estado[5].

Isso propiciou o crescimento e a evidência do distrito na cidade. Alguns relatos de história oral dão conta de um período áureo da vila, como o de Roni Silva Maria, de 67 anos, morador, nascido e criado em Mariante, que leciona na escola da comunidade.

5 Informações retiradas de: Segundo Distrito: Vila Mariante. Reportagem do Caderno Folha Distritos. Jornal Folha do Mate, 29 nov. 2007. Disponível em: https://venancionahistoria.com.br/aprender/22

> *O senhor lembra como era a vila quando o senhor era pequeno? O senhor tem essa memória?*
>
> Entrevistado: *Barbaridade! A vila era uma cidade. A vila tinha, na época de infância, nossa brincadeira era contar caminhões estacionados da ponte até o centro da vila. Nós tínhamos lá na vila as quatro distribuidoras maiores de petróleo, a Eshel, a Shell, a Atlantique e a Ipiranga. Nós tínhamos um cais de exportação que exportava cereais através de navegações de Lajeado. A escola tinha uma sociedade com quatro clubes de bolão, inclusive foi onde eu peguei meus primeiros trocados nos bolões* (Roni Silva Maria, entrevista, 2024).

O bolão referido por ele era uma espécie de boliche que funcionava junto à escola. Como é possível perceber no relato do professor Roni, havia uma vida pulsante movimentando o distrito. As distribuidoras de petróleo e o cais citados por ele foram instalados na localidade no início dos anos de 1950. O crescimento de Mariante se conecta com uma tendência observada para o interior do município no geral.

Na primeira metade do século XX, a maior parte da população do município residia no interior, em zonas rurais, e a maior parte da produção econômica estava diretamente relacionada com o campo, agricultura e pecuária. De acordo com dados estatísticos dos censos do estado do Rio Grande do Sul, a zona rural era significativamente maior do que a área urbana.

Como mostram os dados, a população dos municípios cresceu constantemente na primeira metade do século, o que aponta um desenvolvimento da região. A partir de 1920, quando se passou a verificar os habitantes rurais e urbanos, pode-se perceber que a grande maioria da população é rural até, pelo menos, 1950. No ano de 1920, Venâncio Aires possuía por volta de 20 mil habitantes, mas somente 750 deles moravam na vila municipal, que seria a parte urbana onde ficava a administração política, a Igreja Matriz, etc. Esta

é uma tendência que não se alterou mesmo após trinta anos, já que, em 1950, dos 31.406 moradores do município, apenas 3.687 não habitavam a parte rural. Em Venâncio Aires os relatórios da Intendência Municipal trazem algumas fotos do centro da vila.

Imagem 2 – Praça Duque de Caxias

Fonte: Relatório de Intendência, 1913. Acervo: Núcleo de Cultura do Museu de Venâncio Aires.

Esta é a praça Duque de Caxias. É provável que esta seja a praça na qual se localiza a Igreja de São Sebastião Mártir, o padroeiro da cidade, a igreja é a construção com uma torre, a edificação mais alta da foto. A praça também não tem muita coisa e, do outro lado, parece haver uma plantação. A foto também ilustra a vista central da rua principal e, como podemos ver, no início do século XX, o centro da cidade era pouco povoado e sem muita estrutura.

De acordo com os censos, em 1900, Venâncio Aires contava com uma população de 11.079 pessoas e tinha somente um distrito,

em razão de estar emancipada não havia nem dez anos. Em 1950, possuía três distritos e uma população de 31.406 habitantes[6]. Se considerarmos que a maioria dos habitantes moravam no campo, como mostram os dados, então é provável que a maioria dos distritos fossem rurais também. No mapa abaixo é possível ver a distribuição do território da cidade de Venâncio Aires em 1920.

Imagem 3 — Venâncio Aires, 1920

Fonte: Acervo do Núcleo de Cultura do Museu de Venâncio Aires.

Ao olhar o mapa, é possível notar a desigualdade de tamanho entre a vila, que corresponde ao pequeno pedaço circulado em verde próximo ao 2º distrito, que está circulado em vermelho e é bem maior que a vila municipal. Isto significa que não se trata de uma cidade em processos de urbanização que estava empurrando seus pobres

6 Fonte: Censos do RS: 1803-1950. Disponível em: https://cdn.fee.tche.br/publicacoes/digitalizacao/de-provincia-ide-sao-pedro-a-estado-do-rs-vol-1-1981.pdf

para a beirada da cidade, como ocorria em grandes capitais ou região metropolitana. Portanto, há um certo contraponto entre este rural que domina e alguns anseios de modernidade do urbano. Suas fronteiras não ficam muito explícitas, pois, com um urbano pouco desenvolvido, é difícil saber onde termina um e começa o outro.

Assim, mesmo que a cidade crescesse e se desenvolvesse, isso não significava que ela passava a ser urbana, pois o seu meio rural era maior, com populações que muitas vezes viviam e trabalhavam no campo. A configuração dessa cidade também está diretamente relacionada com a economia da região, que tinha sua força na agropecuária, principalmente na criação de bovinos, suínos e galinhas, sempre na casa dos milhares, e no plantio de arroz, fumo, milho e erva-mate em centenas de toneladas. Atividades comerciais e prestação de serviços que são tipicamente urbanas eram menores e mais incipientes, feitas em pequenas casas de comércio e oficinas caseiras.

Essa produção precisava ser escoada com eficiência e rapidez, algo feito a partir do porto da Vila Mariante. Assim, temos aqui um conjunto interessante de fatores que proporcionaram desenvolvimento para aquele distrito: a alta concentração de moradores em localidades rurais, como o distrito em questão, e a pungência da produção agropecuária, que tinha uma parte significativa transportada pelo rio Taquari, no já citado porto. Ainda segundo Roni, havia outros aspectos sociais no distrito que eram apreciados:

> *Essa sociedade tinha em torno de uns 150 sócios, com salão de bailes, CGTs... Era muito legal! Tínhamos a Festa de Navegantes, eram dois dias, né?* [...] *Era uma vila bem movimentada! Tínhamos quatro hotéis, dois postos de gasolina bem movimentados... Restaurantes também, tinha três ou quatro. Na rodoviária, entrava mais ônibus na Vila Mariante do que em Venâncio, Bom Retiro e Itamari, era impressionante! As empresas de ônibus que entravam — somente depois da inauguração da ponte, né, que foi inaugurada justamente no ano que eu nasci,* [19]*58* (Roni Silva Maria, entrevista, 2024).

A festa de Nossa Senhora dos Navegantes é uma das festas religiosas mais populares do Brasil. Celebrada no dia 2 de fevereiro, como um sincretismo da orixá Iemanjá, senhora das águas salgadas, uma das mais importantes divindades na cultura e religião afro-brasileira. A festa religiosa movimentava e atraía pessoas para Mariante que certamente deviam lotar os hotéis, bares e restaurantes locais citados no trecho acima da entrevista. A vida social era outro ponto importante do distrito, e tudo isso se conectava diretamente com o rio Taquari, que logo veria mudanças.

> Profe Rafa: *E o senhor... Esse movimento na vila se deve ao rio?*
>
> Entrevistado: *Ao rio! Ao rio. E depois vai diminuindo, né? Foi o progresso. Em Mariante, não sei se não teve empenho das autoridades municipais, porque Mariante pertencia a Venâncio Aires, foi feita uma barragem em Bom Retiro, aí os barcos das exportações que eram feitas já passaram pro super porto em Estrela. A Petrobras,* [com] *o surgimento da Petrobras, as distribuidoras que tinha em Mariante foram todas para Esteio, direto* [para] *a Petrobras. Terminou aquela muvuca de caminhão, que saía petróleo do Mariante para todo o estado do Rio Grande do Sul* (Roni Silva Maria, entrevista, 2024).

Desta forma, a partir dos anos de 1960, foram ocorrendo novas transformações nas cidades vizinhas e no plano econômico do país e o distrito foi perdendo aspectos importantes que lhe conferiam status produtivo na região. Com o passar do tempo, a falta de novos investimentos para tornar a localidade atrativa, aliada aos desafios ambientais apresentados pelas cheias do rio Taquari, contribuíram para o declínio populacional e econômico do distrito.

As transformações sociais e políticas fazem parte da marcha da história, assim sempre esperamos que elas possam acontecer, mas é preciso levar em conta como elas afetam a vida das pessoas. As mudanças ocorridas em Mariante afetaram profundamente o

cotidiano dos habitantes do distrito. O processo de declínio iniciado nos anos de 1960 teve reflexos a longo prazo. Um deles foi, com certeza, o abandono e a falta de planejamento por falta do poder público para as cheias do rio, que constantemente inundava a vila, obrigando seus moradores a construir suas casas cada vez mais no alto.

No entanto, com as mudanças climáticas que ficaram mais intensas, a Vila Mariante foi gradativamente sendo deteriorada. As enchentes que atingiram o estado do Rio Grande do Sul, em 2024, arrasaram o distrito atingindo, inclusive, a Escola Mariante, que abrigou gerações da família de Roni, como ele mesmo conta.

Profe Rafa: *E como é que é pro senhor saber que não existe, que não vai mais existir Escola Mariante?*

Entrevistado: *Ah, isso aí, sem comentários... Não tem... Cada vez que eu falo, eu fico emocionado, e a gente briga e esperneia. Eu tive... A Escola Mariante... É uma ligação muito forte! Minha mãe é das primeiras turmas, minha mãe tem 90 anos, a escola tem 85, quer dizer que minha mãe estudou lá quando a escola tinha 2 anos, certo? Ou 1, não sei. Quando a escola foi fundada, a minha mãe já tinha 5, logo em seguida ela foi pra escola, deve ter começado nas primeiras turmas. Minhas irmãs, o meu irmão... Então a ligação... E eu sempre participei, colaborei, depois a Sinara veio — a Sinara está há 34 anos trabalhando lá... E meus filhos, né? E a integração da escola com a comunidade. A escola é a vida... A escola teve grandes promoções, grandes eventos, movimentou aquela vila, gente! O evento da semana da pátria era uma tradição. O município praticamente oficializou o encerramento da semana da pátria de Venâncio Aires, era sempre feito em Vila Mariante. Era uma loucura aquilo! Terminava a festa, fazia... Terminava o desfile e fazia uma festa no ginásio ali, credo! Terminava, por exemplo, até às 16h e a festa ia até as 19h, e aquilo lá era gente, porque na época podia vender cerveja, eram 40, 50 caixas em 3 horas. Às vezes dava umas baguncinhas dos caminhoneiros* [riso]. *Evento de 7 de setembro, promoções, festas, bailes, tudo... E era*

> *interligado o esquema, tipo uma corrente: escola, comunidade, a nossa comunidade católica — tem um salão lá. Era tudo, praticamente, uma união muito grande!* (Roni Silva Maria, entrevista, 2024).

Como fica evidente no relato do professor Roni, tanto sua mãe quanto ele e seu irmão e irmãs estudaram na escola que possui uma relação muito forte com a comunidade local. Além de ter estudado, Roni atua como professor, assim como sua esposa, que possui mais de trinta anos de magistério na Escola Mariante, ou seja, sua história pessoal está diretamente conectada com o colégio.

Da mesma forma que sua família, deve haver outras muitas famílias que traçaram sua vida escolar naquela instituição, tornando-a um pilar da identidade dos habitantes locais e um marco na história do distrito. Isso nos convida a refletir sobre como a emergência climática se reflete na educação, pois, para que as crianças e adolescentes da Vila Mariante possam estudar, vai ser preciso se deslocar todos os dias para escolas de outras localidades, o que dificulta seu acesso e permanência na escola.

Uma das funções da história é refletir sobre como as mudanças alteraram tão profundamente as sociedades a ponto de alguns lugares deixarem de existir. Infelizmente, assim como o porto, o cais e os bolões, a Escola Mariante deixará de existir, mas não por transformações econômicas, e sim pela péssima relação que o ser humano estabeleceu com o meio ambiente desde o início do capitalismo.

Aqui reside a importância deste livro: propiciar que a Escola Mariante tenha a sua história preservada, para que a sua comunidade tenha uma parte de sua história contada e para que possamos pensar sobre como a falta de cuidado com o meio ambiente está refletindo na vida de comunidades inteiras e na educação das gerações que ainda estão se formando.

REFERÊNCIAS

MARIA, Roni Silva. Entrevista concedida à Rafaela Limberger. Escola Estadual de Ensino Médio Adelina Konzen, Venâncio Aires – RS, 2024.

MOURA, Maria Zulmira Portella de. O capitão, dono deste chão. *In*: MOURA, Maria Zulmira Portella de. **Venâncio Aires**: buscando suas raízes. Venâncio Aires: Treze de Maio, 2012.

NASCIMENTO, Abdias do. O mito do senhor benevolente. *In*: NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. São Paulo: Perspectivas, 2016.

PEREIRA, Jair Luiz. **Afrodescendente**: escravidão, trabalho e invisibilidade social. *In*: MOURA, Maria Zulmira Portella de. **Venâncio Aires**: buscando suas raízes. Venâncio Aires: Treze de Maio, 2012.

SILVEIRA, Helen da Silva. **A força viva da cor preta: associativismo negro como caminho no vale do Rio Pardo/RS (1880-1940)**. Dissertação de Mestrado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós Graduação em História. Porto Alegre, 2021. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/234748.

Nos tempos em que Venâncio Aires usava tamancos de madeira. Reportagem do jornal Folha do Mate, 13 fev. 2022. Disponível em: https://folhadomate.com/venancio-aires/nos-tempos-em-que-venancio-aires-usava-tamancos-de-madeira/ . Acesso em: 20 maio de 2025.

Segundo Distrito: Vila Mariante. Reportagem do Caderno Folha Distritos. Jornal Folha do Mate, 29 nov. 2007. Disponível em: https://venancionahistoria.com.br/aprender/22 . Acesso em: 20 maio de 2025.

POSFÁCIO

REGISTROS PARA LEMBRAR:
A ESCOLA ESTADUAL MARIANTE

Betina Hillesheim[1]

Do que se faz uma escola? Para além das suas paredes, dos muros, das cadeiras e classes, dos quadros-negros e das caixas de giz, dos desenhos expostos nos corredores, dos quadros de avisos, do jardim, dos bancos, das quadras de esporte, dos brinquedos da pracinha, dos documentos e seus arquivos, das fotografias, dos cadernos, dos armários abarrotados de materiais diversos, da sala de professores, da campainha que anuncia os tempos das aulas e dos recreios, da cozinha, do refeitório... Do que se faz uma escola quando as águas do rio arrastam tudo, deixando-nos no exercício de enumerar o que foi perdido?

Do que se faz uma escola? É esta a pergunta que reverbera nos textos deste livro, quando a professora Rafaela, seus/suas alunos/as e pessoas ligadas à escola se propõem, em um exercício de memória, a (re)construir a Escola Estadual Mariante. É preciso que as águas baixem, para que possamos ver: a escola é feita dos sonhos de uma comunidade; de gerações de estudantes, professores/as e funcionários/as que por ali passaram; das famílias que a ela confiaram seus/suas filhos/as; das lembranças da banda que lhes dava orgulho; dos desejos que ali brotaram; dos seus ruídos e silêncios; dos cheiros da merenda e dos corpos suados depois da Educação Física; das amizades e amores que ali nasceram... Uma escola é

1 Professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) em Educação e do Mestrado Profissional em Psicologia da Universidade de Santa Cruz do Sul.

feita das marcas que deixa em cada um/a, da sensação de fazer parte, das histórias...

Nos contem, diz Rafaela. *Nos ajudem a lembrar,* dizem os meninos e meninas entrevistadores. *Eu me lembro*, dizem os/as entrevistados/as. Vila Mariante brota destas memórias, viva, pulsante. A escola se (re)cria. *A vida da escola são os alunos*, diz o título do livro. A vida da escola é feita do atrito entre corpos, de encontros (e desencontros). A vida da escola não pode ser arrastada pelas águas, dizem os/as autores/as deste livro. A escola permanece.

Jeanne Marie Gagnebin (2009)[2] retoma a figura do narrador de Walter Benjamin. Diante da crise da narração tradicional, o narrador se volta não para os grandes feitos, mas para as coisas desimportantes, aquilo que a história oficial não sabe o que fazer, que não deixa rastro, que é anônimo. Assim, tratar-se-ia de uma rememoração: ao invés de repetir o que se lembra, faz-se um movimento de abertura às lacunas, ao que está esquecido, ao que não teve direito às lembranças, constituindo-se como um movimento de atenção ao presente. Nesta perspectiva, a autora traz uma ampliação do conceito de testemunha, isto é, testemunha não é apenas aquele que viu, mas, sobretudo, "aquele que não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras levem adiante, como num revezamento, a história do outro [...]" (p. 57). Tal gesto não se dá por compaixão ou culpa, mas por entender que somente a partir desta transmissão é possível inventar o presente.

Rafaela e seus/suas alunos/as nos entregam, assim, as narrativas da escola. Fragmentos das experiências daqueles/as que por ali passaram. Nesta entrega, um pedido: sejamos testemunhas, permanecendo atentos/as às palavras contadas. Ser testemunha, nestes termos, como traz Gagnebin, significa não ir embora e nem ficar

2 GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

indiferente, mas deixar-se tocar pela história do outro, possibilitando que ela possa ser recontada com outras palavras.

As águas baixaram e a vida insiste. Só coletivamente poderemos cultivar, como propõe Byung-Chul Han (2024)[3], uma política da esperança, em contraposição a um clima de medo. Afinal, enquanto o medo isola, "o sujeito da esperança é um nós" (p. 19). É necessário encontrar as palavras que (re)façam a escola. E, como testemunhas, que possamos ecoar, com Rafaela, seus/suas alunos/as e as pessoas que compuseram este livro: *eu lembro.*

3 HAN, Byung-Chul. **O espírito da esperança**. Contra a sociedade do medo. Petrópolis: Vozes, 2024.

SOBRE AS AUTORAS E OS AUTORES

Camila Francisca da Rosa

Professora, pesquisadora e sonhadora de um mundo mais justo.

E-mail: camilafdarosa@gmail.com

Carine Menna Barreto

Psicóloga e pesquisadora que insiste em apostar nos (im)possíveis para um mundo mais justo, humano e seguro, principalmente às mulheres.

E-mail: carinembarreto@gmail.com

Carlos Gilberto Pereira Dias

Sou historiador, dedicado ao mundo das artes e tenho lutado incansavelmente na sala de aula e no meu cotidiano para que possamos viver num mundo mais justo, equilibrado e humanizado.

E-mail: gpdias@hotmail.com

Eduardo Brandão da Rosa

Sou estudante da Escola Estadual de Ensino Médio Mariante, tenho 17 anos, gosto de escutar música e ir à academia. Filho de Pedro da Rosa Junior e Iascara Stautmeister Brandão da Rosa, moro na localidade de Estância Nova.

Eduardo Cristiano Hass da Silva

Sou professor, pesquisador, umbandista e apaixonado por livros, filmes e por conhecer lugares novos. Me encanta o patrimônio cultural e, entendo que, a partir dele, é possível conhecer mais sobre diferentes culturas.

E-mail: eduardohass.he@gmail.com

Fabiano Júnior Reckziegel da Conceição

Sou estudante da Escola Estadual de Ensino Médio Mariante, tenho 17 anos e gosto de ouvir música. Sou filho de Fabiano Oliveira da Conceição (em memória) e Simone Reckziegel, moro em Vila Mariante.

Gabriela Schwengber

Historiadora e pesquisadora, apaixonada por literatura brasileira. Pesquiso as trajetórias e vivências de mulheres e intelectuais ao longo dos dois últimos séculos.

E-mail: gabrielaschwengber2@gmail.com

Gabriele Milena Junges

Sou estudante da Escola Estadual de Ensino Médio Mariante, tenho 17, gosto de andar a cavalo. Sou filha de Linara M. da Silva Junges e Rodrigo Junges, moro na localidade Linha Chafariz.

Helen da Silva Silveira

Historiadora, professora e pesquisadora. Sigo acreditando nas pessoas, nos meus alunos e alunas.

E-mail: helen.dasilvasilveira@gmail.com

Igor Ivan Pacheco de Araújo

Sou estudante da Escola Estadual de Ensino Médio Mariante, tenho 18 anos, gosto de laçar, ir nos rodeios e jogar bola. Filho de Ivan Carlos Araújo e Itamara Pacheco de Araújo, moro em Vila Mariante.

Kauã Lucas Drunn

Sou estudante da Escola Estadual de Ensino Médio Mariante, tenho 18 anos, gosto de laçar e jogar bola. Filho de Patrícia Teresinha Gerhardt e Antônio Sidinei Drunn, moro em Picada Marinete.

Larisa da Veiga Vieira Bandeira

Mãe, avó, professora, gosta de ler, escrever e fazer tricô. Estuda sobre pertencimento nas comunidades alagadas em maio de 2024.

Letícia da Silva

Jornalista e escritora. Escrevo movida pelo desejo de enxergar e dar visibilidade a quem a sociedade insiste em não ver. Acredito na força das histórias e faço da escrita uma forma de resistência, escuta e transformação.

E-mail: dasilva@bra.leticia21@gmail.com

Telefone: (51) 99848-3132

Luana Eduarda Schmitt da Silva

Sou estudante da Escola Estadual de Ensino Médio Mariante, tenho 17 anos, gosto de sair com pessoas que façam bem e andar a cavalo. Filha de Derli Edgar da Silva e Bianca Chaves Schmitt, moro em Picada Mariante.

Lucas Costa Grimaldi

Historiador, professor universitário e pesquisador no campo da História da Educação. Acredito na potência da memória para a valorização das instituições educativas enquanto patrimônio da sociedade.

E-mail: lucascgrimaldi@gmail.com

Luciane Bresciani Lopes

Mulher, mãe, professora, militante da comunidade surda e defensora da educação pública, gratuita, de qualidade e inclusiva. Gosto de ouvir e contar histórias de vidas.

E-mail: lbresciani@gmail.com

Marcos Hinterholz

Historiador da educação, com experiência em pesquisas com memórias e patrimônio educativo.

E-mail: hinterholz.marcos@gmail.com

Maria Luiza Adoryan Machado

Sou psicóloga, ativista pelos direitos humanos e luto para que seja possível uma psicologia equitativa, justa e acessível para todas e todos.

E-mail: adoryanpsi@gmail.com

Marisa Fernanda da Silva Bueno

Doutora em Educação, advogada, mulher ativista e mãe.

E-mail: marisabueno62@hotmail.com

Rafaela Limberger

Historiadora, professora, pesquisadora e idealizadora deste projeto. O meu ser e estar docente se fazem cotidianamente. Defendo o afeto como ação no ensinar e que a valorização da memória é imprescindível para uma educação progressista.

E-mail: rafaelalimberger05@gmail.com

Telefone: (51) 99558-2812

Ricardo Figueiró Cruz

Professor de História, mestre em Processos e Manifestações Culturais e doutorando em Educação, pesquiso o Carnaval como prática educativa, onde memória, corpo e comunidade se encontram para produzir aprendizagem e cidadania.

Rosane Salete Sasset

Sou professora, gaúcha, e escolhi Rondônia para viver e ensinar. Acredito que a educação é a força mais poderosa para transformar vidas. Cada sorriso de um(a) estudante é a prova de que vale a pena essa jornada.

E-mail: rosane.sasset@gmail.com

Tainá Martins de Barros

Professora do encontro e da palavra partilhada, sempre caminhando em solos coletivos e com esperança tecida na justiça social. Leitora compulsiva. Vamos?

E-mail: ttaimartins@hotmail.com

Thauan de Paula Fonseca

Sou estudante da Escola Estadual de Ensino Médio Mariante. Tenho 19 anos, gosto de motocross. Sou filho de Sérgio da Rosa Fonseca e Livane Aparecida de Paula Fonseca e moro em Vila Mariante.

ÍNDICE REMISSIVO

A

abandono 55, 87, 170

acolhimento 24, 29, 30, 37, 75, 149, 151, 152

afetiva 55, 80, 85, 87, 94

afeto 17, 18, 20, 22, 25, 31, 35, 36, 37, 38, 56, 59, 61, 82, 86, 87, 93, 101, 105, 110, 144, 179

aprendizagem 45, 47, 67, 89, 134, 153, 154

C

chuva 85, 126

comunidade 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 21, 25, 27, 32, 33, 34, 35, 38, 45, 46, 47, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 60, 61, 64, 66, 67, 68, 69, 73, 75, 78, 81, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 96, 97, 104, 105, 106, 107, 109, 110, 111, 114, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 131, 132, 133, 137, 139, 141, 144, 145, 147, 148, 149, 152, 154, 155, 162, 163, 164, 170, 171, 173, 178

comunidade escolar 13, 19, 47, 55, 66, 87, 97, 105, 111, 114, 131, 133, 141, 147, 148, 152

cuidado 23, 25, 26, 27, 33, 34, 36, 38, 45, 55, 102, 105, 140, 151, 171

D

desastre ambiental 153

desigualdade 167

deslocamento 72, 104, 128

direitos 41, 51, 55, 56, 128, 133, 178

discentes 21, 39, 146, 149, 150, 152

documentação 52, 65

documentos 18, 52, 65, 86, 111, 173

E

educação popular 40

educação pública 178

emocional 24, 25, 27, 28, 29, 31, 33, 34, 42, 139, 152, 153

enchente 15, 16, 17, 18, 26, 32, 33, 35, 46, 51, 65, 66, 67, 68, 69, 72, 80, 85, 86, 87, 91, 92, 94, 96, 97, 99, 100, 102, 105, 106, 107, 110, 113, 119, 121, 122, 127, 133, 134, 136, 137, 142, 144

entrevista 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 53, 54, 55, 62, 63, 66, 67, 68, 69, 73, 74, 75, 76, 79, 80, 81, 87, 89, 91, 92, 93, 97, 98, 99, 100, 101, 103, 104, 107, 111, 113, 114, 115, 116, 118, 120, 121, 129, 137, 138, 139, 140, 144, 148, 149, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 165, 168, 169, 171

escuta 12, 21, 23, 25, 27, 32, 34, 38, 56, 84, 111, 123, 178

espaço de convivência 25, 75

ética 22, 55, 128

experiência 14, 32, 56, 57, 66, 71, 72, 75, 99, 105, 111, 112, 128, 141, 178

F

formação integral 24

H

História Oral 13, 19, 73, 87, 89, 95, 111, 123, 128, 129, 141

História Pública 13, 14, 15

histórico 14, 67, 111, 145, 157, 158

I

identidade 18, 26, 28, 29, 70, 93, 95, 104, 128, 142, 147, 171

L

livros 35, 52, 87, 88, 91, 92, 94, 99, 117, 176

local seguro 23, 37, 127

luto 21, 23, 26, 27, 33, 41, 51, 100, 126, 178

M

maio de 2024 17, 25, 44, 48, 55, 72, 80, 85, 99, 100, 107, 126, 129, 140, 144, 177

memória coletiva 33, 77, 85, 89, 104, 132, 154, 156

memórias 12, 13, 14, 15, 17, 18, 19, 21, 23, 38, 58, 59, 61, 63, 65, 69, 71, 73, 75, 77, 78, 79, 81, 83, 85, 86, 88, 104, 105,

109, 110, 111, 112, 113, 115, 119, 120, 123, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 134, 135, 136, 137, 138, 140, 141, 144, 145, 174, 178

merenda 36, 37, 135, 173

metodologia 19, 73, 87, 89, 111, 129

movimento estudantil 40

P

patrimônio 13, 14, 15, 65, 67, 110, 112, 119, 123, 176, 178

pedagogia engajada 47

pertencimento 14, 28, 29, 30, 34, 75, 87, 92, 93, 104, 122, 177

políticas públicas 134

prática pedagógica 112

preservação 67, 122

R

resiliência 38, 110, 147, 150, 152, 153

resistência 28, 30, 31, 33, 34, 46, 82, 86, 125, 129, 135, 137, 141, 178

ressignificação 23, 31, 32, 34, 67, 128

rotina 29, 33, 37, 74, 89, 136

S

salvaguarda 17, 54

saudade 33, 37, 68, 86, 92, 110, 119, 121, 122

simbólico 23, 24, 27, 35, 37, 86, 93

solidariedade 127, 138

T

tragédia 37, 73, 85, 87, 92, 100, 126, 128

trajetória 49, 69, 72, 73, 130, 131, 148, 155

transformação social 41

V

vínculos 27, 30, 33, 34, 35, 38, 41, 59, 122, 123, 153, 154

www.PIMENTACULTURAL.com

"A VIDA DA ESCOLA SÃO OS ALUNOS"

HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DA ESCOLA ESTADUAL MARIANTE - RS

REALIZAÇÃO
MUNICÍPIO DE SANTA CRUZ DO SUL
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA
pimenta cultural
Realizado com recursos do FUNCULTURA – SECULT